HISTÓRIA

DOS

VALDENSES

JAMES AITKEN WYLIE

Copyright © 2024. Empresa de Publicações Luz del Mundo.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

ISBN: 200-2-85533-777-2

Catalogação em Dados de Publicação

Editado por: Light of the World Publications Company Ltd.

Reproduzido em Torino, Italia

Impresso no: Light of the World Publications Company Ltd

P.O. Box 144, Piazza Statuto, Torino, Italia

"Lux Lucet in Tenebris"

A Luz brilha nas Trevas

Light of the World Publication Company Limited

A Luz do Mundo

P.O. Box 144 Piazza Statuto, Turin, Italy

Email: newnessoflife70@gmail.com

Esta página foi intencionalmente deixada em branco.

PREÂMBULO

Esta edição foi reproduzida por Light of the World Publication Company Ltd. Este livro pretende esclarecer sobre as verdadeiras controvérsias em jogo, refletidas em contendas inabaláveis e múltiplos dilemas morais. O relato e as ilustrações são especialmente concebidos e incorporados para edificar o leitor sobre desenvolvimentos pertinentes nas esferas histórica, científica, filosófica, educacional, religioso-política, sócio-económica, jurídica e espiritual. Além disso, padrões e correlações claros e indiscutíveis podem ser discernidos onde se pode perceber o trabalho em rede, a interligação e a sobreposição de escolas de pensamento antitético, mas harmonioso.

A longa trajetória de coerção, conflito e compromisso da Terra preparou a plataforma para a emergência de uma Nova Era. Perguntas quentes assistem ao advento desta nova era antecipada, acompanhada das suas superestruturas, sistemas de governança, regimes baseados em direitos e ideais de liberdade e felicidade. Cheio de decepção básica, repressão estratégica e objetivos da nova ordem mundial, este e-livro conecta os pontos entre as realidades modernas, os mistérios espirituais e a revelação divina. Traça o progresso cronológico da catástrofe nacional para o domínio global, a destruição de um sistema antigo e a forja de um novo; sucintamente iluminando o amor, a natureza humana e até mesmo a intervenção sobrenatural.

Repetidas vezes, acontecimentos marcantes moldaram o curso da vida e da história, ao mesmo tempo prefigurando o futuro. Vivendo em tempos de grande turbulência e incerteza, o futuro tem sido pouco compreendido. Felizmente, este trabalho permite uma visão panorâmica do passado e do futuro, destacando momentos críticos do tempo que se desenrolaram em cumprimento da profecia.

Embora nascidos em condições pouco prometedoras, afligidos em cadinhos cansativos, vários indivíduos resolveram, perseveraram na virtude e selaram a sua fé, deixando uma marca inefável. As suas contribuições moldaram a modernidade e pavimentaram a estrada para uma maravilhosa culminação e mudança iminente. Portanto, esta literatura serve como inspiração e ferramenta prática para uma compreensão penetrativa e profunda por trás do manto do questões sociais, religião e política. Cada capítulo narra tanto sobre o mundo como sobre a condição humana, envolta em trevas, envolvida em confrontos aguçados e impulsionada por sinistras e ocultas agendas e segundas intenções. Aqui, estes estão expostos de forma desavergonhada à vista plana. No entanto, cada página irradia com resplandecentes raios de coragem, libertação e esperança.

Em última análise, é nosso desejo fervoroso que cada leitor experimente, cresça para o amor e aceite a verdade. Num mundo permeado de mentiras, ambiguidade e manipulação, a verdade permanecerá para sempre como o anseio quintessencial da alma. A verdade gera vida, beleza, sabedoria e graça; resultando num propósito renovado, com vigor e uma transformação genuína, embora pessoal, em perspetiva e vida.

INTRODUÇÃO

“Vinga, Ó Deus, seus eleitos mortos,
Cujos ossos espalhados pelos Alpes gelados.
Esses corações nos quais as tuas leis já estavam escritas,
Quando os nossos pais rezavam com madeiras e pedras;
Não os esqueças! Escrevei os gritos ;
Gemidos das vossas ovelhas forçadas
Pelos lobos do Piemonte, Das mães atiradas
À torrente com os seus filhos

A voz triste, do vale para os cumes, e dos
Para o céu. Semeai as suas cinzas
E o seu sangue de mártir, por toda a Itália,
E destes campos oprimidos
A tríplice tirania em breve fará nascer
Um rebanho cem vezes mais numeroso,
Que sabe fugir, enquanto é tempo,
Babilónia e os seus infortúnio

John Milton,
Poema após o "Páscoa de Piemonte" –
"No Final do Massacre no Piemonte" de 1655,
Lycidas e Sonnets traduzidos por Emile Saillens,,

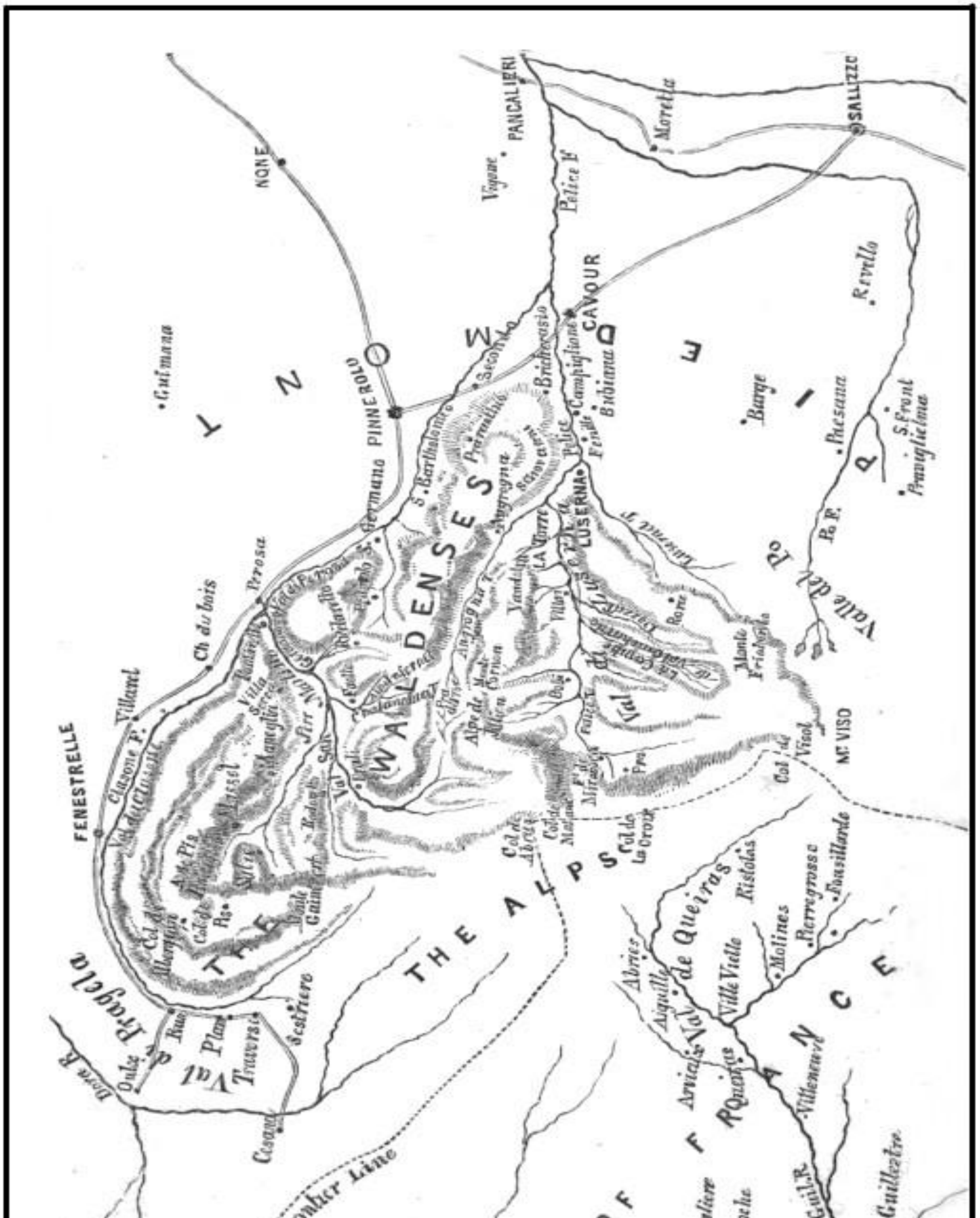
Ed. Aubier Montaigne, Paris, 1971

Entre as montanhas alpinas mais selvagens e mais isoladas que se situam entre o Clusone e o Pelice, duas torrentes montanhosas que caem no rio Pó, existe uma pequena comunidade de homens resistentes e resolutos, que continuaram a manter a sua independência religiosa contra a supremacia da Igreja Romana durante mais de mil anos. Súbditos do atual rei da Sardenha e dos antigos duques do Piemonte e da Saboia, e habitantes da parte de Pinerolo (Pignerol) mais próxima das fronteiras de França, não se assimilam totalmente nem aos italianos nem aos franceses, em termos de usos, costumes, religião e língua.

A sua situação no coração dos vales que se estendem ao longo do sopé oriental dos Alpes Cócios, entre o Monte Viso e o Col de Sestrieres, deu-lhes pela primeira vez o nome de Valdenses, Waldenses ou Vaudois; um nome que desde então tem sido empregue para os distinguir como uma Igreja primitiva e episcopal. É à história deste povo, em todos os

aspectos tão interessante, cujas doutrinas se assimilam tão quase às da Igreja de Inglaterra, e do qual se pode justamente afirmar que liderou o caminho para a nossa emancipação da escravidão papal, que este volume é dedicado. Os materiais, como a página de título indica, são derivados quase inteiramente da história compilada pelo Dr. Alexis Muston; mas muitos detalhes importantes foram introduzidos a partir daquela "Narrativa de uma Excursão às Montanhas do Piemonte", pela qual o Dr. Gilly, mais de um quarto de século atrás, despertou a simpatia, primeiro dos ingleses, e depois dos povos protestantes europeus, em nome dos então profundamente angustiados valdenses. A gentileza do Dr. Gilly permitiu-me também adotar as ilustrações que acrescentam tanto interesse ao presente volume.

WILLIAM HARLITT
Londres, Agosto de 1852


THE WALDENSES
PIEDMONT
THE ALPS
PART OF FRANCE
Frontier Line
PINNEROLO
CAVOUR
LUSERNA
LA TORRE
FENESTRELLE
PANCALIERI
SALLUZZO
NONE
Perosa
Val de Queiras
Val de Pragela
Valle del Po
Mt. VISO
Cesana
Sestriere
Villard
Ch du bois
Revello
Barge
Moretta
Vigone
Guillestre
Monte Dauphin

PREFÁCIO

Esta obra—que é uma reimpressão do décimo sexto Livro da HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO— é exclusivamente ocupado com o assunto dos valdenses. Descreve sucintamente os conflitos que eles empreenderam e os martírios que eles suportaram em defesa da sua fé e da sua liberdade e é publicado na forma presente para satisfazer as exigências daqueles que se interessam por estas pessoas notáveis.

Recentes eventos na Europa trouxeram os valdenses à proeminência, e lançou uma nova luz na grandeza de suas lutas e nos assuntos importantes e duradouros que fluíram disto. Para eles, de uma maneira muito particular, traçamos as liberdades constitucionais que a Itália a esta hora desfruta. No significativo ano de 1848, quando uma nova constituição estava sendo moldada para o Piemonte, os valdenses tornaram claro para o governo que não haveria nenhum lugar para eles dentro das linhas daquela constituição, a menos que abraçasse o grande princípio de liberdade de consciência. Para este princípio eles tinham batalhado durante quinhentos anos, e nada menos disto eles poderiam concordar como uma base de determinação nacional, convencidos estavam que qualquer outra garantia das suas liberdades seria ilusória. A sua demanda foi concedida: o princípio de liberdade de consciência—a raiz de toda a liberdade— encarnou na nova constituição, e assim os habitantes do Piemonte compartilharam igualmente com os valdenses em um benefício que as lutas mais recentes tinham sido principalmente úteis em garantir.

Não só assim: no decorrer do tempo a constituição de Piemonte foi estendida ao resto da Itália, e a nação italiana inteira até hoje compartilha dos frutos que vieram da labuta, do sangue, da fé firme, e da devoção heróica dos valdenses. Nem a sua obra terminou ainda. Eles entenderam o fim para o qual foram preservados por tantas eras de escuridão e conflitos, e se lançaram energicamente na evangelização da Itália moderna, e indubitavelmente estes crentes antigos são destinados a ganhar, na terra onde eles suportaram tantas dores tenebrosas, não poucos triunfos brilhantes, pela labuta do presente acrescentar às obrigações que a Cristandade lhes deve pelos serviços prestados no passado.

J. A. Wylie.

Índice

INTRODUÇÃO 2
PREFÁCIO 6
Capítulo 1 - Os Valdenses, Seus Vales 8
Capítulo 2 - Suas missões e martírios 14
Capítulo 3 - Suas Primeiras Perseguições 19
Capítulo 4 - Expedição de Cataneo (1488) contra os crentes do Dauphine e Piemonte ... 26
Capítulo 5 - Fracasso da expedição de Cataneo 34
Capítulo 6 – Sinodo nos Valles Valdenses 40
Capítulo 7 - Perseguições e Martírios 47
Capitulo 8 - Preparativos para uma guerra de extermínio 57
Capítulo 9 - A Grande Campanha de 1561 64
Capítulo 10 - Colônias valdenses na Calábria e Apúlia 73
Capítulo 11 – Extincao dos Valdenses na Calabria 79
Capítulo 12 - O Ano da Praga 84
Capítulo 13 - O Grande Massacre 89
Capítulo 14 – Facanhas de Gianavello – Massacre e Pilhaem em Rora 101
Capítulo 15 - O Exilio 110
Capitulo 16 - O Retorno aos Vales 117
Capítulo 17 - Restabelecimento Final nos Vales 123
Capítulo 18 - Condições dos Valdenses desde 1690 131

Capítulo 1 - Os Valdenses, Seus Vales

No século IX, as crenças supersticiosas e ritos idólatras se espalharam pelas igrejas, quando Cláudio, bispo de Turim, profundamente imbuído no espírito de Agostinho, pôs-se a deter a corrupção crescente, com todo o fervor de uma fé viva e o vigor de um intelecto corajoso e poderoso. Na batalha pela pureza da doutrina ele se juntou à causa da independência das Igrejas da Lombardia. Nos dias de Cláudio permaneceram livres, embora muitas igrejas mais distantes de Roma já tinham sido dominadas por esse poder avassalador. A Liturgia Ambrosiana ainda era usada na catedral de Milão, e a doutrina agostiniana continuou a ser pregada em muitos púlpitos da Lombardia e Piemonte. Essa independência de Roma, e a maior pureza da fé e da adoração nestas Igrejas, foi principalmente devido aos três homens apostólicos cujos nomes adornam seus anais - Ambrósio, Vigilantius, e Cláudio.

Quando Cláudio faleceu, por volta do ano 840, a batalha, embora não completamente descartada, foi mantida, mas languidamente. As tentativas foram renovadas para induzir os bispos de Milão a aceitar o manto episcopal, o emblema de vassalagem espiritual do papa, mas não foi até o meio do século XI (1059), sob Nicholas II. Estas tentativas foram bem sucedidas. Petrus Damianus, bispo de Ostia, e Anselmo, bispo de Lucca, foram expedidos pelo Pontífice para receber a submissão das Igrejas da Lombardia, e em meio a tumultos populares que essa submissão foi conseguida mediante esforço suficiente para mostrar que o espírito de Cláudio ainda permanecia no sopé dos Alpes. Nem o clero escondeu o pesar com que entregaram suas antigas liberdades a um poder que dominava toda a terra, para em seguida, curvar-se a ele, para o legado papal. Damianus, informa que o clero de Milão manteve em sua presença que "A Igreja Ambrosiana , de acordo com as antigas instituições dos pais, sempre foi livre, sem estar sujeita às leis de Roma, e que o papa de Roma não tinha jurisdição sobre a sua Igreja bem como para o governo ou a constituição desta" [Petrus Damianus, Opuse., p. 5. Allix, Churches of Piedmont. p. 113. M'Crie, Hist. of Reform. in Italy, p. 2].

Mas se as planícies foram conquistadas, não o foram as montanhas. Um conjunto considerável de manifestantes destacou- se contra este ato de submissão. Destes alguns cruzaram os Alpes, desceram o Reno, e levantaram oposição na diocese de Colônia, onde foram marcados como maniqueístas, e premiados com a estaca. Outros se retiraram dos vales dos Alpes piemonteses e mantiveram sua fé bíblica e a sua antiga autonomia. O que ao menos foi relatado, respeitando as dioceses de Milão e Turim estabeleceu a questão da apostolicidade da Igreja dos vales valdenses. Não é necessário mostrar que os missionários foram enviados de Roma, na primeira época para plantar o cristianismo nestes vales, nem é necessário mostrar que estas Igrejas têm existido como comunidades distintas e separadas desde os primeiros dias, o suficiente para eles formarem uma parte, como fizeram, sem

dúvida, da grande Igreja evangélica do norte de Itália. Esta é a prova de uma vez por todas da sua apostolicidade e da sua independência. Comprova sua descendência de homens apostólicos, se a doutrina é a vida das Igrejas. Quando seus correligionários nas planícies entraram nos limites da jurisdição romana, eles se retiraram para as montanhas, e rejeitando o jugo tirânico e as corruptas doutrinas da igreja das sete colinas, eles preservaram sua pureza e simplicidade da fé que seus pais tinham mantido. Roma tinha manifestado o cisma, foi ela que abandonou o que já foi a fé comum da cristandade, deixando por assim dizer a todos os que permaneceram no antigo terreno do indisputável título válido da Igreja Verdadeira.

Por trás dessa muralha de montanhas, que a Providência previu a aproximação do dia do mal, quase parecendo ter sido criado de propósito, que o remanescente da primitiva Igreja apostólica da Itália acendeu a sua lâmpada, e aqui a fez continuar a arder por toda a noite que desceu sobre a cristandade. Há uma coincidência singular de provas em favor da sua antiguidade. Suas tradições, invariavelmente, apontam para uma descendência ininterrupta desde os primeiros tempos, no que diz respeito a sua crença religiosa. O Nobla Leycon, que data do ano 1100 [o recente criticismo alemão se refere ao Nobla Leycon com uma data posterior, mas ainda anterior à Reforma], prova que os valdenses do Piemonte não devem a sua ascensão a Pedro Valdo de Lyon , que não apareceu até a segunda metade desse século (1169). O Nobla Leycon embora um poema, é, na realidade, uma confissão de fé, e poderia ter sido composto somente após algum estudo considerável do sistema da cristandade em contraste com os erros de Roma.

Como pode uma Igreja surgir com esse documento em mãos? Ou como poderiam estes pastores e vinhateiros, calados nas suas montanhas, ter detectado os erros contra a qual deram o seu testemunho, e encontrar seu caminho para as verdades do qual fizeram profissão aberta em tempos de escuridão, como estas? Se admitirmos que as suas crenças religiosas eram a herança de séculos anteriores, transmitida de uma ancestralidade evangélica, tudo é simples, mas se nós mantermos que eles foram os descobridores dos homens daqueles dias, afirmamos que quase se aproxima de um milagre. Seus maiores inimigos, Claude Seyssel de Turim (1517), e Reynerius, o Inquisidor (1250), admitiram a sua antiguidade, e os estigmatizaram como “os mais perigosos de todos os hereges, porque eram os mais antigos”.

Rorenco, Prior de São Roque, Turim (1640), foi contratado para investigar a origem e antiguidade dos valdenses e, claro, teve acesso a todos os documentos valdensianos, e sendo o seu grande inimigo, ele pode presumir ter feito o seu relatório o mais desfavorável que pudesse. No entanto, ele afirma que “não eram uma nova seita, dos séculos nono e décimo, e que Cláudio de Turim deve ter os destacado da Igreja no século IX”.

Dentro dos limites de sua própria terra Deus proporcionou uma habitação para esta venerável Igreja. Permitamos um olhar sobre esta região. Que vem pelo sul, através do nível plano do Piemonte, ainda que a uma centena de quilômetros de distância, podem-se ver os Alpes se erguendo, estendendo-se como uma grande muralha ao longo do horizonte. Das portas do amanhecer para o entardecer, as montanhas correm em uma linha de magnificência imponente. Pastagens e florestas de castanhas vestem a sua base; coroas de neves eternas cobrem suas cúpulas. Como são variadas as suas formas! Alguns ascendem como castelos de força estupenda, outros saltam altos e finos como agulhas, enquanto outros ainda correm ao longo das linhas serrilhadas, as cimeiras rasgadas pelas fissuras das tempestades de muitos milhares de invernos. Na hora do nascer do sol, desperta como em glória ao longo da crista da muralha de neve! Ao pôr do sol o espetáculo é novamente renovado, e uma linha como de piras para queimar é visto no céu do anoitecer.

Aproximando as montanhas, em uma linha de cerca de trinta quilômetros a oeste de Turim, se abre diante de um portal que parece uma grande montanha. Esta é a entrada para o território valdense. Um monte baixo arrastado na frente serve como uma defesa contra todos os que podem vir com intenção hostil, mas muito frequentemente como aconteceu em tempos passados, quando um monólito estupendo - o Castelluzzo – que parece atingir as nuvens, destaca-se como sentinela no portão desta região de renome. Quando alguém se aproxima de La Torre Castelluzzo ela dá a impressão de subir mais e mais, e irresistivelmente prende os olhos pela beleza perfeita de seus pilares. [O novo e elegante templo dos valdenses está agora ao pé da Castelluzzo.] Mas, a este monte um interesse maior que qualquer outro que pertence a esta simples simetria é dado. Está indissoluvelmente ligado as memórias dos mártires e empresta um halo das conquistas do passado. Quantas vezes, nos dias antigos, que foram os confessores da fé verdadeira arremessados nas suas íngremes encostas, e lançados sobre as pedras em seu sopé! E ali, misturados em um monte medonho, que ficava cada vez maior e terrível a cada outra e ainda mais outra vítima atirada a ele, estavam os corpos mutilados de pastores e camponeses, das mães e das suas crianças! Foram as tragédias relacionadas com esta montanha, principalmente, que suscitou o nobre soneto de Milton:

“Vinga, Senhor, teu santos abatidos, cujos ossos Se encontram espalhados nas frias montanhas alpinas. Que foram as tuas ovelhas, que foram teu antigo rebanho, Mortos pelos Piemonteses sanguinários, rolaram Mães com seus filhos abaixo pelas rochas. Seus gemidos Os vales ecoaram aos montes, e eles Para o céu "

Os vales valdenses são em número de sete, eram mais em tempos antigos, mas os limites do território de Vandois sofreu repetidos cortes e agora, apenas sete permanecem, situados entre Pinerolo no leste e Monte Viso, a oeste – essa montanha piramidal forma um objeto

tão proeminente que domina toda a parte da planície do Piemonte, elevando-se sobre as montanhas circundantes, e, como uma trombeta de prata, corta a escuridão do firmamento.

Os três primeiros vales são como os raios de uma roda, no ponto em que estamos, a entrada, a saber- sendo a nave. O primeiro é Luserna, ou Vale da Luz. Percorre-se pela direita um grande desfiladeiro de cerca de doze quilômetros de comprimento por cerca de dois de largura. Ele veste um piso de prados, que as águas do rio Pelice mantêm sempre fresco e brilhante. Uma profusão de vinhas, acácias e amoreiras salpicadas com suas sombras; e uma parede de montanhas elevadas fecha-o por todos os lados. A segunda é Rora, ou Vale dos Orvalhos. É um grande copo, com alguns quilômetros de circunferência, seus lados exuberantemente vestidos com prados e milhos do campo, com árvores frutíferas e florestais, e sua borda formada por montanhas escarpadas e repicadas, muitos deles cobertos pela neve.

O terceiro é Angrogna ou vale dos gemidos de que falaremos mais particularmente depois. Para além da extremidade dos primeiros três vales estão os quatro restantes, formando, por assim dizer, o aro da roda. Estes últimos são fechados, por sua vez, por uma linha de altas montanhas, que formam um muro de defesa em torno de todo o território. Cada vale é uma fortaleza que tem a sua própria porta de entrada e de saída, com suas grutas e pedras, e árvores de castanhas poderosas, formando locais de refúgio e abrigo, de modo que a maior habilidade de engenharia existente não poderia ter feito melhor adaptação em cada um destes vários vales para ter este efeito. Não é menos notável que, tendo todos estes vales juntos, cada um está tão relacionado com outro, a abertura de um para outro, que pode ser dito formar uma fortaleza de força incrível e incomparável inteiramente inexpugnável, na verdade. Todas as fortalezas da Europa, mesmo que combinadas, não formariam uma cidadela de modo extremamente forte, e tão deslumbrantemente magnífica, como a habitação de montanha de Vandois.

"O nosso Eterno Deus", diz Leger: "com esta terra destinada a ser o teatro de suas maravilhas, e o baluarte da sua arca, tem, por meios naturais, mais maravilhosamente o fortalecido". Se a batalha começasse em um vale poderia ser continuada em outro, e levado sucessivamente por todo o território, até que o último inimigo invasor, dominado pelas rochas rolasse sobre elas das montanhas, ou atacado por inimigos que começassem de repente a sair da névoa ou de algumas cavernas insuspeitas, acharia a retirada impossível, e feito em pedaços, deixasse seus ossos para branquear nas montanhas, que ele tinha vindo para dominar.

Estes vales são encantadores e férteis, bem como fortes. Eles são regados por torrentes numerosas, que descem das neves dos cumes. Um tapete de grama cobre o seu fundo; vinhas e botões de ouro caem de suas inclinações inferiores, os chalés nos seus lados,

docemente cobertos com folhagens em meio a árvores frutíferas, e mais acima, grandes florestas de castanhas e terras de pastagem, onde os pastores vigiam seus rebanhos durante todo o dia de verão e nas noites estreladas. Os penhascos inclinando- se, a partir do qual os saltos torrenciais para a luz do riacho cantando com alegria calma em um canto obscuro, as brumas, movendo-se majestosamente entre as montanhas, ora velando, ora revelando sua majestade, e os longínquos cumes, como ponta de prata, a ser alterado em ouro reluzente compõem uma imagem misturada de beleza e grandeza, sem igual, talvez, e certamente não ultrapassada em qualquer outra região da terra.

No coração de suas montanhas situa-se o mais interessante, talvez, de todos os seus vales. Foi neste retiro de forma circular, murado por "colinas cujas cabeças tocam o céu", que seus pastores, de todas as suas várias igrejas, costumavam reunir-se em sínodo anual. Foi aqui que sua faculdade funcionava, e foi aqui que os seus missionários foram treinados e depois da ordenação, foram enviados a semear a boa semente, com a oportunidade oferecida, em outras terras. Vamos visitar este vale. Subimos a ele pelo longo, estreito e sinuoso Angrogna. Prados radiantes e vivos a animam sua entrada. As montanhas de ambos os lados estão vestidas com a videira, a amoreira, e os castanheiros. Logo o vale se contrai e torna-se áspero com a projeção das rochas, e com árvores de grande sombra. A poucos passos adiante se expande em uma bacia circular, com bétulas, quedas d'água, cercada por cima de rochedos nus, com franjas de pinheiros escuros, enquanto que o pico branco parece descer do céu. Um pouco antes o vale parece ser trancado por um muro montanhoso, estabelecido para a direita através dela e além, elevando-se para cima e de forma sublime, é visto um conjunto de Alpes nevados, que está colocado no meio do vale em questão, onde queimou a antiga vela da era dos valdenses. Alguma convulsão terrível rachou este monte de cima a baixo, abrindo um caminho através dele para o vale e além. Entramos no abismo escuro, e prosseguindo ao longo de uma borda estreita no lado da montanha, a meio caminho entre a inclinação e a torrente, se ouve o trovejar no abismo abaixo, e as cimeiras que se apóiam sobre nós acima. Caminhando, assim, por cerca de duas milhas, a passagem começa a se alargar, a entrar luz, e agora chegamos ao portão de Pra.

Abre-se diante de nós um nobre vale circular, seu fundo gramíneo regado por torrentes, os seus lados dotados de habitações e vestido com searas e pastagens, com um anel de picos brancos cercando-o acima. Este foi o santuário interior do templo valdense. Enquanto que o resto da Itália tinha se desviado aos ídolos, somente o território valdensiano tinha sido preservado para a adoração do Deus verdadeiro. E não foi ele que encontrou neste solo nativo um remanescente da Igreja Apostólica da Itália mantido, que Roma e toda a cristandade poderia ter diante de seus olhos um monumento perpétuo do que eles próprios tinham sido uma vez, e uma testemunha viva para testificar como agora eles haviam abandonado a sua primeira fé? [1]

NOTAS:

[1] Esta breve descrição dos vales valdenses foi elaborado a partir de observações pessoais do autor por J. A. Wylie (1808-1890)

London: Cassell and Company, 1860

Capítulo 2 - Suas missões e martírios

Seu Sínodo e Faculdade – Seus Dogmas Teológicos – A sua versão do Novo Testamento – A Constituição da sua Igreja – Seus Trabalhos Missionários – A grande difusão de suas doutrinas

É o caso de alguém desejar ter uma visão mais próxima dos pastores, que presidiram a escola de teologia protestante que antigamente existia nos vales, e saber como se saíram com o cristianismo evangélico nos séculos que precederam a Reforma. Mas o tempo é remoto e os eventos são obscuros. Mas podemos duvidosamente recolher de uma variedade de fontes os elementos necessários para formar uma imagem desta venerável igreja, e mesmo assim a imagem não estará completa. A teologia de que esta era uma das cabeças-fonte, com um sistema bem definido e abrangente, não era clara, o qual no século XVI nos deu, foi somente o que homens fiéis das Igrejas da Lombardia tinham sido capazes de salvar do naufrágio do cristianismo primitivo. A verdadeira religião, sendo uma revelação, foi desde o início completa e perfeita, no entanto, neste como em qualquer outro ramo do conhecimento, é apenas pelo trabalho paciente de que o homem é capaz de extrair e organizar todas as suas partes para entrar na plena posse da verdade.

A teologia ensinada nos séculos anteriores nos vales em que temos colocado na imaginação foi elaborado a partir da Bíblia. A morte expiatória e a justificação de Cristo foi a sua verdade cardeal. Esta, a Nobla Leycon [Lição Nobre] e outros documentos antigos abundantemente testificam. O Nobla Leycon expõe com razoável clareza a doutrina da Trindade, a queda do homem, a encarnação do Filho, a autoridade perpétua do Decálogo como dado por Deus [isso refuta a acusação de maniqueísmo feita contra eles por seus inimigos] a necessidade da graça divina, a fim de praticar boas obras, a necessidade de santidade, a instituição do ministério, a ressurreição do corpo e a bem-aventurança eterna do céu. [Sir Samuel Morland dá o Nobla Leycon na íntegra em sua História das Igrejas dos valdenses. Allix (cap. 18) apresenta um resumo do mesmo.] Este credo seus professores exemplificaram na vida da virtude evangélica. A irrepreensibilidade dos valdenses se tornou um provérbio, de modo que se alguém que normalmente fosse isento de vícios do seu tempo era como a certeza de ser suspeito de ser um Vaudes. [O Nobla Leycon tem a seguinte passagem: - "Se há um homem honesto, que deseja amar a Deus e reverenciar Jesus Cristo, que não faça calúnia, nem jure, nem minta, nem comete adultério, nem mata, nem rouba, nem se vinga de seus inimigos, eles num instante dizem que ele é um Vaudes e digno de morte"].

Se houvesse dúvidas sobre as doutrinas dos valdenses, as acusações que os seus inimigos proferiram contra eles estariam em repouso, e a torna razoavelmente certa a ideia que

mantinham substancialmente o que os apóstolos antes de seu dia, e os reformadores depois, ensinaram. As acusações contra os valdenses incluíram uma lista formidável de "heresias". Eles sustentavam que não houve verdadeiro Papa desde o dia de Silvestre; que os ofícios temporais e dignidades não são encontrados entre os pregadores do Evangelho, que as indulgências do papa eram uma fraude, que o purgatório era uma fábula; relíquias eram simplesmente ossos podres que haviam pertencido a não se sabia quem; que ir em peregrinação não servia para nada, senão para esvaziar as economias, que a carne podia ser consumida em qualquer dia, se o apetite lhe conviesse; que água benta não foi nem um pouco mais eficaz que a água da chuva; e que a oração em um celeiro era tão eficaz como se oferecida em uma igreja. Eles foram acusados, por outro lado, de zombar da doutrina da transubstanciação, e de ter falado de forma blasfema de Roma como a prostituta do Apocalipse. [Veja uma lista de várias heresias e blasfêmias sobre os valdenses pelo Inquisidor Reynerius, que escreveu por volta do ano 1250, e extraído por Allix (cap. 22).]

Há razões para acreditar, a partir de recentes pesquisas históricas, que os valdenses possuíam o Novo Testamento no seu vernáculo. O "Lingua Romana", ou língua Romaunt, era a língua comum do sul da Europa a partir do oitavo até o século XIV. Era a língua dos trovadores e dos homens eruditos na Idade das Trevas. Esta língua - o Romaunt - foi a primeira tradução de todo o Novo Testamento feita assim desde o princípio do século XII. Este fato Dr. Gilly tem se esforçado muito para provar em seu trabalho, a versão Romaunt do Evangelho segundo João. [A versão Romaunt do Evangelho segundo João, a partir do manuscrito preservado no Trinity College de Dublin, e na Bibliothèque du Roi, Paris. Por William Stephen Gilly, DD, Canon de Durham, e vigário de Norham. London, 1848.]

A soma do que o Dr. Gilly, por uma investigação paciente dos fatos, e uma grande variedade de documentos históricos, sustenta, é que todos os livros do Novo Testamento foram traduzidos da Vulgata Latina no Romaunt, que esta foi a primeira versão literal desde a queda do império romano, que foi feita no século XII, e foi a primeira tradução disponível para o uso popular. Havia inúmeras traduções anteriores, mas apenas de partes da Palavra de Deus, e muitas destas eram paráfrases ou resumos de traduções das Escrituras, e, além disso, elas eram volumosas e, por consequência muito caras, por isso estavam totalmente fora do alcance das pessoas comuns. Esta versão Romaunt foi a primeira tradução completa e literal do Novo Testamento da Sagrada Escritura, que foi feita, como o Dr. Gilly, por uma cadeia de provas, amostras, muito provavelmente, sob a superintendência e à custa de Pedro Waldo de Lyon, não mais tarde do que 1180, e por isso é mais antiga do que qualquer versão completa em alemão, francês, italiano, espanhol ou inglês.

Esta versão foi amplamente difundida no sul da França, e nas cidades da Lombardia. Ela estava em uso comum entre os valdenses do Piemonte, e não em poucas partes, sem dúvida, do testemunho dado a verdade por esses alpinistas para preservar e difundi-las. Do

Romaunt seis cópias do Novo Testamento chegaram até nossos dias. Uma cópia é preservada em cada um dos quatro seguintes locais: Lyon, Grenoble, Zurique, Dublin, e duas cópias em Paris. Estas são pequenas, simples, e de volume portátil, contrastando com as folhas esplêndidas e pesadas da Vulgata Latina, escrita em caracteres de ouro e prata, ricamente iluminadas, suas vinculações decoradas com pedras preciosas, convidando a admiração em vez do estudo, e inapta pela sua dimensão e esplendor para a utilização pelo povo.

A Igreja dos Alpes, na simplicidade de sua constituição, pode ser considerada como tendo sido um reflexo da Igreja dos primeiros séculos. Todo o território incluído nos limites valdenses foi dividido em distritos. Em cada distrito foi colocado um pastor, que conduzia o seu rebanho para a água viva da Palavra de Deus. Ele pregava, dispensava as ordenanças, visitava os enfermos e catequizava os jovens. Com ele foi associado o governo de sua congregação um consistório de leigos. O sínodo se reunia uma vez por ano. Era composto por todos os pastores, com igual número de leigos, e seu lugar de reunião mais frequente foi o vale da montanha isolada na cabeça de Angrogna. Às vezes até cento e cinqüenta pastores, com o mesmo número de membros leigos, compareciam. Podemos imaginá-los sentados, pondo-se nas encostas do vale gramíneo - a venerável companhia de humildes, instruídos, sérios homens, presidida por um simples moderador (o cargo ou a autoridade era desconhecida entre eles), e suspendendo suas deliberações e respeitando os assuntos de suas igrejas e a condição de seus rebanhos, apenas para oferecer suas orações e louvores ao Eterno, enquanto a neve dos majestosos picos olhava de cima para eles desde o firmamento silencioso. Não havia necessidade, na verdade, de um santuário magnífico, nem de ostentação de rituais místicos para fazer a sua augusta assembléia.

O jovem que aqui sentava aos pés dos mais veneráveis aprendeu de seus pastores usando como livro-texto as Sagradas Escrituras. E não só estudavam o volume sagrado, pois eles eram obrigados a memorizá-lo e serem capazes de recitar todos os Evangelhos e Epístolas. Esta foi uma realização necessária por parte dos instrutores nessas épocas quando a impressão de cópias era desconhecida, e cópias da Palavra de Deus eram raras. Parte do seu tempo foi ocupado em transcrever as Sagradas Escrituras, ou parte delas, para distribuir, quando saíam como missionários. Por esta e por outras agências, as sementes do Verbo Divino se espalhou por toda a Europa mais amplamente do que se costuma supor. Para isto, uma variedade de causas contribuíram. Houve uma impressão geral de que o mundo estava prestes a terminar.

Os homens pensavam que estavam vendo os prognósticos da sua dissolução na desordem em que tudo tinha caído. O orgulho, luxo e esbanjamento do clero, levaram não poucos leigos a perguntar se melhores e verdadeiros guias não haveria mais de ter. Muitos dos trovadores eram homens religiosos, que fizeram muitos sermões. As horas de sono

profundo e universal tinham passado, o servo estava discutindo com seu lorde sobre liberdade pessoal, e a cidade estava em guerra com o castelo do barão pela independência cívica e corporativa. O Novo Testamento - e como aprendemos com notícias incidentais, porções do Velho - vinda neste momento em uma linguagem entendida tanto na corte como no campo, na cidade, no povoado rural, era bem-vinda para muitos, e suas verdades obtiveram uma ampla promulgação do que talvez tivesse ocorrido desde a publicação da Vulgata de Jerônimo.

Depois de passar um certo tempo na escola de pastores, não era incomum para os jovens valdenses ir para os seminários nas grandes cidades da Lombardia, ou para a Sorbonne em Paris. Lá eles viam outros costumes, eram iniciados em outros estudos, e tinham um horizonte mais amplo em torno deles do que na solidão dos seus vales nativos. Muitos deles tornaram-se especialistas em dialética, e muitas vezes converteram ricos comerciantes com quem negociavam e proprietários em cujas casas tinham se apresentado. Os padres raramente enfrentavam os argumentos dos missionários valdenses.

Manter a verdade em suas próprias montanhas não era o único objeto desse povo. Eles tinham relações com o resto da cristandade. Tinham o desejo de conduzir as pessoas para fora da escuridão, e voltar a conquistar o reino que Roma tinha dominado. Eles eram evangelistas, assim como uma igreja evangélica. Era uma velha lei entre eles que todos os que fossem ordenados em sua Igreja deviam, antes de ser elegível para um cargo na sua igreja, servir três anos no campo missionário.

Os jovens em cujas cabeças os pastores impunham as mãos não se viam em perspectiva de um rico benefício, mas de um possível martírio. Seu campo de missão eram os reinos que estavam espalhados aos pés de suas próprias montanhas. Saíam dois a dois, ocultando seu caráter real sob o disfarce de uma profissão secular, comumente como comerciantes e feirantes. Levavam sedas, jóias e outros artigos, que nesse tempo não era facilmente compráveis em mercados distantes, e eram bem recebidos como negociantes onde teriam sido repelidos como missionários. A porta da casa de campo e no portal do castelo do barão ficava igualmente aberta a eles. Mas o seu discurso era mostrado principalmente na venda, sem dinheiro e sem preço, a mercadoria mais rara e mais valiosa do que as jóias e sedas, que havia conseguido a entrada deles. Eles tiveram o cuidado de levar consigo, escondido entre os seus produtos ou sobre as suas roupas, porções da Palavra de Deus, comumente a sua própria transcrição, e para isso chamavam a atenção dos moradores. Quando viam o desejo de possuí-la, eles livremente faziam uma doação quando os meios de compra estavam ausentes.

Não houve reino do sul e Europa Central que esses missionários não entraram, e onde não deixaram vestígios de sua visita nos discípulos que fizeram. No oeste, penetraram na

Espanha. No sul da França encontraram companheiros congênitos – os Albigenses, pelo quais as sementes de verdade foram abundantemente espalhadas sobre Dauphine e Languedoc. No leste, descendo o Reno e o Danúbio, eles influenciaram Alemanha, Boêmia e Polônia, com suas doutrinas, sua trilha sendo marcada com os edifícios de culto e as estacas de martírio que surgiram em torno de seus passos. [Stranski, apud, Concile Lenfant's de Constança, citado por Conde Valerian Krasinski em sua História da Ascensão, Progresso e declínio da Reforma na Polônia, vol. i., p. 53; Lond. De 1838. Illyricus Flaccius, em seu Catalogus Testium Veritatis (Amstelodami, 1679), Leger diz que os valdenses tinham, por volta do ano 1210, Igrejas na Eslovênia, Sarmatia e Livônia. (Histoire Generale des Eglises Evangéliques des Vallées du Piemonte ou valdenses, vol. II., Pp. 336.337, 1669.)] Mesmo na cidade das sete colinas que não tinham medo de entrar, espalharam as sementes no solo desagradável, para ver se por ventura algumas viessem a enraizar-se e crescer. Seus pés descalços e trajados com roupas de lã grossa os tornaram figuras marcadas, nas ruas de uma cidade que se vestia de púrpura e linho fino, e quando a sua real incumbência foi descoberta, às vezes por acaso, os governantes da cristandade tiveram mais cuidado, em seu próprio caminho, pela eclosão da semente, regando-a com o sangue dos homens que haviam o semeado [McCrie, Hist. Ref. na Itália, p. 4].

Assim a Bíblia naqueles tempos, velando a sua majestade e missão, viajando em silêncio através da cristandade, entrando em casas e corações, fazia ali a sua morada. De sua imponente sede, Roma olhou com desdém sobre o livro e os seus portadores humildes. Ela sempre visou curvar os pescoços dos reis, querendo que eles fossem obedientes e que não se atrevessem à revolta, e assim ela deu pouca atenção a um poder que, parecia fraco, mas foi destinado a um futuro dia romper em pedaços a estrutura do seu domínio. Passo a passo ela começou a ficar preocupada, e a ter um presságio de calamidade. O olhar penetrante de Inocêncio III detectou o perigo que estava a surgir. Ele viu nos trabalhos desses homens humildes o início de um movimento que, se autorizadas a continuar ganhando força, varreria para longe tudo o que eles tinham tomado à custa de laboriosas intrigas por séculos para conseguir. Ele imediatamente começou as terríveis cruzadas, que destruiu os semeadores, mas regou a semente, e ajudou a trazer na sua hora marcada, a catástrofe que ele procurou evitar.

Capítulo 3 - Suas Primeiras Perseguições

Sua posição singular na cristandade, o seu duplo testemunho - Eles testemunharam contra Roma e para o protestantismo - Odiados por Roma - Os Alpes Cottian - Albigenses e valdenses – O peculiar território valdense – O testemunho Papal para o estado florescente da sua Igreja no século XIV – As primeiras bulas contra eles – A Tragédia do Natal, 1400 - Constância dos valdenses – A Cruzada do Papa Inocêncio VIII- Sua bula de 1487 - A montagem do exército - Duas tempestades aterradoras chegam aos vales.

Os valdenses estavam aparte e sozinhos no mundo cristão. Seu lugar nas terras da Europa é único; a sua posição na história não é menos única; e o fim que a que estavam designados a cumprir é o que tem sido atribuído a eles somente; nenhum outro povo foi permitido compartilhá-lo com eles.

Os valdenses possuíram um testemunho duplo. Como os picos cobertos de neve onde habitavam, os quais olhavam para baixo, sobre as planícies da Itália, de um lado, e as províncias da França, de outro, este povo estava igualmente relacionado com as eras primitivas e os tempos modernos, e por isso dão testemunho inequívoco em relação tanto a Roma quanto a Reforma. Se eles são antigos, então Roma é nova, se eles são puros, então de Roma é corrupta, e se mantiveram a fé dos apóstolos, segue-se incontestavelmente que Roma se afastou dela. Que a fé e adoração valdenses existia muitos séculos antes do surgimento do protestantismo é inegável; as provas e monumentos deste fato se encontram espalhadas por todas as histórias e por todas as terras da Europa medieval; mas a antiguidade dos valdenses é a antiguidade do protestantismo.

A Igreja da Reforma estava nos lombos da Igreja Valdense séculos antes do nascimento de Lutero; seu berço foi primeiro colocado entre os terrores e grandeza, os gelados picos nevados e grandes baluartes de rocha. Em suas dispersões por terras tanto sobre a França, os Países Baixos, Alemanha, Polônia, Boêmia, Morávia, Inglaterra, Sicília, Nápoles, os valdenses semearam as sementes do avivamento espiritual que, começando nos dias de Wicliffe, e avançando nos tempos de Lutero e Calvino, aguarda sua consumação integral nos séculos vindouros. No lugar em que a Igreja dos Alpes foi erigida, e o ofício a que ela foi concedida, vemos a razão desta hostil e peculiar amargura que Roma teve desta comunidade santa e venerável. Era natural que Roma desejasse apagar uma prova tão conclusiva de sua apostasia, e silenciar uma testemunha cujo depoimento tão enfaticamente corrobora a posição do protestantismo. O grande baluarte da Igreja Reformada é a Palavra de Deus; mas próximo a isso está a pré-existência de uma comunidade que se espalhou por toda a cristandade ocidental, com doutrinas e culto substancialmente semelhantes com as da Reforma.

As perseguições sofridas por estas pessoas notáveis forma uma das páginas mais heróicas da história da Igreja. Estas perseguições, prolongadas por muitos séculos, foram suportadas com uma paciência, uma constância, uma coragem, honrosa para com o Evangelho, assim como para aquelas pessoas simples, de quem o Evangelho converteu em heróis e mártires. Suas virtudes resplandecentes iluminaram a escuridão da sua era; e voltamos sem nenhum pouco de alívio da cristandade afundada na barbárie e superstição para este remanescente de um povo antigo, que aqui no seu território cercado de montanhas praticaram a simplicidade, a piedade, e o heroísmo. É o objeto principal deste trabalho tratar das perseguições dos valdenses, que se conectam com a Reforma e que eram, na verdade, parte desse poderoso esforço feito por Roma para extinguir o protestantismo. Mas temos de nos apresentar para a grande tragédia, por um breve aviso dos ataques que levaram até ele.

A que faz parte da cadeia dos Alpes que se estende entre Turim no leste e Grenoble, a oeste, é conhecida como os Alpes Cottian. Esta é a morada dos valdenses, a terra do cristianismo antigo. No oeste as montanhas deslizam para as planícies da França, a leste, eles correm para baixo para as do Piemonte. Essa linha de reluzentes cúpulas, visível entre os quais o imponente Monte Viso com seu pico coberto de neve, a oeste, e as escarpas íngremes de Genèvre no leste, faz a divisa entre os albigenses e os valdenses, os dois corpos destas testemunhas antigas. Na encosta ocidental estavam as habitações dos povos antigos, e no leste dos últimos. Não foi exatamente assim, entretanto, para os valdenses, cruzando os cumes, tomaram posse da parte mais elevada das encostas ocidentais, e quase não havia um vale em que as suas aldeias e santuários não estavam a ser encontradas. Mas, nos vales mais baixos e mais particularmente nas vastas e férteis planícies do Dauphine e Provence, espalhadas ao pé dos Alpes, os habitantes eram principalmente de cis-Alpine ou extração gaulesa, e são conhecidos na história como os Albigenses.

Como eles estavam florescendo, como numerosos e opulentos suas cidades, como as suas ricas searas e vinhas, e como as maneiras polidas e cultas diante do povo, que já dissemos, Inocêncio III exigiu uma expiação terrível deles por sua fixação em um cristianismo mais puro do que o de Roma. Ele lançou sua bula e enviou os seus inquisidores, e logo a fertilidade e a beleza da região foram varridas; cidade e santuário cairam em ruínas, e as planícies tão recentemente cobertas com o sorriso dos campos foram convertidos em um deserto. O trabalho de destruição tinha sido feito com perfeição no oeste dos Alpes; e após uma breve pausa, foi iniciada a leste, sendo resolvido a perseguir esses confessores da fé pura através das montanhas, e atacá-los nos grandes vales que se abrem para a Itália, onde estavam entrincheirados, por assim dizer, no meio de densas florestas de castanheiros e pináculos poderosos de rocha.

Colocamo-nos no sopé da encosta oriental, cerca de trinta milhas a oeste de Turim. Atrás de nós está a vasta planície do Piemonte. Acima de nós na torre da frente dos Alpes, está formado um crescente de grandes montanhas, estendendo-se desde os cumes escarpados que se inclinam sobre Pinerolo, à direita, ao pico piramidal do Monte Viso, que corta o ébano, como um chifre de prata, e marca o limite mais distante do território valdensiano à esquerda. No seio dessa crescente montanha, protegido por suas florestas de castanheiras, e rodeado por seus picos brilhantes, estão projetados os famosos vales das pessoas cujos martírios agora estamos a narrar.

No centro da imagem, diante de nós à direita, ergue-se o pilar como Castelluzzo; por trás está a massa imponente do Vandalin; e na frente, como se barrasse o caminho na entrada de qualquer força hostil a este território sagrado é delineado em grande distância, o monte baixo de Bricherasio, parecendo coberto de penas dos bosques, repletos de grandes pedras, e que deixam em aberto, entre a sua massa acidentada e as esporas do Monte Friolante no oeste, apenas uma via estreita, sombreada por nozes e acácias, que leva até o ponto onde os vales, espalhando-se como um leque, enterram-se nas montanhas que abrem os seus braços de pedra para recebê-los. Os historiadores enumeraram cerca de trinta perseguições decretadas contra este pequeno local.

Uma das primeiras datas da história deste povo mártir é 1332, mais ou menos, pois o tempo não é nitidamente marcado. O Papa reinante era João XXII. Desejoso de retomar o trabalho de Inocêncio III ordenou aos inquisidores reparar os vales de Lucerna e Perosa, e executar as leis do Vaticano contra os hereges que os povoaram. O sucesso da expedição não é conhecido, e nós citamos como exemplo principalmente neste relato, que as ordens da bula tiveram involuntário testemunho à condição da então florescente Igreja Valdense, visto que se queixa de que os sínodos, que as papas chamam de "seções, estavam acostumados a se reunir no Vale do Angrogna, com a participação de 500 delegados". [Compare Antoine Monastier, História da Igreja Vaudois, p. 121 (Lond., 1848), com Alexis Muston, Israel dos Alpes, p. 8 (Lond., 1852).] Isso foi antes de Wicliffe ter começado a sua carreira na Inglaterra.

Após esta data, raramente houve um papa que não apoiasse um testemunho não intencional o seu grande número e ampla difusão. Em 1352 encontramos o Papa Clemente VI ordenar ao bispo de Embrun, com quem se associa um frade franciscano e inquisidor, para tentar a purificação das partes adjacentes de sua diocese que se sabe estavam infectadas com a heresia. Os senhores feudais e representantes da cidade foram convidados para ajudá-lo. Embora preparado para os hereges dos Vales, o Papa não esqueceu os que estavam mais longe. Ele ordenou que o delfim [N.T.: herdeiro do trono da França], Charles de France, e Luís, rei de Nápoles, procurassem e punissem aqueles seus súditos que se desviaram de sua fé. Clemente se refere, sem dúvida, as colônias valdenses, que se sabe terem existido

naquela época, em Nápoles. O fato de que as heresias das montanhas valdensianas se estenderam para a planície a seus pés, é atestado pela carta do papa a Joana, esposa do rei de Nápoles, que possuía terras no Marquisate de Saluzzo, perto dos vales, instando-lhe para purgar seu território dos hereges que vivam nele [Monastier, Hist. Vaudois Church, p. 123].

O zelo do Papa, no entanto, foi marcado pela indiferença dos senhores seculares. Os homens que foram intimados a exterminar eram os mais diligentes e pacíficos de seus súditos, e dispostos como eles eram, sem dúvida, para favorecer o papa, eram naturalmente avessos a suportar uma perda tão grande como seria causado pela destruição da flor de suas próprias populações. Além disso, os príncipes desta época faziam muitas vezes guerras entre si, e não tinham muito tempo livre ou inclinação para fazer a guerra em nome do papa. Portanto, o trovão papal, por vezes, soou inofensivo sobre os vales e as montanhas e os lares destes confessores foi maravilhosamente blindado até quase a era da Reforma. Encontramos Gregório XI, Em 1373, escrevendo para Carlos V da França, para reclamar que seus oficiais frustraram seus inquisidores no Dauphine; que os juízes papais não tinham permissão para interpor recurso contra os suspeitos, sem o consentimento do juiz civil e que o desrespeito ao tribunal espiritual às vezes era levado tão longe como a liberação de condenados hereges da prisão [Monastier, p. 123]. Não obstante essa clemência tão condenável aos olhos de Roma por parte dos príncipes e magistrados, os inquisidores não foram capazes de fazer algumas vítimas. Estes atos de violência provocavam por vezes, represálias por parte dos valdenses. Em uma ocasião (1375) a cidade papista de Susa foi atacada, o convento dominicano forçado, o inquisidor condenado à morte. Outros dominicanos foram chamados para expiar seu rigor contra os valdenses com a pena de suas vidas. Um detestável inquisidor de Turim é dito ter sido morto na estrada perto de Bricherasio [Ibidem.].

Houve dias ruins para os papas também. Primeiro, eles foram expulsos para Avignon; depois, a calamidade ainda maior do "cisma" sobreveio a eles, mas suas aflições não tiveram o efeito de atenuar os seus corações para os crentes dos Alpes. Durante a era nublada do seu "cativeiro", e os dias tempestuosos do cisma, prosseguiram com o mesmo rigor inflexível a sua política de extermínio. Eles estavam sempre e sem demora lançando seus editais de perseguição, e os seus inquisidores estavam vasculhando os vales em busca de vítimas. Um inquisidor de nome Borelli tinha capturado 150 homens dos vales, além de um grande número de mulheres, meninas, jovens e até crianças, e os trazendo para Grenoble os queimou vivos [Monastier, p. 123].

Os dias finais de 1400 testemunharam uma tragédia terrível, a lembrança só não foi destruída pelo maior número que se seguiu. A cena desta catástrofe foi a Vale de Pragelas, que alcança Perosa, que se abre perto de Pinerolo, e é regada pelo Clusone. Era o Natal de 1400, e os habitantes não temiam o ataque, acreditando estarem suficientemente protegidos

pela neve, que caiu profundamente nas suas montanhas. Eles estavam destinados conhecer a amarga experiência de que os rigores da estação não tinha apagado o fogo da maldade dos seus perseguidores. Borelli, à frente de uma tropa armada, rompeu de repente em Pragelas, intencionando a extinção total da sua população.

Os miseráveis habitantes fugiram às pressas em direção as montanhas, carregando sobre os ombros de seus homens de idade, os enfermos, e seus filhos, sabendo que a morte os esperava eles deixaram tudo para trás. Em sua fuga um grande número deles foram surpreendidos e mortos. O anoitecer trouxe livramento da perseguição, mas não há libertação de horrores tão terríveis. O corpo principal dos fugitivos vagou no sentido de Macel, pela nevasca e agora pelo vale de San Martino, onde eles acamparam em um cume que tem desde então, em memória do evento, o nome de alberge ou refúgio. Sem abrigo, sem comida, a neve congelada em torno deles, a sobrecarga do céu de inverno sobre suas cabeças, seus sofrimentos eram inexprimivelmente grandes. Quando amanheceu o que se viu foi um espetáculo comovente difícil de divulgar!

Alguns do grupo de miseráveis perderam suas mãos e pés congelados, enquanto outros estavam estendidos na neve, com seus corpos rígidos. Cinquenta crianças jovens, alguns dizem que eram oitenta, foram encontrados mortos pelo frio, alguns deitados no gelo descalços, outros envoltos nos braços congelados de suas mães, que tinham morrido naquela noite terrível, juntamente com seus bebês .* No Vale das Pragelas, para este dia, o pai recita para o filho o conto desta tragédia de Natal. [Histoire Generale des Eglises Evangéliques des Vallées de Piemonte, Vaudoises ou. Par Jean Leger. Parte II., Pp. 6,7. Leyden, 1669. Monastier, pp. 123.124].

Era o ano de 1487. Um grande ataque foi planejado: o processo de purificação dos lânguidos vales. O papa Inocêncio VIII, que então ocupava a cadeira papal, lembrou seu xará famoso, Inocêncio III, que por um ato de vingança sumária, tinha varrido a heresia dos Albigenses no sul da França. Imitando o vigor de seu antecessor, ele expurgaria dos vales tão eficazmente e mais rapidamente do que Inocêncio III tinha feito nas planícies de Dauphine e Provence.

O primeiro passo do Papa foi a emissão de uma bula, denunciando como heréticos aqueles a quem ele entregou para o massacre. Esta bula, à maneira de todos esses documentos, foi expressa em termos hipócritas, como seu espírito, que era inexoravelmente cruel. Ela não traz nenhuma acusação contra estes homens, como sem lei, ociosos, desonestos ou desordeiros; a culpa deles, é que não adoravam a Inocêncio como ele queria ser adorado, e que eles praticavam uma santidade "simulada", que teve o efeito de seduzir as ovelhas do verdadeiro rebanho, por isso ele ordenou que essa "maligna e abominável seita de perversos" se eles "se recusam a renunciar, sejam esmagados como serpentes venenosas".

[Uma cópia fiel desta mesma bula foi apresentada por Jean Leger junto com outros documentos na Biblioteca da Universidade de Cambridge. (Hist. Gen. des Eglises Vaud. Parte II., Pp. 7-15).].

Para por em execução a sua bula, Inocêncio VIII designou Albert Cataneo, arquidiácono de Cremona, seu legado, confiando- lhe a chefia da empresa. Ele o fortificou, aliás, com missivas papais a todos os príncipes, duques e poderes, dentro de cujos domínios qualquer valdense fosse encontrado. O Papa especialmente o credenciou para Charles VIII da França e Carlos II de Sabóia, ordenando-lhes a apoiá-lo com toda a força de seus exércitos. A bula convidava a todos os católicos a tomar a cruz contra os hereges; e para estimulá-los a esta piedosa obra "absolvição de todas as penas e castigos eclesiásticos, gerais e específicos; isentados seriam todos os que se unissem à cruzada, de qualquer perjúrio que pudessem ter feito; que legitimando seu direito a qualquer propriedade que pudessem ter ilegalmente adquirido; e prometia remissão de todos os pecados aos que matassem algum herege. Ele anulou todos os contratos feitos em favor dos valdenses, ordenou que seus criados os abandonassem, proíbia a todas as pessoas dar-lhes qualquer auxílio que fosse, e todas as pessoas com poderes para tomar posse de suas propriedades".

Estes foram os poderosos incentivos - pleno perdão e licença irrestrita. Eles foram um mal necessário para despertar o entusiasmo das populações vizinhas, sempre muito dispostas a mostrar a sua devoção a Roma por derramar o sangue e saquear os bens dos valdenses. O rei da França e o Duque de Sabóia deram ouvidos s a convocação do Vaticano. Eles se apressaram em desfraldar suas bandeiras, e alistar soldados nessa causa sagrada, e logo um numeroso exército estava em marcha para a varredura das montanhas onde habitavam desde tempos imemoriais, os confessores da fé evangélica pura e imaculada. No trem deste exército armado entrou uma multidão heterogênea de voluntários, "vagabundos aventureiros", afirma Muston, "fanáticos ambiciosos, imprudentes saqueadores, assassinos impiedosos, ajuntados a partir de todas as partes da Itália" *-- uma horda de bandidos em suma, ferramentas dignas do homem cuja obra sangrenta a que foram reunidos a fazer [Muston, Israel dos Alpes, p. 10].

Antes de todos estes acordos serem concluídos, era o mês de junho de 1488. A bula do papa foi falada em todos os países, e o estrondo da preparação se ouviu de longe e de perto, pois não foi apenas nas montanhas valdenses, mas em toda a família valdense, onde quer que estivessem dispersos, na Alemanha, na Calábria, e em outros países, que esse terrível ataque estava para cair [Leger, Livr. ii., p. 7]. Todos os reis foram convidados para cingir a espada, e vir ajudar a Igreja na execução de seu propósito de efetivar um extermínio de seus inimigos, para que nunca mais fosse necessário ser repetido. Onde quer que um valdense colocasse o seu pé o solo era poluído, e teria que ser limpo; onde quer que um valdense respirava, o ar estava contaminado, e deveria ser purificado; onde quer que um

valdense salmodiasse ou orasse, haveria infecção de heresia, e ao redor do local um cordão de isolamento deveria ser posto para proteger a saúde espiritual do distrito. A bula do papa foi, portanto, universal em sua aplicação, e provavelmente o único povo que foi deixado de fora da agitação que se tinha espalhado e do alvoroço da preparação que havia por todos os lados, foram justamente os pobres homens a quem esta terrível tempestade estava prestes a desabar.

O exército reunido era de cerca de 18.000 soldados regulares. Essa força foi aumentada pelos milhares de bandidos, já mencionados, recrutados em conjunto pela recompensa espiritual e temporal de ser conquistada nesta obra combinada de piedade e pilhagem [Leger, Livr. ii., p. 26]. A divisão do Piemonte deste exército dirigiu seu curso para os "vales" propriamente ditos, do lado italiano dos Alpes. A divisão francesa, marchando a partir do norte, avançou para atacar os habitantes dos Alpes Dauphineses, onde a heresia dos Albigenses, recuperando um pouco a sua terrível extirpação por Inocêncio III, começou novamente a se enraizar. Duas tempestades, a partir de pontos opostos, ou melhor, de todos os pontos, se aproximaram das poderosas montanhas, o santuário e a fortaleza da fé primitiva. A lâmpada que está prestes a ser enfim extinta, o qual queimou aqui durante muitas eras, sobreviveu a muitas tempestades. A expedição armada do papa está a postos e esperemos para ver a queda do golpe

Capítulo 4 - Expedição de Cataneo (1488) contra os crentes do Dauphine e Piemonte

Os crentes dos Alpes Dauphineses – Atacados – Fuga para o monte Pelvoux – Retiro em uma caverna – Morrem asfixiados – Cruzados franceses atravessam os Alpes – Entrada no vale de Pragelas – Avanços do exército piemontês contra La Torre – A delegação dos patriarcas valdenses – O Vale de Lucerna – Villaro – Bobbio – O plano da campanha de Cataneo – Seus soldados atravesam Col Julien– Passagens Grandiosas –Vale de Prali – Derrota da Expedição de Cataneo.

Vemos, neste momento, dois exércitos em marcha para atacar os cristãos que habitam os Alpes Cottian e Dauphinense. A espada agora desembainhada volta para sua bainha somente quando já não respira nestas montanhas um confessor da fé, único condenado na bula de Inocêncio

VIII. O plano da campanha foi atacar ao mesmo tempo em dois pontos opostos da grande cadeia de montanhas; e avançar, com um exército vindo do sudeste, e outro do noroeste, para se encontrarem no Vale de Angrogna, o centro do território, e naquele lugar dar o golpe final. Vamos seguir a primeira divisão francesa desse exército, que está avançando contra os Alpes de Dauphine.

Esta parte dos cruzados era liderada por um homem ousado e cruel, hábil em tais operações, o lorde de La Palu. Ele subiu as montanhas com seus fanáticos, e entrou no Vale de Loyse, uma garganta profunda coberta por montanhas altíssimas. Os habitantes, vendo uma força armada vinte vezes o seu próprio número a entrar no seu vale, se desesperaram ao se verem incapazes de resistir a eles, e prepararam a sua fuga. Eles colocaram as pessoas idosas e crianças em rústicas carruagens, juntamente com os seus utensílios domésticos, e alguns estoques de alimentos, com a urgência que a ocasião lhes permitiu recolher e conduzindo seus rebanhos diante deles, começaram a subir as encostas do monte acidentado de Pelvoux, que se eleva cerca de seis mil pés acima do nível do vale. Eles cantavam cânticos enquanto subiam, uma vez que serviu para suavizar o seu caminho acidentado, e para dissipar os terrores. Não poucos foram surpreendidos e mortos, e muitos deles talvez tenha tido uma destinação mais feliz.

Cerca de metade do caminho até lá está uma caverna imensa, chamada Aigue-Froid, cujo nome vem das frias fontes que jorram de suas paredes rochosas. Na frente da caverna está

uma plataforma de pedra, onde o espectador vê abaixo dele só precipícios temíveis, que deve ser escalado antes de alguém poder chegar à entrada da gruta. O teto da caverna faz um magnífico arco, que diminui gradualmente e se contrai em uma passagem estreita, e depois se alarga mais uma vez, e forma um saguão espaçoso de forma irregular. Dentro dessa gruta, como em um castelo inexpugnável, os valdenses entraram. Suas mulheres, crianças e velhos, eles colocaram no átrio interior; seus bovinos e ovinos, distribuíram ao longo das cavidades laterais da gruta. Os homens aptos colocaram-se na entrada. Tendo barricadas com pedras enormes, tanto na entrada da caverna e no caminho que levava a ela, eles se julgavam seguros. Eles tinham provisões para permanecer lá por longo tempo, Cataneo diz em suas memórias, "dois anos", e não lhes custaria pouco esforço atirar de cabeça para baixo nos precipícios qualquer um que tentasse escalá-los, a fim de chegar à entrada da caverna.

Mas um artifício de seu perseguidor transformou todas estas precauções e defesas em vão. La Palu subiu a montanha do outro lado, e se aproximou da caverna por cima, desceu seus soldados por cordas a partir do precipício que domina a entrada da gruta. A plataforma na frente foi assim, ocupada por seus soldados. Os valdenses poderiam ter cortado as cordas, e despachado seus inimigos enquanto eles estavam sendo descidos um por um, mas a ousadia da manobra parece os ter paralisado. Eles se retiraram para a caverna para encontrar a sua sepultura. La Palu viu o perigo de permitir que seus homens os seguissem nas profundezas de seu esconderijo. Ele adotou um método mais fácil e seguro: acumular em sua entrada toda a madeira que ele poderia coletar e atear fogo a ela. Um grande volume de fumaça negra começou a entrar na caverna, deixando para os infelizes presos a miserável alternativa de sair da caverna e cair sob a espada que os esperava, ou de permanecer no interior e ser sufocada pela fumaça escura [Monstier, p. 128]. Alguns saíram, e foram massacrados; mas a maior parte permaneceu até a morte se aproximar lentamente por asfixia. "Quando a caverna foi posteriormente vasculhada", diz Muston, "foram encontradas 400 crianças, sufocadas em seus berços, ou nos braços de suas mães mortas. No total, morreram nesta caverna mais de 3.000 valdenses, incluindo toda a população de Val Loyse. Cataneo distribuiu a propriedade desses infelizes entre os vagabundos que o acompanhava, e nunca mais a Igreja Valdense levantou a sua cabeça nestes vales manchados de sangue "[Muston, p. 20].

O terrível golpe que se abateu sobre o Vale de Loyse serviu de blindagem para os vales vizinhos de Argentiere e Fraissiniere. Seus habitantes tinham sido destinados à destruição também, mas o destino de seus correligionários ensinou-lhes que a sua única chance de viver estava na resistência. Por conseguinte, bloquearam as passagens dos seus vales, se mostrando como uma linha de defesa para o adversário quando ele avançou e considerou prudente se afastar e deixá-los em paz. Esta tempestade devastadora agora se arrastou para cumprir a sua violência em outros vales. "Alguém poderia pensar", para usar as palavras

de Muston, "que a praga tinha passado ao longo da estrada sobre o qual a marcha se dispunha: estava nos inquisidores".

Um destacamento do exército francês chegou através dos Alpes na direção sudeste, mantendo seu curso para os vales valdenses, e se uniram com o corpo principal dos cruzados sob Cataneo. Mataram, saquearam e queimaram tudo o que viam pela frente e, finalmente, chegaram com espadas pingando sangue no Vale de Pragelas.

O Vale de Pragelas, onde vemos agora esses assassinos, vindo impetuosamente desde os cumes dos Alpes, ao sul, regada pelos rios Clusone e Dora, e abrindo-se na grande planície do Piemonte, tendo Pinerolo de um lado e Susa, por outro. Isto foi então, e por muito tempo depois domínio da França. "Antes da revogação do Édito de Nantes", diz Muston, "os valdenses destes vales [isto é, Pragelas, e os vales laterais ramificando-se a partir dele] possuía onze distritos, dezoito igrejas e sessenta e quatro centros religiosos estabelecidos, onde eram celebrados os culto de manhã e à noite, como em muitas aldeias. Foi em Laus, nas Pragelas que foi realizado o famoso Sínodo onde, 200 anos antes da Reforma Protestante, 140 pastores se reuniram, cada um acompanhado por dois ou três deputados leigos; e foi a partir de Pragelas que o Evangelho de Deus fez o seu caminho pela França antes do século XV "[Muston, parte II., P. 234].

Este foi o vale de Pragelas que tinha sido a cena da tragédia terrível de Natal de 1400. Mais uma vez o terror, luto e morte foram levados a ele. Os pacíficos habitantes, que não esperavam essa invasão, estavam ocupados colhendo suas safras, quando a horda de assassinos rompeu sobre eles. No primeiro pânico eles abandonaram suas casas e fugiram. Muitos foram surpreendidos e mortos; vilas e aldeias inteiras foram incendiadas; nem as cavernas em que multidões procuravam refúgio poderiam oferecer alguma proteção. A horrível barbárie do vale Loyse repetiu-se no vale de Pragelas. Materiais combustíveis foram amontoados e fogueiras acesas nas bocas desses esconderijos; e quando extintos, tudo ficou em silêncio. Envoltos juntos em uma pilha inerte, prostrados mãe e bebê, patriarca e adolescente; enquanto a fumaça fatal, que os lançou em sono profundo, rodopiava ao longo do teto, e, lentamente, tomava a sua saída para o céu claro iluminado pelo sol de verão. Mas o curso dessa destruição foi suspensa. Após a primeira surpresa os moradores tomaram coragem, e se voltando aos seus assassinos os expulsaram de seu vale, exigindo uma pesada pena, na busca dos estragos que haviam cometido no mesmo.

Voltemo-nos agora à parte piemontesa deste exército. Ele foi levado pelo legado papal, Cataneo, em pessoa. Foi destinado a operar contra os vales do Piemonte que era o mais antigo trono desses crentes, e foi considerado o reduto da heresia valdense. Cataneo reparou Pinerolo, vizinha à fronteira do território perdido. Daí, ele enviou um grupo de monges pregadores para converter os homens dos vales. Estes missionários voltaram sem ter, na

medida em que parece, feito um único convertido. O legado agora coloca os seus soldados em movimento. Atravessando a planície gloriosa, o Clusone brilhando através de ricos campos de milharais e vinhas na sua esquerda, e o poderoso baluarte dos montes, com suas florestas de castanhas, as suas pastagens e neves, se levantando grandemente na sua direita, e girando o ombro do bosque folheado de Bricherasio, esse exército, com um outro exército de saqueadores e cortadores de gargantas na sua retaguarda, avançou até a longa avenida que leva até La Torre, a capital dos Vales, e sentou-se perante ele. Eles tinham vindo de encontro a um simples, desarmado povo, que sabia como tratar as suas vinhas, e levar seus rebanhos para pastar, mas eram ignorantes da arte da guerra. Era como se a última hora da carreira valdense tivesse chegado.

Vendo este poderoso exército diante de seus vales, os valdenses enviaram dois de seus patriarcas para pedir uma audiência com Cataneo, e voltar, se possível, com o seu coração em paz. Jolin Campo e João Desidério foram expedidos nesta embaixada. "Não nos condenem sem ouvir-nos", disseram eles, "pois somos cristãos e súditos fiéis; e os nossos pastores estão dispostos a provar, em público ou em privado, que nossas doutrinas são concordantes com a Palavra de Deus ... Nossa esperança em Deus é maior que o nosso desejo de agradar aos homens; cuidado como você maquina sobre nós, desejando que a ira de Deus nos persiga; para lembrar que, se Deus assim o quer, todas as forças que você reuniu contra nós não vai valer nada ".

Estas foram palavras pesadas, e eles falaram humildemente, buscando a mudança de intenção de Cataneo, ou suavizar os corações de quem ele liderava; elas poderiam muito bem ter se dirigido para as rochas que se levantaram em torno dos oradores. No entanto, elas não caíram ao chão.

Cataneo, acreditando que os pastores valdenses não permaneceriam nem uma hora diante de seus homens de armas, e desejosos de dar um golpe final, dividiu seu exército em partes, para que iniciassem a batalha em vários pontos ao mesmo tempo. A loucura de ampliar sua linha de ataque de modo a abranger todo o território levou à destruição de Cataneo; mas sua estratégia foi recompensada com alguns pequenos sucessos à primeira vista.

Uma tropa estacionou na entrada do vale de Lucerna; vamos seguir a sua marcha até desaparecer nas montanhas que espera conquistar, e depois vamos voltar e narrar a operação mais decisiva sob Cataneo no vale de Angrogna.

A primeira etapa dos invasores foi ocupar a cidade de La Torre, situada no ângulo formado pela junção dos vales de Lucerna e Angrogna, com o Pelice a seus pés e a sombra da Castelluzzo cobrindo-o. Os soldados foram provavelmente privados da necessidade ou tiveram negado o prazer de matar, pois os habitantes tinham fugido para as montanhas. O

vale para além de La Torre é muito aberto para poder ser defendido, e as tropas avançaram ao longo dele sem oposição. Este teatro de guerra em tempos normais é tranquilo e grandioso. Um tapete de ricos prados veste-o de um lado a outro; árvores salpicadas de frutas com suas sombras, junto as águas do Pelice; e em um dos lados uma parede de montanhas, cujos lados mostram sucessivas zonas enfeitadas com vinhas, grãos de ouro, florestas de castanhas escuras e ricas pastagens. Sobre estas estão penduradas estupendas muralhas de pedra, e acima de tudo, de tão altos que parecem suspensos no ar, estão os picos eternos com os seus mantos cobertos de gelo e neve. Mas a sublime natureza não era nada para homens cujos pensamentos eram só de sangue.

Prosseguindo a sua marcha até o vale, os soldados chegaram a Villaro. Ele está situado a meio caminho entre a entrada e a cabeça de Lucerna, em uma borda do lado das grandes montanhas, erguida cerca de 200 metros acima do Pelice, que flui por cerca de um quarto de milha de distância. A tropa teve pouca dificuldade em tomar posse dela. A maioria dos habitantes, alertada sobre a aproximação do perigo, fugiu para os Alpes. O que as tropas de Cataneo infligiram a quem não tinha sido capaz de fugir, a história não relata. A metade de Lucerna, com as cidades de La Torre e Villaro e suas aldeias, estavam ocupadas pelos soldados de Cataneo; a sua marcha até agora tinha sido vitoriosa, embora certamente não gloriosa, tais vitórias, eles haviam ganho somente de camponeses desarmados e mulheres acamadas.

Retomando a sua marcha a tropa chegou a Bobbio. O nome Bobbio não é desconhecido na história clássica. Está localizada na base de uma falésia gigantesca, onde o cume elevado do Col La Croix aponta o caminho da França, e pende um caminho que os pés apostólicos podem ter pisado. O Pelice é visto de fora através do seu caminho dos desfiladeiros escuros das montanhas em uma torrente de trovões, e sinuosamente em um dilúvio de prata ao longo do vale.

Neste ponto, a grandiosidade do vale de Lucerna atinge sua altura. Vamos fazer uma pausa para examinar a cena que devia estar aqui diante dos olhos dos soldados de Cataneo, e que, seria de supor, ter sido a sua finalidade cruel. Imediatamente atrás do Bobbio se lançando para cima está o "Barion" simétrico como um obelisco egípcio, mas muito mais alto e maciço. Seu cume se eleva a 3.000 metros acima do teto da pequena cidade. Comparado com este majestoso monólito, o monumento mais orgulhoso da capital da Europa é um mero brinquedo. Mesmo o Barion é apenas um item a mais nesta assembléia de glórias. Elevando-se para trás, e varrendo a extremidade do vale, está um glorioso anfiteatro de penhascos e precipícios, cercado por um cenário de grandes montanhas, algumas cúpulas como que arredondadas, outras afiadas como agulhas; e se elevando desse mar de montanhas, estão as grandes e mais nobres formas de Alp des Rousses e Col de Malaure, que guardam a sombria passagem em que os ventos fazem o seu caminho através de pedras

lascadas e com precipícios pendentes, até se abrir para os vales dos protestantes franceses, e as terras dos viajantes nas planícies de Dauphine. Neste inigualável anfiteatro fica Bobbio, no verão enterrado em flores e frutos, e no inverno envolto nas sombras de suas grandes montanhas e nas brumas de suas tempestades. Que contraste entre a sublimidade ainda em repouso e grandioso da natureza e da terrível incumbência em que os homens agora avançando para a pequena cidade são determinados! Para eles, a natureza fala em vão! Eles estão absortos com apenas um pensamento.

A captura de Bobbio - uma tarefa fácil - colocou os soldados na posse de todo o vale de Lucerna; seus habitantes tinham sido perseguidos até os Alpes, ou o seu sangue se misturou com as águas do próprio Pelice. Outras expedições já foram planejadas. O plano era atravessar Col Julien, percorrer o vale de Prali, que fica ao norte da mesma, acabar com os seus habitantes, passar para os vales de San Martino e Perosa, e varrer o circuito dos vales, e liquidar a terra em que eles iam avançando sobre esta inveterada heresia, pelo menos destes hereges, e juntar o corpo principal dos cruzados, que, eles esperavam por esta altura terem terminado o seu trabalho no Vale de Angrogna, e todos juntos comemorar a vitória. Eles teriam sido então, capazes de dizer que tinham ido ao território valdense, e tiveram, finalmente, efetuado um trabalho por longo tempo planejado, tantas vezes tentado, mas até agora em vão, da extirpação total desta heresia. Mas a guerra estava fadada a ter um fim muito diferente.

A expedição a Julien Col foi imediatamente iniciada. Um corpo de 700 homens foi destacado do exército em Lucerna para este serviço [Monastier, p. 129]. A subida da montanha se abre imediatamente no lado norte de Bobbio. Vemos os soldados se esforçando para subir a estrada, que é uma mera trilha formada pelos pastores. Em cada curta distância eles passam por chalés e aldeias docemente cobertas de folhas entre mantos de vinhas, ou os ramos de árvores de maçãs e cerejas, ou agradáveis castanhas, mas os habitantes fugiram. Eles alcançaram agora a grande altura na montanha. Abaixo está Bobbio, como uma mancha marrom. Lá está o Vale de Lucerna, como uma fita verde, como um fio de prata tecida, e situadas ao longo de massas de rochas poderosas. Lá, através de Lucerna, estão as grandes montanhas que rodeiam o Vale de Rora, levantando-se no céu em silêncio; à direita são os penhascos de cerdas pontiagudas que ao longo do Pass de Miraboue, que leva à França, e lá no oriente está uma vislumbre da distante - extensa planície do Piemonte.

Mas o cume é, porém, um caminho longo, e os soldados do legado papal, carregando as suas armas, para serem usadas, não em batalhas aventureiras, mas no covarde massacre, labutam até a subida. Como eles ganharam as montanhas, eles agora olham para baixo, para os pináculos que meia hora antes olhavam para eles de cima. Outras alturas, como a anterior, ainda se elevavam acima deles; eles sobem a estas torres arejadas, que em sua

volta afundam sob seus pés. Este processo se repete de novo e de novo, e, finalmente saem para os declives que vestem os ombros da montanha. Agora o cenário à sua volta se torna estupendo e de inefável grandiosidade. Para o leste, agora totalmente sob o olhar, está a planície do Piemonte, verde como pastagens, e ao nível do mar. Em seus pés bocejam desfiladeiros e abismos, enquanto pares de pináculos pontiagudos de baixo para cima, ficam como se apoiassem a montanha.

O horizonte é preenchido com picos alpinos, entre os quais, no leste, está o Col la Vechera, cuja neve que veste seu cume chama a atenção para o mais do que clássico vale sobre as torres, onde os pastores nos dias antigos costumavam se reunir em Sínodo, e de onde saiam seus missionários, com perigo de vida, para distribuir as Escrituras e semear a semente do Reino. Não foi desmarcado, sem dúvida, por estes corpos, formando, como eles significavam o que deveriam fazer, o ponto final de sua expedição no vale de Angrogna. No oeste, o coroamento de glória da cena era o Monte Viso, levantando-se em relevo no cofre de ébano, em um manto de prata. Mas em vão tinha a natureza espalhado a sua majestade diante dos homens que não tinham olhos para ver, nem coração para sentir a sua glória.

Escalando suas mãos e os joelhos a ladeira íngreme gramada em que a passagem termina, eles olharam para baixo do cume sobre o Vale de Prali, naquele momento um cenário de paz. Seus grandes montes de neve, conspícuo entre os quais o Col d'Abries, mantinham guarda em torno dela. Abaixo de seus lados rolavam laminadas torrentes de espuma, que, se unindo no vale, corriam ao longo de um rio cheio e rápido. Sobre o peito da planície foram espalhados inúmeros povoados. De repente, nas montanhas acima se reuniram este bando de abutres que, com olhos ávidos estavam olhando para sua presa. Impacientes para começar seu trabalho, os 700 assassinos correram pela planície.

A tropa contava que, sem a notícia de sua aproximação ter chegado a este vale isolado, eles cairiam sobre seus camponeses desarmados como uma avalanche, e os esmagariam. Mas não foi assim. Em vez de fugir, golpeados pelo pânico, como os invasores esperavam, os homens de Prali apressadamente montaram e se colocaram na sua defesa. Na batalha se juntou o povoado de Pommiers. As armas dos valdenses eram rudes, mas a sua confiança em Deus, e sua indignação com a agressão covarde e sangrenta, deu-lhes força e coragem. Os soldados do Piemonte, cansados com o acidentado terreno e pelas trilhas escorregadias que tinham atravessado, caíram sob os golpes dos adversários. Todos os homens foram mortos com a exceção do soldado que carregava o estandarte. De todos os 700, só ele sobreviveu. Durante a carnificina, ele fugiu, e subindo os bancos de uma torrente de montanha, ele penetrou em uma cavidade que o verão aquece formando uma massa de neve no seu interior. Lá ele permaneceu escondido por alguns dias; e enfim, o frio e a fome o levou a sair e a lançar-se sobre a misericórdia dos homens de Prali. Eles foram

suficientemente generosos para perdoar este solitário sobrevivente do exército que tinha chegado para massacrá-los. Eles o mandaram de volta a Col Julien, para dizer aos seus inimigos que os valdenses tinham coragem para lutar por seus lares e altares, e do exército de 700 que haviam enviado para matá-los, só ele escapou para levar as notícias do destino que havia acontecido aos seus companheiros.

Capítulo 5 - Fracasso da expedição de Cataneo

O Vale de Angrogna – Uma Alternativa – Os valdenses se preparam para a batalha – A repulsa de Cataneo – Sua ira – Sua nova tentativa – A entrada em Angrogna com seu exército – Avanços a barreira – Entrada no Abismo – Os valdenses a ponto de serem feitos em pedaços – A Montanha coberta de névoa – Libertação – Derrota total do exército do Papa – O poço de Saquet – Sofrimentos dos valdenses – Extinção das hostes invasoras – A sua representação diante do seu Príncipe – Os filhos dos Vales – Paz

O acampamento de Cataneo foi lançado quase às portas de La Torre, sob a sombra da Castelluzzo. O legado papal está prestes a tentar forçar seu caminho para o vale de Angrogna. Este vale se abre firmemente no local onde o legado tinha estabelecido seu acampamento, e corre por uma dúzia de milhas para os Alpes, numa sucessão magnífica de gargantas estreitas e pequenos vales abertos, todo murado por montanhas majestosas, e terminando em uma nobre bacia circular – o Pra del Tor – rodeado com picos nevados, e se constitui o local mais venerado em todo o território valdense, visto que foi a sede de sua faculdade, e o lugar de encontro de seus pastores.

Em Pra del Tor, ou prado da Torre, Cataneo esperava surpreender a massa do povo valdense, agora reunidos naquele que é o seu mais forte refúgio concedido pelos seus montes. Lá, também, ele esperava se juntar com as tropas que tinha enviado para circundar Lucerna e fazer o circuito dos Vales, e depois de devastar Prali e San Martino, escalar a barreira montanhosa e reunir seus homens em Pra, nem imaginando que os soldados que tinha enviado com a incumbência de massacrar estavam agora enriquecendo com seus corpos o solo dos vales que tinham sido enviados para subjugar. No mesmo local onde os pastores tantas vezes se reuniram em sínodo, e instituíram regras para o governo da sua Igreja e à propagação de sua fé, o legado papal almejava reunir o seu exército vitorioso, e terminar a campanha ao anunciar que agora a heresia valdense, raiz e ramo, foram extintas.

Os valdenses - sua súplica humilde para a paz foi rejeitada com desprezo, como já dissemos - tiveram três opções para escolher - ir à missa, serem abatidos como ovelhas, ou lutar por suas vidas. Eles escolheram a última, e se preparam para a batalha. Mas primeiro eles levaram para um lugar seguro todos os que eram incapazes de portar armas.

Arrumando as suas amassadeiras, seus fornos e outros utensílios culinários, levando seus idosos em seus ombros, e os doentes em macas, e seus filhos pela mão, começaram a subir os morros, na direção de Pra del Tor, na cabeça do vale de Angrogna. Transportando seus pertences, eles podiam ser vistos percorrendo os caminhos ásperos, e fazendo ressoar nas montanhas os salmos, que docemente cantavam como se viajassem até a ascensão. Aqueles

que permaneceram ocuparam-se em fazer lanças e outras armas de defesa e ataque, na reparação das barricadas, a organizar-se em luta contra as hostes, e se distribuindo em vários lugares para se defender.

Cataneo agora coloca seus soldados em movimento. Avançando para perto da cidade de La Torre, eles fizeram uma curva acentuada à direita, e entraram no vale de Angrogna. Sua abertura não oferece nenhuma obstrução, sendo suave até mesmo como em qualquer prado em toda a Inglaterra. Logo adiante começa a crescer nas alturas o Rocomaneot, onde os valdenses tinham resolvido montar posição. Seus homens de combate foram postados ao longo de sua crista. Seu exército era dos mais simples. O arco era quase a sua única arma de ataque. Eles usavam escudos de pele, coberta com casca de castanheiro, para melhor resistir à pressão da lança ou golpe da espada. Na depressão atrás de si, protegida pela colina íngreme sobre a qual seus pais, maridos e irmãos foram postados, havia um número de mulheres e crianças, reunidas ali para se abrigarem. As hostes do Piemonte pressionavam o aclive, descarregando uma chuva de flechas, à medida que avançavam, e a linha de defesa valdense em que esses dardos caíam, parecia vacilar e estar a ponto de ceder. Aqueles que estavam atrás, percebendo o perigo, caíram de joelhos e, estendendo as mãos em súplica ao Deus das batalhas, clamaram em alta voz:

"Ó Deus de nossos pais, ajuda-nos, ó Deus, livrai-nos!" Esse choro foi ouvido pela máquina de guerra atacante e, especialmente, por um dos seus capitães, Le Noir de Mondovi, ou Mondovi Negro, um homem orgulhoso, fanático e sedento de sangue. Ele instantaneamente gritou que seus soldados iriam dar a resposta, acompanhando sua ameaça com blasfêmias horríveis. O Mondovi Negro ergueu a viseira de seu elmo enquanto falava. Em um instante a seta do arco de Pierre Revel, de Angrogna, entrou entre os seus olhos, atravessou o crânio e ele caiu sobre a terra já morto. A queda deste líder ousado desanimou o exército do Papa. Os soldados começaram a cair para trás. Eles foram perseguidos pelas encostas pelos valdenses, que agora desciam sobre eles como torrentes de água da própria montanha. Após ter corrido seus invasores para a planície, matando alguns poucos em sua fuga, eles voltaram, pois a noite começava a cair, para comemorar com músicas, nas alturas em que tinham vencido, a vitória com a qual teve a satisfação do Deus de seus pais, para coroar seus exércitos.

Cataneo parecia se inflamar de raiva e vergonha ao ser derrotado por estes pastores. Em poucos dias, remontou suas hostes e fez uma segunda tentativa de entrar em Angrogna. Esta prometia ser bem sucedida. Ele passou a alturas de Rocomaneot, onde foi sua primeira derrota, sem encontrar qualquer resistência. Ele levou os seus soldados para os desfiladeiros estreitos mais além. Aqui há grandes pedras no caminho, poderosos castanheiros lançando seus galhos sobre trilha, vendando-o na escuridão, e trovões muito baixos das torrentes das águas do vale. Ainda avançando, ele encontrou-se, sem luta, na posse de uma extensão ampla e fecunda para que, passados esses desfiladeiros, o vale se

abre. Ele agora era até aqui o dono do vale de Angrogna, compreendendo as numerosas aldeias, com os seus campos e vinhas cultivadas primorosamente, à esquerda da torrente. Mas ele não tinha visto nenhum dos seus habitantes. Estes, ele sabia, estavam com os homens de Lucerna em Pra del Tor. Entre ele e sua presa estava levantada a "Barricada", uma montanha íngreme quase impossível de escalar, que funciona como uma parede que cruza todo o vale, e forma um baluarte para o famoso "prado", que combina a solenidade de um santuário com a força de uma cidadela.

Devia o avanço do legado papal e seu exército acabar aqui? Parecia que sim. Cataneo estava em um grande beco sem saída. Ele podia ver os picos brancos em volta de Pra, mas entre ele e Pra se levantava, com força ciclópica e em altura, a barricada. Ele procurou e, infelizmente para ele, encontrou uma entrada. Alguma convulsão da natureza aqui rachou as montanhas, e através do longo abismo, estreito e escuro assim formado, está o único caminho que leva a parte mais alta do Angrogna. O líder do exército do Papa corajosamente ordenou aos seus homens a entrar e percorrer este desfiladeiro terrível, não sabendo que alguns deles, não voltarão. A única via por este abismo é uma saliência rochosa do lado das montanhas, tão estreita que não mais de dois homens podem avançar ao longo dela. Caso seja assaltado de frente ou atrás, ou de cima para baixo, não há absolutamente nenhum recuo. Também não há espaço para atacar e lutar.

O caminho pende a meio caminho entre o fundo do desfiladeiro, ao longo de um córrego e o cume da montanha. Aqui o precipício nu corre enorme por pelo menos mil pés; então se inclina sobre o caminho em estupenda massa, que parece como se estivesse prestes a cair. Aqui a fissura lateral acolhe os raios dourados do sol, que aliviam a escuridão da passagem, e a torna visível. Há um meio acre ou mais de espaço nivelado que vai dar em um salão na encosta da montanha cheio de moitas de bétulas, com seus altos troncos prateados, ou de um chalé, com o seu pedaço de prado brilhante raspada. Mas estes só parcialmente aliviam os terrores do abismo, que é percorrido de uma a duas milhas, quando, com uma explosão de luz, e um lampejo súbito de picos brancos sobre os olhos, abre-se em um anfiteatro do prado de dimensões tão formosas, que uma nação inteira pode encontrar espaço para acampar nele.

Foi nesse desfiladeiro terrível que os soldados do legado papal agora marchavam. Eles continuaram avançando, da melhor forma possível, ao longo da borda estreita. Eles estavam agora perto de Pra. Parecia impossível para a presa escapar-lhes. Montado sobre este ponto e o povo valdense havia apenas um gargalo e depois os soldados do Papa, então Cataneo acreditava que romperia esse gargalo em um só golpe. Mas Deus estava vigiando os valdenses. Ele disse do legado papal e seu exército, a partir de outro tirano de outrora, "porei o meu anzol no teu nariz e o meu freio nos teus lábios, e te farei voltar pelo caminho por onde vieste" (N.T.: citação de II Reis 19:28). Mas por qual intervenção foi o avanço

dessa horda suspensa? Será que algum anjo poderoso feriria o exército de Cataneo, como ele fez com Senaqueribe? Nenhum anjo bloqueou a passagem. Será que um relâmpago brilhante acompanhado de um trovão e chuva de granizo cairia sobre os soldados de Cataneo, como foi sobre Sísera? Os trovões dormiam, o granizo não caiu. Um terremoto e um tufão não os derrotaria? Nenhum terremoto sacudiu a terra, nem redemoinhos rechaçaram as montanhas. A instrumentalidade agora posta em movimento para proteger os valdenses da destruição foi uma dos mais leves e frágeis em toda a natureza; nem barras de ferro mais resistentes poderiam ter mais efetivamente fechado a passagem, e trazido a marcha do exército papal a uma parada instantânea.

Uma nuvem branca, não maior do que a mão de um homem, não vista pelos piemonteses, mas observada atentamente pelos valdenses, foi vista se reunindo no cume da montanha, ao mesmo tempo em que o exército entrava no desfiladeiro. Essa nuvem cresceu rapidamente tornando-se maior e mais escura e começou a descer. Ela veio rolando pelo lado da montanha, ondas após ondas, como um oceano caindo do céu – um mar de vapor nebuloso. Ela caiu para o lado direito do abismo em que estava o exército papal, o selando, e o cobrindo de cima a baixo com uma névoa espessa e negra. Em um momento as hostes ficaram na penumbra, perplexos, estupefatos, e não podiam ver nem para frente nem para trás, nem podiam avançar nem recuar. Pararam em um estado limítrofe de terror [Monastier, pp. 133-4].

Os valdenses interpretaram isso como uma interposição da Providência, em seu favor. Tinha Deus lhes dado o poder de repelir o invasor. Subindo a encosta de Pra, e saindo de todos os seus esconderijos nos arredores, espalharam-se sobre as montanhas, pelos caminhos os quais estavam familiarizados, e enquanto as hostes estavam como que paralisadas abaixo deles, presos na armadilha dupla do desfiladeiro e da neblina, eles lançaram enormes pedras e rochas abaixo, na ravina. Os soldados papais foram esmagados onde estavam. E isso não foi tudo. Alguns dos valdenses corajosamente entraram no abismo, de espadas na mão, e os atacaram no front. A consternação tomou conta das hostes do Piemonte. O pânico impeliu-os a fugir, mas seu esforço para escapar foi mais fatal do que a espada dos valdenses, ou as pedras que, velozes como flechas, vinham saltando montanha abaixo. Eles se empurraram um ao outro, lançaram um ao outro na luta, alguns foram perseguidos até a morte, outros foram rolados no precipício, e esmagados nas rochas abaixo, ou se afogaram na torrente, e assim pereceram miseravelmente [Monastier, p. 134].

O destino de um dos invasores foi preservado na história. Ele era um certo Capitão Saquet, um homem, é dito, de estatura gigantesca, de Polonghera, região do Piemonte. Começou, assim como seu protótipo filisteu, a proferir maldições sobre os valdenses. As palavras estavam ainda em sua boca quando seu pé escorregou. Acabou rolando no precipício e caiu na torrente do Angrogna, sendo levado por ela, e tendo seu corpo finalmente depositado

em um profundo reservatório ou redemoinho d'água, chamado no jargão do país de "tompie" por causa do barulho feito por suas águas. Ela tem até hoje o nome do Tompie do Saquet, ou Golfo de Saquet.

[O autor conheceu este tanque natural de água quando visitou o abismo. Nenhum dos vales valdenses é mais bem ilustrado pela triste, mas gloriosas cenas do martírio do que este Vale do Angrogna. Cada pedra que está lá tem a sua história. À medida que você passa por ele, é mostrado o local onde crianças foram lançadas contra as pedras - o local onde homens e mulheres, despidos, foram rolados como bolas, e precipitados montanha abaixo, e onde, ao chocar-se com galhos de árvores, ou nas pontas salientes de rochas, eles ficavam pendurados, transpassados, resistindo por vários dias a agonia de uma morte em vida. É mostrado a entrada das cavernas, em que algumas centenas de valdenses se refugiaram, e onde os seus inimigos acenderam fogo na boca do seu esconderijo, e impiedosamente mataram a todos eles. O tempo não é suficiente para dizer até um décimo do que foi feito e sofrido neste notável passado.]

Esta guerra esteve sobre os vales, como uma nuvem de tempestade, por um ano inteiro. Infligiu muito sofrimento e perdas sobre os valdenses; suas casas foram queimadas, os campos devastados, os seus bens saqueados, e seu povo morto, mas os invasores sofreram perdas mais pesadas do que a eles foi infligido. Dos 18.000 soldados regulares, aos quais podemos acrescentar um número igual de criminosos, com o qual começaram a campanha, alguns nunca mais voltaram para suas casas. Eles deixaram seus ossos nas montanhas que chegaram para dominar. Eles foram mortos na maior parte em pequenos destacamentos. Foram incansavelmente perseguidos do vale à montanha e da montanha ao vale. As rochas que rolaram sobre eles deram-lhes ao mesmo tempo morte e sepultamento. Eles foram atacados em desfiladeiros estreitos e mortos. Perseguindo grupos de valdenses, subitamente surgiam da neblina, ou de alguma caverna conhecida apenas por eles, atacavam e derrotavam o inimigo, e então de repente se retiravam na névoa aliada ou no abrigo das rochas. Assim aconteceu que, nas palavras de Muston, "este exército de invasores desapareceu das montanhas valdenses como a chuva nas areias do deserto" [Muston, p. 11].

"Deus", diz Leger "mudou o coração do seu príncipe para com este pobre povo". Ele enviou um prelado para os seus vales, para assegurá-los de sua boa vontade, e notificá-los do seu desejo de receber os seus representantes. Eles enviaram doze de seus homens mais veneráveis a Turim, que, sendo admitidos a presença do duque, deu-lhes razão a sua fé, e candidamente confessou que tinha sido induzido ao erro no tocante ao que tinha feito contra eles, e não mais sofreriam tais males como os que foram infligidos sobre eles. Ele disse várias vezes que "não tinha tão virtuosos, tão fiéis e tão obedientes súditos como os valdenses" [Leger, Livr. ii., p. 26].

Ele causou nos representantes uma pequena surpresa ao expressar o desejo de ver alguns dos filhos dos valdenses. Doze crianças, com suas mães, foram imediatamente enviadas do vale do Angrogna, e apresentadas diante do príncipe. Ele as examinou minuciosamente. E as achou bem formadas, e declarou sua admiração pelos seus rostos saudáveis, olhos claros e aparência alegre. Ele tinha dito que "as crianças valdenses eram monstros, com um único olho colocado no meio da testa, quatro fileiras de dentes pretos, e outras deformidades semelhantes" [Ibid.].

O príncipe Charles II, um jovem de apenas vinte anos, mas humano e sábio, confirmou os privilégios e imunidades dos valdenses, e negou-lhes com sua promessa de que eles seriam molestados no futuro. [1] As Igrejas dos Vales agora desfrutam de uma breve trégua de perseguição.

NOTAS:

[1] Leger e Gilles dizem que foi Philip VII que pôs termo a esta guerra. Monastier diz que eles "estão enganados, pois o príncipe estava então na França, e não começou a reinar até 1496." Esta paz foi concedida em 1489

Capítulo 6 – Sínodo nos Valles Valdenses

A antiga videira parece estar morrendo – Nova Vida – A Reforma – Novidades chegam aos valdenses – Eles enviam representantes para a Alemanha e Suíça para saber mais a respeito – Alegria de Oecolampadius – Sua Carta de admoestação – Representantes valdenses em Estrasburgo – As duas Igrejas se admiram – Martírio de um dos representantes, a resolução de convocar um Sínodo nos vales – Seu caráter católico – Local onde se encontraram – Confissão de Fé estruturada – O Espírito dos valdenses revive – Eles reconstroem as suas Igrejas – Jornada de Farel e Saunier para o Sínodo.

O duque de Sabóia foi sincero na sua promessa de que os valdenses não seriam perturbados, mas não foi totalmente bom em seu poder. Ele tomou o cuidado para que os exércitos dos cruzados, tais como o que reuniu sob o comando de Cataneo não invadisse os seus vales, mas ele não pode protegê-los das maquinações secretas do papado. Na ausência de uma cruzada armada, o padre e o inquisidor os atacaram. Alguns foram seduzidos, outros foram sequestrados e levados para o Santo Ofício. Para estes aborrecimentos foi acrescentado o mal ainda maior de uma piedade decadente. Um desejo de trégua das perseguições fez muitos se voltarem externamente à Igreja romana. "Para estar protegido contra a intromissão em suas viagens a negócios, foram obtidos de sacerdotes, que se instalaram nos vales, certificados ou atestados de serem papistas" [Monastier, Hist. of the Vaudois, p. 138].

Para obter esta credencial era necessário frequentar a capela romana, se confessar, ir à missa, e ter seus filhos batizados pelos padres. Por esta dissimulação vergonhosa e criminosa eles imaginavam amenizar tal coisa resmungando para si mesmos quando entravam nos templos de Roma: "covil de salteadores, Deus pode te derrotar!" [Monastier, Hist. the Vaudois, p. 138]. Ao mesmo tempo, eles continuaram a assistir a pregação dos pastores valdenses e submetendo-se às suas censuras. Mas, para além de qualquer dúvida os homens que praticavam essas fraudes, a Igreja que os tolerava, tinha declinado significativamente. Essa antiga vinha parecia estar morrendo. Aos poucos desapareceria a partir daquelas montanhas que tinha desde muito tempo coberto com a sombra de seus galhos.

Mas Ele, que a plantou "olhou para baixo do céu, e a visitou". Foi então que a Reforma eclodiu. O rio da Água da Vida foi aberto uma segunda vez, e começou a fluir através da cristandade. A antiga e moribunda linhagem dos Alpes bebendo da torrente celestial viveu de novo; seus ramos começaram a ser cobertos com flores e frutas como antigamente.

A Reforma tinha começado a sua carreira, e já agitava a maioria dos países da Europa a suas dimensões, antes, porém, as notícias dessas poderosas mudanças chegaram nessas montanhas isoladas. Quando finalmente estas grandes notícias foram anunciadas, os valdenses "eram homens que sonhavam". Ansiosos em confirmá-las e em saber qual a medida do jugo de Roma que tinha sido rompida pelas nações da Europa, eles enviaram o pastor Martin, do vale de Lucerna, em uma missão de averiguação. Em 1526 ele voltou com a surpreendente informação que a luz do antigo Evangelho tinha rompido na Alemanha, na Suíça, na França, e que cada dia era aumentando o número dos que abertamente professavam as mesmas doutrinas em que os valdenses tinham testemunhado desde os tempos antigos. Para atestar o que ele disse, ele apresentou os livros que havia recebido na Alemanha, contendo os pontos de vista dos reformadores [Gilles, p. 30. Monastier, p. 141].

O restante dos valdenses, ao norte dos Alpes também enviaram homens para coletar informações a respeito da grande revolução espiritual que tanto os surpreendeu e alegrou. Em 1530 as Igrejas de Provence e Dauphine comissionaram George Morel, de Merindol, e Pierre Masson, de Bergundy, para visitar os reformadores da Suíça e Alemanha, e trazer-lhes alguma palavra no tocante a sua doutrina e modo de vida. Os representantes se reuniram em conferência com os membros das Igrejas protestantes de Neuchâtel, Morat e Berna. Eles também se encontraram com Berthold Haller e William Farel. Indo para a Basiléia eles foram apresentados ao Oecolampadius, em outubro de 1530, um documento em latim, contendo um relato completo de sua disciplina eclesiástica, culto, doutrina e costumes. Pediram, em contrapartida se o EOcolampadius aprovava a ordem e a doutrina de sua Igreja, e se tivesse alguma falha, especificar em que pontos, e em que medida. O ancião da igreja apresentou a eles.

A visita dos dois pastores desta antiga Igreja deu alegria indescritível ao reformador da Basiléia. Ele ouviu neles a voz da Igreja primitiva e apostólica falando aos cristãos do século XVI, e oferecendo-lhes boas-vindas dentro dos portões da Cidade de Deus. Que milagre estava diante dele! Por eras tinha esta Igreja estado nas chamas e ainda não tinha sido consumida. Não foi este o incentivo para aqueles que estavam apenas entrando nas perseguições não menos terrível? "Prestamos agradecimentos", disse Oecolampadius em sua carta em 13 de outubro de 1530, para as Igrejas de Provence, "ao nosso mais gracioso Pai que ele chamou para a maravilhosa luz, durante as eras em que tal escuridão cobriu quase o mundo inteiro sob o império do Anticristo. Amamos vocês como irmãos".

Mas o seu afeto por eles não os cegou quanto às suas declinações, nem os fez recusar as admoestações que viam serem necessárias. "Como aprovamos muitas coisas entre vocês", escreveu ele, "existem várias outras que desejamos ver alteradas. Fomos informados de que o medo da perseguição causou-lhes dissimular e ocultar a sua fé ... Não há concórdia

entre Cristo e Belial. Vocês comungam com incrédulos; vocês participam de suas abomináveis missas, no qual a paixão e morte de Cristo é blasfemada. ... Eu sei de suas fraquezas, mas tornar-se como aqueles que foram redimidos pelo sangue de Cristo é para ser mais corajoso. É melhor para nós, morrer a ser vencido pela tentação". Foi assim que Oecolampadius, falando em nome da Igreja da Reforma correspondeu a Igreja dos Alpes pelos serviços prestados que ela prestou ao mundo nos séculos anteriores. Pela exatidão, fidelidade, reprovação fraternal, ela procurou restaurar a sua pureza e glória que tinha perdido.

Tendo terminado com Oecolampadius, os representantes foram a Estrasburgo. Lá eles tiveram encontros com Bucer e Capito. Uma declaração semelhante de sua fé para os reformadores da cidade atraiu congratulações semelhantes e conselhos. Na clara luz da manhã, a sua Igreja da Reforma viu muitas coisas que tinha crescido obscuramente na noite da Igreja dos valdenses; e os reformadores de bom grado permitiram a sua irmã mais velha o benefício dos seus mais amplos pontos de vista. Se os homens do século XVI reconheceram a voz do cristianismo primitivo falando pelos valdenses, eles ouviram a voz da Bíblia, ou melhor, do próprio Deus, falando nos reformadores, e apresentou- se com humildade e docilidade às suas reprovações. O último tornou-se o primeiro.

Um interesse variado se estabeleceu no encontro destas duas Igrejas. Cada uma é um milagre para a outra. A preservação da Igreja valdense por tantos séculos, no meio do fogo da perseguição, fez dela um espanto para a Igreja do século XVI. A vinda da última, de uma religião morta foi uma maravilha ainda maior para a Igreja do primeiro século. Estas duas Igrejas compararam suas respectivas crenças: eles acharam que seus credos não são dois, mas um. Eles comparam as suas fontes de conhecimento: eles acharam que ambos vêm da doutrina da Palavra de Deus; elas não são duas Igrejas, são uma só. Elas são os membros mais velhos e mais jovens da mesma família gloriosa, os filhos do mesmo Pai. Que belo monumento da antiguidade verdadeira valdense e autêntica catolicidade do protestantismo!

Apenas um dos dois representantes de Provence retornou de sua visita aos reformadores da Suíça. No caminho de volta, em Dijon, uma desconfiança, de alguma causa ou outra, caiu sobre Pierre Masson. Ele foi jogado na prisão e por enfim, condenado e queimado. Seu colega foi autorizado a ir em seu caminho. George Morel, tendo as respostas dos reformadores, especialmente as cartas de Oecolampadius, felizmente chegou em segurança em Provence.

Os documentos que ele trouxe eram muito minuciosos. Seus conteúdos causaram a essas duas antigas igrejas uma mistura de alegria e tristeza, a primeira, porém, foi muito predominante. As notícias que tocaram o corpo de numerosos cristãos, agora aparecendo

em muitas terras, tão cheio de conhecimento e fé e coragem, foi literalmente espantosa. Os confessores dos Alpes pensavam que estavam sozinhos no mundo; a cada século viam seus números diminuir, e seu espírito resoluto crescer menos, os seus antigos inimigos, de um lado a outro, estavam firmemente ampliando seu domínio e reforçando a sua influência. Um pouco mais, eles imaginavam, e toda a fiel profissão pública do Evangelho cessaria. Foi nesse momento que eles foram informados de que um novo exército de campeões surgira para manter a velha batalha. Este anúncio explicava e justificava o passado a eles, pois agora eles viram os frutos do sangue de seus pais. Eles que tinham lutado a batalha não tinham a honra da vitória. Foi reservada para os combatentes que tinham acabado de entrar em campo. Eles tinham perdido essa recompensa, dolorosamente sentida, por sua deserção, daí o lamentar que se misturava com a sua alegria.

Eles seguiram a discutir as respostas que deviam ser feitas às igrejas de fé protestante, considerando, especialmente, se deviam adotar as reformas solicitadas nas comunicações que os seus representantes tinham trazido dos reformadores suíços e alemães. A grande maioria dos pastores valdenses era da opinião que deveria ser feito. Uma pequena minoria, porém, se opusera a isso, porque eles achavam que os reformados não se tornaram novos discípulos, por querer ditar ordens aos mais velhos na fé, ou porque eles eram secretamente inclinados a superstições romanas. Eles voltaram novamente aos reformadores para conselho e, depois de repetidas trocas de pontos de vista, foi finalmente resolveu convocar um sínodo nos vales, onde todas as questões entre as duas Igrejas poderiam ser debatidas, e as relações que foram sustentadas uma com a outra e as que estavam por vir, determinadas. Se a Igreja dos Alpes fosse continuar separada, como antes da Reforma, ela sentiu que devia justificar a sua posição, comprovando a existência de grandes e substanciais diferenças na doutrina entre ela e a Igreja recém surgida. Mas, se essas diferenças não existissem, ela não faria, e não ousaria, permanecer separada e sozinha; ela deveria então se unir com a Igreja da Reforma.

Foi decidido que o próximo Sínodo devia ser verdadeiramente ecumênico - uma assembléia geral de todos os filhos da fé protestante. Um caloroso convite foi enviado, e foi cordialmente e amplamente respondido. Todas as Igrejas Valdense no seio dos Alpes foram representadas neste sínodo. As comunidades dos Albigenses no norte da cadeia alpina, e as Igrejas valdenses na Calábria, enviaram representantes. As Igrejas da Suíça e França escolheram William Farel e Anthony Saunier para participarem [Ruchat, tom. iii. pp. 176557.] Até mesmo de terras mais distantes, como Boêmia, vieram homens para deliberar e votar nesta famosa convenção.

Os representantes se reuniram em 12 de outubro de 1532. Dois anos antes, a Confissão de Augsburg foi dada ao mundo, marcando o ponto culminante da Reforma alemã. Um ano antes, Zwinglio tinha morrido no campo de Cappel. Na França, a Reforma estava

começando a ser ilustrada pela morte heróica de seus filhos. Calvino não tinha tomado o seu lugar de destaque em Genebra, mas ele já estava inscrito sob a bandeira protestante. Os príncipes da Liga Schmalkalden [N.T.: aliança político-militar feita entre príncipes que apoiavam a causa protestante; recebeu este nome por causa da cidade alemã de Schmalkalden, onde os mesmos se reuniram e firmaram a referida aliança] estavam batalhando contra Carlos V. Foi uma época crítica, porém gloriosa nos anais do protestantismo, que viu esta assembléia convocada. Reuniu-se na cidade de Chamforans, no coração do Vale do Angrogna. Há poucas posições grandiosas ou mais fortes em todo esse vale do que o sítio ocupado por esta pequena cidade. O acesso foi defendido pelas alturas do Rocomaneot e La Serre, e pelo desfiladeiro que agora se contrai, depois se amplia, mas estão em toda parte projetados por grandes rochas e castanheiros poderosos, atrás e acima, que sobem os picos mais altos, alguns deles cobertos de neve. Um pouco além, La Serre é o platô em que a cidade está, com vista para o centro gramado do vale, que é banhado por uma torrente como de cristal, pontilhada por inúmeras moradias, e rodeada em cerca de dois quilômetros, até fechar em terreno íngreme, nos precipícios nus da barricada, que se estende de um lado a outro do Angrogna, deixa apenas o abismo, longo e escuro já descritos, como o caminho para o Pra del Tor, cujas majestosas montanhas aqui se levantam a vista e sugerem ao viajante a idéia de que ele está se aproximando de alguma magnífica cidade celestial. A cidade de Chamforans não existe mais, seu único representante no dia de hoje é uma solitária fazenda.

O sínodo durou seis dias consecutivos. Todos os pontos levantados durante as comunicações recebidas das Igrejas protestantes foram livremente discutidos pelos pastores e anciãos. Seus resultados foram incorporados em uma "Curta confissão da Fé", o qual Monastier diz que "pode ser considerada como um suplemento para a antiga Confissão de Fé do ano de 1120, que não se contradiz em qualquer ponto" [Hist. de Vaud., p. 146.]. Consiste de dezessete artigos, ** a principal é a incapacidade moral do homem; eleição para a vida eterna, a vontade de Deus, como se fez conhecido na Bíblia, uma única regra de direito, bem como a doutrina de dois sacramentos apenas, o Batismo e a Ceia do Senhor. [Trata-se de direito, diz Leger, "Uma Breve confissão de fé feita pelos pastores e chefes das famílias dos Vales do Piemonte. "é preservado", acrescenta ele, "com outros documentos na Biblioteca da Universidade de Cambridge." (Hist. des Vaud., Livr. I., p. 95)].

A lâmpada que tinha estado a ponto de expirar começou, após este sínodo, a arder com o seu brilho anterior. O antigo espírito dos valdenses reviveu. Eles não praticavam mai as dissimulações e omissões covardes a que tinha recorrido para evitar a perseguição. Eles já não tinham medo de confessar sua fé. Daí em diante eles nunca mais foram vistos na missa ou nas igrejas papistas. Eles se recusaram a reconhecer os sacerdotes de Roma como

ministros de Cristo, e sob nenhuma circunstância receber algum benefício espiritual ou serviço de suas mãos.

Outro sinal de vida nova que agora animavam os valdenses era a sua definição sobre o trabalho de reconstruir as suas igrejas. Por cinquenta anos, pode ser dito que o culto público cessou em seus vales. Suas igrejas foram arrasadas pelo perseguidor, e os valdenses temiam reconstruí-las para não atrair sobre si uma tempestade de violência e sangue. Uma caverna serviria às vezes como um lugar de reunião. Em anos mais pacíficos a casa de seus pastores, ou de alguns de seus principais homens, seria convertido em uma igreja, e quando o tempo estava bom, eles se reuniriam no lado da montanha, sob os grandes galhos de árvores ancestrais. Mas seus santuários antigos não ousaram levantar das ruínas em que o perseguidor os lançou. Eles podem dizer com os antigos judeus, "A nossa santa e gloriosa casa, em que te louvavam nossos pais, foi queimada a fogo; e todas as nossas coisas preciosas se tornaram em assolação" (Isaías 54:11), mas, agora, reforçada pelo companheirismo e os conselhos de seus irmãos protestantes, as igrejas se levantaram, e adoração a Deus foi reinstituída. Do local onde o sínodo reuniu-se, foi a primeira destas igrejas pós-Reforma, instituída; outras rapidamente seguiram em outros vales; pastores foram multiplicados, as multidões se reuniram para a sua pregação, e não poucos vieram das planícies do Piemonte, e de partes remotas de seus vales, a beber dessas águas vivas fluindo novamente em sua terra.

Ainda havia outro símbolo que esta velha igreja deu pela vigorosa vida que agora flui em suas veias. Esta foi uma tradução das Escrituras para a língua francesa. No sínodo, a resolução foi tomada para traduzir e imprimir tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos, e, como isto era para ser feito a cargo exclusivo dos valdenses, foi considerado como o seu presente para as Igrejas da Reforma. Um presente adequado e nobre! Esse livro que os valdenses tinham recebido da Igreja primitiva, que seus pais tinham preservado com o seu sangue, que seus pastores laboriosamente transcreveram e divulgaram agora se colocam nas mãos dos reformadores, constituindo-se, juntamente com os curadores desta, a arca das esperanças do mundo. Robert Olivetan, um parente próximo de Calvino, foi convidado para realizar a tradução, e ele fez com a ajuda de seu grande parente, acredita-se. Ele foi impresso em fólio, em letra preta, em Neuchatel, no ano de 1535, por Pierre de Wingle, comumente chamado de Picard. A despesa foi toda custeada pelos valdenses, que coletaram para este projeto 1500 coroas de ouro, uma grande soma para um povo tão pobre. Assim a Igreja Valdense enfaticamente proclamou, no início desta nova era de sua existência, que a Palavra de Deus era o seu ÚNICO FUNDAMENTO.

Como já foi mencionado, uma comissão para participar do sínodo foi dada pelas Igrejas da Suíça e França para Farel e Saunier. Sua participação implicava necessariamente em grande trabalho e perigo. Uma travessia dos Alpes naqueles dias parecia tão fácil, que é difícil

conceber o trabalho e perigo que tiveram na viagem. Os representantes não puderam tomar as trilhas comuns através das montanhas, com medo da perseguição; eles foram obrigados a viajar por caminhos pouco frequentados.

O caminho os conduziu frequentemente à beira de precipícios e abismos, até subidas íngremes e perigosas, e em campos de neve congelados. Nem eram os seus perseguidores os únicos perigos que tinham a temer; eles eram expostos à morte por causa dos desvios provocados pela cegueira das tormentas que haviam nos montes. No entanto, eles chegaram em segurança nos vales, e acrescentaram a sua presença e seus conselhos para a dignidade desta primeira grande assembléia eclesiástica dos tempos modernos. Disso, nós temos uma prova notável. Três anos depois, um valdense, Jean Peyrel, de Angrogna, sendo lançado na prisão, depôs em seu julgamento que "ele manteve guarda para os ministros que ensinou a boa lei, que estavam reunidos na cidade de Chamforans, no centro de Angrogna e que, entre outros presentes, houve um homem chamado Farel, que tinha uma barba vermelha, e um lindo cavalo branco; e outros dois o acompanhavam, um dos quais tinha um cavalo, quase preto, e o outro era muito alto, e um tanto defeituoso de aparência" [Gilles, p. 40. Monastier, p. 146]

Capítulo 7 - Perseguições e Martírios

Uma paz de vinte e oito anos — Estado florescente — Bersour —Um mártir — Martírio do Pastor Gonin — Martírios de um estudante e um monge — Julgamento e queima de um colportor — Uma lista de mortes horríveis — Os vales sob a influência da França — Restaurada à casa de Sabóia — Emmanuel Philibert — Perseguição renovada — Carignano — Perseguição se aproximando das Montanhas — Representação ao Duque — As veredas antigas— Protesto junto ao Duque — junto a duquesa— junto ao Conselho

A Igreja dos Alpes teve paz por vinte e oito anos. Esta foi uma época de prosperidade espiritual. Santuários surgiram em todos os seus vales, mas seus pastores e professores foram encontrados muito poucos, e os homens de aprendizagem e de zelo, alguns deles de terras estrangeiras, foram pressionados em seu serviço. Indivíduos e famílias nas cidades da planície do Piemonte abraçaram a fé, e as multidões que foram aos seus cultos foram crescendo continuamente. Membros [George Morel, conta em suas Memórias, que nesta época, havia mais de 800 mil pessoas da religião valdense. (Leger, Hist. Des Vaudois, Livr. II., P. 27.) ele inclui, naturalmente, nesta estimativa os valdenses nos vales, nas planícies do Piemonte, em Nápoles e Calábria, no sul da França, e nos países da Alemanha.] Em suma, esta venerável Igreja tinha uma segunda juventude. Sua lâmpada, acesa de novo, queimando com um brilho que justificou seu honrado lema, "A luz que brilha na escuridão". A escuridão não era agora tão profunda como tinha sido; as horas da noite estavam chegando ao fim. Também não era a comunidade valdense a única luz que agora brilhava na cristandade. Era uma constelação de luzes, cujo brilho estava começando a irradiar pelos céus da Igreja com um brilho que nas eras antigas não tinha conhecido.

A isenção de perseguição, que os valdenses apreciaram durante este período, não era absoluta, mas relativa. Pessoas mornas raramente são molestadas; e o zelo fervoroso dos valdenses trouxe com ele um reavivamento da malignidade do perseguidor, apesar de não encontrar vazão na tão terrível violência como as tempestades que haviam recentemente os derrotado. Apenas dois anos após o sínodo, ou seja, em 1534 - a destruição indiscriminada caiu sobre as Igrejas Valdenses de Provence; mas a triste história de sua extinção será mais apropriadamente narrada em outro lugar. Nos vales do Piemonte eventos de tempos em tempos ocorriam mostrando que a vingança do inquisidor tinha sido ferida levemente, não morta. Enquanto os valdenses como uma raça eram prósperos, suas igrejas se multiplicando, e sua fé ampliando sua área geográfica de um ano para outro, individualmente estavam sendo às vezes presos e colocados à morte na fogueira, na estaca, na roda ou na forca.

Três anos depois, a perseguição começou de novo, e durou pouco tempo. Carlos III de Sabóia, um príncipe de comportamento gentil, mas sob o domínio dos sacerdotes, sendo solicitado pelo Arcebispo de Turim e pelo inquisidor da mesma cidade, deu seu consentimento para "caçar os hereges dos vales". A missão foi entregue a um nobre de nome Bersour, cuja residência estava em Pinerolo, perto da entrada do Vale do Perosa. Bersour, um homem de disposição selvagem, reuniu uma tropa de 500 cavalos e a pé, e atacou o vale de Angrogna. Ele foi repelido, mas a tempestade que rolou pelas montanhas caiu sobre a planície. Se voltando aos valdenses que residiam em torno de sua própria residência, ele capturou um grande número de pessoas, as jogou em prisões e conventos de Pinerolo e da Inquisição de Turim. Muitos deles sofreram nas chamas. Um desses mártires, Catalan Girard, curiosamente ensinou aos espectadores uma lição em forma de parábola, ao pé da pilha de lenha. De entre as chamas, ele pediu duas pedras, que foram imediatamente trazidas. A multidão olhou em silêncio, curiosa para saber o que ele pretendia fazer com elas. Esfregando-as uma contra a outra, ele disse: "Vocês pensam que vão extinguir nossas pobres Igrejas pelas suas perseguições. Mas vocês não podem fazer mais do isso, do que eu com minhas frágeis mãos tentar esmagar essas pedras" [Leger, Livr. ii., p. 27].

Tempestades mais pesadas pareciam prestes a descer, quando de repente o céu limpou acima dos confessores dos Alpes. Foi uma mudança na política da Europa, neste caso, como em muitos outros, que retardou o exército perseguidor. Francisco I da França exigiu de Carlos, duque de Sabóia, a permissão para marchar com um exército através de seus domínios. O objetivo do rei francês era a recuperação do Ducado de Milão, um prêmio muito concorrido entre ele e Carlos V. O Duque de Sabóia indeferiu o pedido de seu irmão monarca, mas refletindo que as passagens dos Alpes estavam nas mãos dos homens a quem ele estava perseguindo, e que ele deveria continuar sua opressão, pois os valdenses poderiam abrir as portas do seu reino para o inimigo, ele enviou ordens para Bersour para parar a perseguição nos vales.

Em 1536, a Igreja valdense lamentou a perda de um dos seus mais ilustres pastores. Martin Gonin, de Angrogna, um homem de espírito notório e raros dons, tinha ido a Genebra, em assuntos eclesiásticos e estava retornando através do Dauphine, quando foi detido por suspeita de ser um espião. Ele livrou-se dessa acusação, mas o carcereiro investigando sua pessoa descobriu certas coisas sobre dele, sendo então condenado por aquilo que para o Parlamento de Grenoble representava um crime muito maior - heresia. Condenado à morte, ele foi levado durante a noite e afogado no rio Isere. Era para ele ter sofrido na estaca, mas seus perseguidores temiam o efeito de suas palavras antes de morrer sobre os espectadores [Monastier, p. 153].

Havia outros, também chamados a subir na pira mártir, cujos nomes não podemos passar em silêncio. Dois pastores voltando de Genebra para os seus rebanhos nos vales, em companhia de três protestantes franceses, foram presos em Col de Tamiers, em Sabóia, e levados para Chambery. Todos foram julgados, condenados e queimados. O destino de Nicolas Sartoire é ainda mais comovente. Ele era um estudante de teologia em Genebra, e era um dos que tinham bolsas de estudo que os senhores de Berna tinham concedido para a formação de jovens como pastores das Igrejas dos Vales. Ele saiu para passar as férias com sua família no Piemonte. Sabemos como os valdenses de coração ansiavam por suas montanhas nativas; a expectativa da vinda do jovem não despertaria mais a animada recepção por parte de seus amigos. A soleira paternal, que pena! Ele jamais cruzaria os vales até lá, não pisaria mais no seu vale. Viajando pela passagem de São Bernardo e o grande vale de Aosta, ele tinha acabado de passar a fronteira italiana, quando foi detido por suspeita de heresia. Era o mês de maio, quando tudo estava vivo e belo nos vales e montanhas ao redor dele; ele mesmo estava na primavera da existência; foi difícil sacrificar a vida naquele momento, mas o grande capitão cujos pés, ele tinha acabado de chegar, havia lhe ensinado que o primeiro dever de um soldado de Cristo é a obediência. Ele confessou o seu Senhor, nem poderia promessas ou ameaças - e por ambos foi tentado, o fez vacilar. Ele continuou firme até o fim, e em quatro de maio de 1557, foi trazido de sua prisão em Aosta, e queimado vivo [Leger, Livr. ii., p. 29].

O mártir que morreu heroicamente em Aosta era um jovem, agora o que estamos a considerar era um homem de cinquenta anos. Geofroi Varaile era um nativo da cidade de Busco, no Piemonte. Seu pai tinha sido capitão de um exército de assassinos que, em 1488, devastou os vales de Lucerna e Angrogna. O filho, em 1520 tornou-se monge, e possuindo o dom de uma rara eloquência, foi enviado em uma viagem de pregação, em companhia de outro eclesiástico encapuzado, ainda mais famoso, Bernardo Ochino de Sienna, o fundador da ordem dos capuchinhos. A razão desse homem ter sido enviado foi para reconverter um assustado Varaile. Ele fugiu para Genebra, e na cidade dos reformadores foi ensinado de forma mais completa o "caminho da vida". Ordenado como pastor, ele retornou para os vales, onde "como um outro Paulo", diz Leger, "pregou a fé que uma vez destruía". Depois de um ministério de alguns meses, ele partiu para uma visita de poucos dias a sua cidade natal de Busco. Ele foi detido pelos monges que estavam de emboscada. Ele foi condenado à morte pela Inquisição de Turim. Sua execução teve lugar na praça do castelo da mesma cidade, em 29 março de 1558. Ele caminhou até o lugar onde seria executado com passo firme e um semblante sereno; discursou para a grande multidão ao redor de sua pilha lenha de forma que arrancou lágrimas dos olhos de muitos; depois disso, começou a cantar em voz alta, e assim continuou até ser consumido em meio as chamas [Leger, Livr. II., p. 29]. Dois anos antes disso, na mesma praça, o pátio do castelo em Turim tinha assistido a um espetáculo similar. Barthelemy Hector era um livreiro em Poitiers. Um homem de temperamento forte, mas bem-humorado, ele viajou até os vales, difundindo que o

conhecimento o faz sábio para a salvação. No conjunto de cumes brancos olhando para baixo na Pra del Tor é chamado La Vechera, assim chamado porque as vacas amam a grama rica que as vestem os seus lados no verão. Barthelemy Hector tomava o seu lugar nas encostas da montanha e reunia os pastores e agricultores de Pra Del Tor em volta dele, os convencendo a comprar seus livros, pela leitura de passagens para eles. Porções das Escrituras também que ele recitava para senhoras e donzelas enquanto elas observavam as suas cabras, ou trabalhavam na roca. Seus passos foram seguidos pelo inquisidor, mesmo em meio a essas solidões selvagens. Ele foi levado para Turim, para responder pelo crime de venda de livros de Genebra. Sua defesa diante dos juízes mostrou uma admirável coragem e sabedoria.

"Você foi pego no ato", disse o juiz, "de venda de livros que contêm heresia. O que você diz?"

"Se a Bíblia é uma heresia para você, é a verdade para mim", respondeu o prisioneiro.

"Mas você usa a Bíblia para dissuadir os homens a não ir à missa", ressaltou o juiz.

"Se a Bíblia dissuade os homens a não ir à missa", respondeu Bartolomeu, "é uma prova de que Deus a desaprova, e que é dolatria".

O juiz, considerando pouco tempo para tirar uma confissão de tal herege, exclamou: “Recolher".

"Falei somente a verdade", disse o livreiro, "eu posso mudar a verdade como a veste que eu uso?"

Os juízes o mantiveram alguns meses na prisão, na esperança de que sua retratação o poupasse da fogueira. Esta falta de vontade de recorrer a esta pena não foi devido a algum sentimento de pena para com o preso, mas a convicção de que estas execuções repetidas poriam em risco a causa de sua Igreja. "A fumaça desses mártires nas estacas", como foi dito em referência à morte de Patrick Hamilton, "infectou aqueles a quem ele falou". Mas a constância de Barthelemy obrigou seus perseguidores a ignorar estas considerações prudenciais. Por fim, desesperado por sua renúncia, ele o trouxe e o lançou às chamas. Seu comportamento na fogueira "derramou rios de lágrimas", diz Leger, "aos olhos de muitos na multidão papista em torno de sua estaca, enquanto outros lançavam acusações e injurias contra a crueldade dos monges e inquisidores” [Leger, Livr. Ii ., p. 28].

Estes são apenas alguns dos muitos mártires por quem, mesmo durante este período de relativa paz e prosperidade, a Igreja dos vales foi chamada para depor contra Roma.

Alguns destes mártires morreram por métodos cruéis, bárbaros e horríveis. Citar todos estes casos estaria além do nosso propósito, e retratar os detalhes revoltantes e infames seria narrar o que nenhum leitor poderia suportar examinar. Citaremos apenas uma parte do resumo de Muston. "Não há nenhuma cidade no Piemonte", diz ele, "sob um pastor valdense, onde alguns de nossos irmãos não tenham sido condenados à morte ... Hugo Chiamps de Finestrelle teve suas entranhas arrancadas de seu corpo, ainda estando vivo, em Turim.

Peter Geymarali de Bobbio, da mesma forma, teve suas entranhas arrancadas em Lucerna, e um felino selvagem foi jogado onde estava a agonizar para torturá-lo ainda mais; Maria Romano foi enterrada viva em Rocco-patia; Magdalen Foulano sofreu o mesmo destino em San Giovanni; Susan Michelini foi amordaçada, a mão e o pé, e deixada a perecer de fome e frio em Saracena. Bartolomeu Fache foi retalhado com sabres, teve os cortes preenchidos com cal virgem e morreu agonizando, em Fenile; Daniel Michelini teve sua língua arrancada em Bobbio ao tentar louvar a Deus.

James Baridari morreu coberto de queimaduras sulfurosas, que tinham sido enfiadas na sua carne sob as unhas, entre os dedos, nas narinas, nos lábios, e sobre todo o seu corpo, e então queimado. Daniel Revelli teve sua boca enchida com pólvora, o qual sendo inflamada explodiu a sua cabeça em pedaços. Maria Monnen, presa em Liousa, teve a carne cortada de seu rosto e do osso do queixo, de modo que sua mandíbula foi deixada nua, e foi assim deixada até morrer. Paul Garnier foi lentamente cortado em pedaços em Rora. Thomas Margueti foi mutilado de uma forma indescritível em Miraboco, e Susan Jaquin cortado em pequenos pedaços em La Torre. Sara Rostagnol foi aberta das pernas ao peito, e assim deixada a morrer na estrada entre Eyral e Lucerna. Anne Charbonnier foi empalada e levada assim, em uma lança, como uma estátua, de San Giovanni a La Torre. Daniel Rambaud, em Paesano, teve as suas unhas arrancadas, em seguida, cortados os dedos, depois os pés e mãos, depois os braços e as pernas, assim, sucessivamente a cada parte cortada recusava de sua parte a abjurar o Evangelho" [Muston, Israel of the Alps, chap. 8.] Assim, o rol de mártires executado, e com cada doente de novo vem um novo, a mais excruciante e o modo mais horríveis de tortura e morte.

Já mencionamos a exigência que o rei da França fez ao Duque de Sabóia, Carlos III, que permitiria que ele marchasse com um exército através de seus territórios. A resposta foi uma recusa, mas Francisco I precisava ter uma estrada para a Itália. Assim ele tomou o Piemonte, e de posse dele, juntamente com os vales valdenses, durante vinte e três anos os valdenses estavam sob a influência de Francisco I, mais tolerante do que seus próprios príncipes; pois embora Francisco detestasse o luteranismo, as necessidades de sua política, muitas vezes o compelia a levar ao tribunal os luteranos, e assim aconteceu que, enquanto ele estava queimando hereges em Paris, ele os poupou nos vales. Mas a paz geral do

Chateau Cambresis, em 3 de abril de 1559, restaurou o Piemonte, com exceção de Turim, aos seus antigos governantes da Casa de Sabóia [Leger, Livr. ii., p. 29.] na pessoa de Carlos III.

Ele foi sucedido em 1553 por Emmanuel Philibert. Philibert foi um príncipe de talentos superiores e disposição humana, e os valdenses alimentavam a esperança de que com ele estariam autorizados a viver em paz, e adorar como seus pais haviam feito. O que reforçou essas expectativas foi o fato de que Philibert tinha casado com uma irmã do rei da França, Henrique II, que havia sido cuidadosamente instruída na fé protestante, por suas ilustres relações, Margaret, a rainha de Navarra, e Renee da França, filha de Luís XII. Mas, que pena! O tratado que restaurou Emmanuel Philibert ao trono de seus antepassados, continha uma cláusula obrigando as partes contratantes a extinguir a heresia. Esta foi enviada de volta para seus súditos com um punhal na mão.

Qualquer que fosse a inclinação do rei - e fortalecido pelos conselhos de sua rainha protestante, ele sem dúvida, se pudesse, teria tratado humanamente seus súditos fiéis, os valdenses – ma suas intenções eram dominadas por homens de vontade forte e mais determinada resolução. Porém, os inquisidores do seu reino, o núncio do Papa, e os embaixadores da Espanha e França, uniram-se pedindo a purgação de seus domínios, nos termos do acordo do Tratado de Paz. O infeliz monarca, incapaz de resistir a essas fortes solicitações, emitiu em 15 de fevereiro de 1560, um decreto proibindo os seus súditos de ouvir os pregadores protestantes no Vale de Lucerna, ou em qualquer outro lugar, sob pena de uma multa de 100 dólares de ouro para a primeira infração, e de prisão perpétua para o segundo. Este edital se referia principalmente aos protestantes na planície do Piemonte, que iam em multidões para ouvir sermão nos vales. Seguiu-se, no entanto, em um curto espaço de tempo, um edito ainda mais severo, ordenando o comparecimento a missa sob pena de morte. Para realizar esta cruel decreto, uma comissão foi entregue a um príncipe de sangue, Philip de Sabóia, Conde de Raconis, e com ele foi associado George Costa, Conde de la Trinita, e Thomas Jacomel, o Inquisidor-Geral, um homem tão cruel na disposição quanto o era licencioso nas atitudes. A estes foi adicionado um certo conselheiro Corbis, mas ele não era do tipo que a empreitada requeria, e assim, depois de assistir algumas cenas iniciais de barbárie e horror, ele renunciou a sua comissão [Monastier, cap. 19, p. 172. Muston, cap. 10, p. 52].

O primeiro estrondo da tempestade caiu sobre Carignano. Esta cidade repousa suavemente sobre um dos esporões dos apeninos, a cerca de vinte milhas a sudoeste de Turim. Ele continha muitos protestantes, alguns dos quais eram de boa posição. Os mais ricos foram selecionados e arrastados para a fogueira, a fim de espalhar o terror nos demais. O golpe não foi dado em vão, os que professavam o credo protestante em Carignano foram espalhados, alguns fugiram para Turin, então sob o domínio da França, alguns para outros

lugares, e alguns, que lástima! Assustados com a tempestade a frente, voltaram e buscaram refúgio na escuridão atrás deles. Eles tinham desejado o "país melhor", mas não puderam entrar à custa do exílio e da morte.

Tendo feito o seu trabalho em Carignano, esta tempestade desoladora fez seu caminho através da planície do Piemonte, para aquelas grandes montanhas que eram a antiga fortaleza da verdade, marcando sua trajetória através das aldeias e comunidades do país pelo terror, pilhagem e sangue. Moveu-se como uma daquelas nuvens de trovões, que o viajante nos Alpes pode muitas vezes avistar, atravessando a mesma planície, e atirando seus relâmpagos em direção a terra à medida que avança. Onde quer que se soubesse que havia uma congregação valdense, para lá a nuvem de dirigia. E agora eis que aos pés do Alpes valdenses, na entrada dos vales, em poderosos baluartes naturais, uma multidão de fugitivos das cidades e aldeias da planície procuravam encontrar asilo.

Rumores sobre os confiscos, prisões, torturas cruéis, e horríveis mortes que tinham acontecido às Igrejas, aos pés de suas montanhas, precederam o aparecimento dos cruzados na entrada dos Vales. A mesma devastação que tinha acontecido nas florescentes igrejas nas planícies do Piemonte parecia pender sobre a Igreja no seio dos Alpes. Neste momento, os pastores e líderes leigos se reuniram para deliberar sobre as medidas a serem tomadas. Tendo jejuado e se humilhado diante de Deus, eles procuraram pela oração fervorosa a direção do Espírito Santo [Leger, Livr. ii., p. 29.] Eles resolveram se aproximar do trono de seu príncipe, e por humilde protesto e petição, estabelecer o estado de seus negócios e a justiça de sua causa. Sua primeira reivindicação era ser ouvido antes de ser condenado - um direito a ninguém negado, por mais que fosse um criminoso.

Em seguida, eles solenemente negaram a principal infração do qual eram acusados: o de afastamento da verdadeira fé, e da adoção de doutrinas desconhecidas às Escrituras, e dos primeiros séculos da Igreja. Sua fé foi a que Cristo havia ensinado, o que os apóstolos, depois do Grande Mestre, haviam pregado, o que os pais tinham vindicado com as suas penas, e os mártires, com seu sangue, e que os quatro primeiros concílios tinham ratificado e proclamado ser a fé do mundo cristão. Das "veredas antigas", a Bíblia e toda a antiguidade eram testemunhas que eles nunca se desviaram; de pai para filho tinham continuado por esses 1.500 anos a andar nelas. Suas montanhas os blindaram das novidades; eles não se curvaram diante de deuses estranhos, e, se eles foram hereges, também foram os primeiros quatro concílios, e assim também foram os próprios apóstolos. Se erraram, foi na companhia dos confessores e dos mártires das primeiras eras. Eles estavam dispostos a qualquer momento apelar pela sua causa ao Conselho Geral, desde que o Conselho estivesse disposto a decidir a questão pela única norma infalível que conheciam: a Palavra de Deus. Se nesta prova eles fossem convencidos de uma heresia, de boa vontade eles renunciariam. Por isso, diante do principal ponto de acusação, o que mais eles poderiam

prometer? Mostra-nos, eles disseram, quais são os erros e o que nos pedir para renunciar sob pena de morte, e você não precisa pedir uma segunda vez.

["Primeiro, fazemos protesto perante o Todo-Poderoso e Todo- justo Deus, diante de cujo tribunal devemos todos os um dia comparecer, que pretendemos viver e morrer na santa fé, piedade e religião de nosso Senhor Jesus Cristo, e que abominamos todas as heresias que foram, e são condenadas pela Palavra de Deus. Abraçamos a mais sagrada doutrina dos profetas e apóstolos, como também os credo de Nicéia e de Atanásio; subscrevemos os quatro Concílios e a todos os antigos pais, em todas as coisas como não sendo repugnantes à analogia da fé ". (Leger, Livr. Ii. Pp. 30-1).]

Seu dever para com Deus não enfraqueceu a sua fidelidade a seu príncipe. A piedade eles acrescentaram a lealdade. O trono diante do qual eles estavam agora não tinha mais fiéis e dedicados súditos do que eles. Quando eles tinham traçado uma traição, ou contestado o comando legal de sua soberania? Sem dúvida, quanto mais temiam a Deus, mais honravam ao rei. Seus serviços, sua essência, sua vida, tudo estava à disposição do seu príncipe, pois eles estavam dispostos a colocar tudo sob a defesa da sua prerrogativa legal, apenas uma única coisa que eles não poderiam entregar – sua consciência.

Em relação aos seus confrades romanistas – súditos do Piemonte, viviam em boa vizinhança com eles. Quem eles feriram – de quem eles roubaram as propriedades – quem eles enganaram com suas barganhas? Não eram amáveis, corteses, honestos? Se os seus montes competiam em fertilidade com a naturalmente rica planície aos seus pés, e se as suas casas nas montanhas eram cheias de estoques de milho, azeite e vinho, nem sempre encontrada em casas do Piemonte, em que a estas foi devido, salvo à sua indústria superior, frugalidade e habilidade? Nunca fizeram expedição de saqueadores descendo de seus montes para levar as mercadorias de seus vizinhos, ou para infligir retaliações aos muitos assassinatos e roubos a que tiveram de submeter-se. Por que, então os seus vizinhos se levantavam contra eles para exterminá-los, como se fossem um bando de malfeitores, em cuja vizinhança ninguém podia viver em paz, e porque o seu soberano deve desembainhar sua espada contra aqueles que nunca tinham perturbado o seu reino, nem conspirado contra o seu governo, mas que, ao contrário, tinham se esforçado para manter a autoridade sua de direito, e a honra de seu trono? "Uma coisa é certa, ó mais sereno príncipe", disseram, em conclusão, que "a Palavra de Deus não vai perecer, mas permanecerá para sempre. Se, então, nossa religião é a pura Palavra de Deus, como estamos persuadidos que é, e não uma invenção humana, nenhum poder humano será capaz de aboli-la" [ver Leger (ii livr.., Pp. 30-1) a petição dos valdenses apresentada em: "Au Serenissime et tres- Puissant Prince, Philibert Emmanuel, Due de Savoye, Prince de Piemont, notre tres-Clement Seigneur" (Para o sereno e mais poderoso príncipe, Emmanuel Filiberto, duque de Sabóia, Príncipe do Piemonte, nosso Gracioso Senhor).]

Nunca houve mais solene, ou mais justo, ou um protesto mais respeitoso apresentados a qualquer trono. O mal feito sobre eles foi enorme, mas nenhuma palavra de raiva, nem uma única sentença acusadora os valdenses se permitiram pronunciar. Mas, o que aproveitou este protesto solene, esta reivindicação triunfante? O mais completo e conclusivo é a evidência, da imensa injustiça e flagrante criminalidade da Casa de Sabóia. Quanto mais os valdenses colocavam-se no lado correto, quanto mais eles colocavam a Igreja de Roma no errado, e eles que já os condenaram a perecer estavam mais firmemente determinados a realizar o seu propósito.

Este documento foi acompanhado por outros dois: um para a rainha, e um para o Conselho. O que foi para a rainha foi concebido diferentemente do que ao duque. Eles não oferecem nenhuma defesa para a sua fé: a própria rainha o era. Aludem em alguns termos tocantes aos sofrimentos que já tinham sido submetidos e a maiores ainda que pareciam estar por vir. Isso foi o suficiente, eles sabiam que para despertar todas as suas simpatias, e alistá-la como sua advogada junto ao rei, a exemplo de Ester, e outras mulheres nobres nos tempos antigos, que valorizavam menos as suas nobres posições para a sua honra deslumbrante, do que as oportunidades que lhes deram de proteger os perseguidos confessores da verdade. [Ver em Leger (ii livr.., P. 32), "A la tres-Vertueuse et tres Excellente-Dame, Madame Marguerite de França, duquesa de Berry Savoye et de" - "a petição de seus pobres e humildes súditos, os habitantes dos Vales de Lucerna e Angrogna e Perosa e San Martino, e todos os da planície que se chamam apenas sobre o nome do Senhor Jesus".]

O protesto apresentado ao Conselho foi redigido em termos mais simples e diretos, mas ainda respeitoso. Eles ofereceram aos conselheiros do rei o cuidado com que eles o elaboraram; advertia que cada gota de sangue inocente derramado eles teriam um dia que dar conta, que o sangue de Abel, ainda que apenas de um homem, exclamou com uma voz tão alta que Deus o ouviu nos céus, e desceu para chamar quem o derramou para prestar contas; quanto mais forte o grito que surgiria a partir do sangue de toda uma nação, e quanto mais terrível a vingança com a qual seria visitada! Em suma, eles recordaram ao Conselho que o que eles pediam não era um privilégio desconhecido no Piemonte, nem seriam as primeiras ou as únicas pessoas que desfrutariam da indulgência se ela fosse estendida a eles.

Os judeus e os sarracenos não viviam sem serem molestados nas suas cidades? Eles não permitiam ao israelita construir a sua sinagoga e o mouro ler o Corão, sem incômodo ou restrição? Foi uma grande coisa que a fé da Bíblia fosse colocada no mesmo nível nesta consideração com a do Islã, e que os descendentes dos homens que por gerações foram súditos da Casa de Sabóia, e que enriqueceram os domínios com as suas virtudes e os defendido com seu sangue, devessem ser tratados com a mesma humanidade que foi

mostrada para o estrangeiro e o descrente? Estas petições os confessores dos Alpes expediram, e tendo feito isso, eles esperaram uma resposta com os olhos fitos no céu. Se essa resposta fosse a paz, com a gratidão a Deus e ao seu príncipe eles exaltariam! Se fosse de outro modo, eles estavam prontos para aceitar essa alternativa também; eles estavam preparados para morrer

Capitulo 8 - Preparativos para uma guerra de extermínio

Pastor Gilles leva o protesto ao Duque – Sem notícias por três meses - Os monges de Pinerolo iniciam a perseguição – Ataque surpresa em San Martino - Felipe de Sabóia tenta uma Conciliação - Sermão de um monge - O Duque declara guerra aos valdenses – O terrível caráter seu exército - Os valdenses realizam um jejum - Escaramuças em Angrogna - Noite de Pânico - La Trinita Ocupa o vale de Lucerna - Uma intriga - Infrutíferas concessões – Abalos causados pelos Incidentes - La Trinita Exige 20 mil coroas dos Homens dos Vales – Ele se retira para sua caserna de inverno - Ultrajes de seus soldados.

Qual seria o valdense que poria sua vida em risco e levaria o protesto ao Duque? O perigoso serviço foi entregue a M. Gilles, pastor de Bricherasio, um homem devotado e corajoso. Uma companhia foi associada com ele, mas cansou-se com o mau acolhimento e os insultos que encontrou no caminho e abandonou a missão, deixando a empreitada a Gilles somente. O Duque então vivia em Nice, pois Turim, sua capital, ainda estava nas mãos dos franceses, e a duração da viagem aumentou consideravelmente muito os seus riscos. Gilles chegou a Nice, em segurança, no entanto depois de muitas dificuldades e atrasos ele teve uma audiência com a rainha Margaret, que se comprometeu a colocar as representações de que era portador nas mãos de seu marido, o Duque. O representante valdense também teve uma audiência com Felipe de Sabóia, irmão do Duque, e um dos comissários sob o Ato de Purgação dos vales. O pastor valdense foi, no geral, bem recebido por ele. Porém, colocado em jugo desigual com o cruel e fanático Conde de La Trinita, Felipe de Sabóia tornou-se logo revoltado, e deixou o negócio sangrento inteiramente nas mãos de seu comissionário pessoal [Muston, p. 68.] Conforme considerou a rainha, seu coração estava nos vales; a causa dos pobres valdenses foi sua causa também. Mas ela ficou sozinha como intercessora junto ao Duque, sua voz foi abafada pelas solicitações e as ameaças dos prelados, o rei da Espanha, e o Papa [Muston, p. 72].

Durante três meses não veio nem carta nem edito da corte em Nice. Se os homens dos vales estavam impacientes para conhecer o destino que os aguardava, seus inimigos, sedentos por pilhagem e sangue, estavam ainda mais. Estes, não mais podendo conter sua cólera, começaram a perseguição por sua própria conta. Eles pensavam saber as intenções do seu soberano, e ousaram antecipá-las.

O toque de alarme foi tocado do Mosteiro de Pinerolo. Debruçados sobre a fronteira dos vales, os monges deste estabelecimento mantinham os olhos fixos nos hereges dos montes, como abutres observando suas presas, sempre prontos para atacar qualquer aldeia ou vale quando as encontrassem desguarnecidas. Eles contrataram um bando de saqueadores, a quem enviaram para a pilhagem. O bando voltou trazendo diante deles um grupo miserável

de cativos, que haviam arrastado de suas casas e vinhas nas montanhas. Os mais pobres eles queimaram vivos, ou enviaram para as galés, os ricos eles prenderam até que pagassem o resgate pelo qual foram detidos [Muston, p. 69. Monastier, p. 178].

O exemplo dos monges foi seguido por alguns proprietários de terras papistas no Vale de San Martino. Os dois senhores feudais de Perrier atacaram antes do raiar do dia de dois de abril de 1560, os moradores de Rioclareto, com um bando armado. Alguns eles mataram, o restante expulsaram, sem roupas ou comida, a perecer nas montanhas cobertas de neve. Os bandidos que haviam os expulsado se apossaram de suas moradias, afirmando que ninguém devia reocupá-las a menos que estivessem dispostos a ir à missa. Eles mantiveram a posse por apenas três dias, pois os valdenses do Vale do Clusone, em número de quatrocentos, ao tomarem conhecimento do ultraje, cruzaram as montanhas, expulsaram os invasores e restabeleceram seus irmãos [Muston, p. 70. Monastier, p. 176-7].

Em seguida apareceu nos vales, Felipe de Sabóia, Conde Raconis, e Comissário-Chefe. Ele era um católico fervoroso, mas um homem benevolente e justo. Ele um dia participou de sermão na igreja valdense de Angrogna, e ficou tão satisfeito com o que ouviu que obteve do pastor um esboço da fé valdense para enviá- la a Roma, na esperança de que o papa deixasse de perseguir um credo que parecia tão pouco herético. Verdadeiramente uma esperança otimista! Onde o honesto Conde tinha visto muito pouco de heresia, o Papa Pio IV, viu um grande negócio; e nem sequer permitiu um debate com os pastores valdenses, como o Conde tinha proposto. Ele estenderia sua benignidade não mais do que para absolver "de seus crimes passados" todos os que estavam dispostos a entrar na Igreja de Roma. Isso não foi muito animador, ainda assim o Conde não abandonou a sua idéia de conciliação.

Em junho de 1560, veio uma segunda vez para o Vale de Lucerna, acompanhado por seu colega, La Trinita, e junto com os pastores e chefes de família, ele disse que a perseguição iria cessar de imediato, desde que consentissem em ouvir os pregadores que tinha trazido com ele, os Irmãos da Doutrina Cristã. Ele ainda propôs que eles deveriam silenciar os seus próprios ministros, enquanto eles estavam fazendo prova da sua. Os valdenses manifestaram a vontade de consentir, desde que os ministros do Conde pregassem o Evangelho puro; mas se eles pregassem tradições humanas, eles (os valdenses) obrigatoriamente não aceitariam; e não aceitariam silenciar os seus próprios ministros, era lógico que eles primeiro permitissem fazer julgamento dos pregadores do Conde. Poucos dias depois, eles tiveram uma amostra dos novos expositores. Selecionando o mais capaz entre eles, o fizeram subir ao púlpito e pregar a uma congregação só de valdenses. Ele tomou uma forma muito eficaz para fazê-los escutar. "Vou demonstrar a vocês", disse ele, "que a missa é encontrada nas Escrituras.

A palavra massah significa 'enviado', não é?" "Não exatamente", responderam seus ouvintes, que sabiam mais sobre o hebraico do que o pregador papista. "A expressão primitiva", continuou ele, "Ite missa est, era empregada para fazer separação do sacerdote da congregação, não era?" "Isso é bem verdade", responderam seus ouvintes, sem entender muito claramente sobre o seu enfadonho argumento. "Bem, então se vê, senhores, que a missa se encontra na Sagrada Escritura" [Muston, p. 71. Monastier, p. 177-8]. A congregação foi incapaz de determinar se o pastor estava argumentado com eles, ou simplesmente rindo deles.

Encontrando os valdenses obstinados, como ele os considerava, o Duque de Sabóia, em outubro de 1560, declarou guerra contra eles. Logo no início desse mês um rumor terrível atingiu os vales, ou seja, que o Duque estava recrutando um exército para exterminá-los. As outras notícias não eram melhores. O Duque ofereceu livre perdão a todos os "bandidos, condenados e vagabundos", que se inscrevessem como voluntários para servir contra os valdenses. Pouco tempo depois, um exército de um caráter verdadeiramente terrível foi montado. Os valdenses pareciam condenados à destruição total e inevitável.

Os pastores e chefes de famílias se reuniram para deliberar sobre as medidas a serem tomadas neste terrível momento de crise. Sentindo que o seu refúgio estava somente em Deus, eles resolveram que não iriam tomar nenhum meio para escaparem que pudesse ser ofensivo para Ele, ou desonroso para eles mesmos. Os pastores foram exortar a cada um a se consagrar a Deus, com verdadeira fé, arrependimento sincero e ardente oração, e como medidas de defesa, eles recomendaram que cada família devesse recolher suas provisões, roupas, utensílios, e rebanhos, e estarem prontos para no momento em que fossem alertados transportá-los, juntamente com todas as pessoas doentes, às suas fortalezas nas montanhas. Enquanto isso, o exército Duque - se o banditismo recrutado do Piemonte poderia ser assim chamado - chegava mais perto a cada dia [Muston, p. 72. Monastier, p. 182].

Em trinta e um de outubro, um anúncio foi publicado em todo o Vale do Angrogna, chamando os moradores para retornar para o seio da igreja romana, sob pena de extermínio pelo fogo e espada. No dia seguinte, primeiro de novembro, o exército do Papa apareceu na Bubiana, na margem direita do Pelice, na entrada dos vales valdenses. As hostes numeradas eram de 4000 na infantaria e 200 à cavalo, que incluía, além dos bandidos que formaram o corpo principal, alguns veteranos, que tinham vindo em grande quantidade de serviços nas guerras com a França [Carta de Scipio Lentullus, pastor de San Giovanni. (Leger, Hist. Des Eglises Vaud., Livr. II., P. 35).]

Os valdenses, tendo agora o inimigo à vista, se humilharam, em um jejum público, diante de Deus. Em seguida, eles comeram juntos da Ceia do Senhor. Alentaram a alma por esses serviços, e começaram a pôr em execução as medidas anteriormente decididas. Os velhos

e as mulheres escalaram as montanhas, as despertando com os ecos dos salmos que cantavam em seu caminho para Pra Del Tor, em cujas naturais muralhas de pedra e picos nevados procuravam asilo. A população valdense dos vales naquela época não era mais do que 18000; seus homens armados não excediam 1200, estes foram distribuídos em vários passes e barricadas para se opor ao inimigo, que agora estava perto. [É o que diz o Pastor de Giovanni, Scipio Lentullus, na carta já referida. (Leger Livr. II., P. 35).]

Em dois de novembro o exército do Piemonte, colocando-se em movimento, atravessou o Pelice, e avançou ao longo do estreito desfiladeiro que leva aos vales, com as alturas de Bricherasio à direita, e as esporas do Monte Friolante à esquerda, com as massas imponentes do Vandalin e Castelluzzo na frente. Os piemonteses acamparam nas campinas de San Giovanni, a uma curta distância do ponto onde o Vale de Lucerna e o Vale de Angrogna se dividem, o primeiro se expande para uma ampla e sublime campina e vinha, correndo entre magníficas montanhas, como se fossem ricas roupas de pastagens, bosques de castanheiras e chalés, até que termina na passagem selvagem de Miraboue, e este último exposto ao vento e inclinado em uma grande sucessão de precipícios e gargantas e pequenos vales isolados de gramíneas, até desembocar no vale em forma funil, em torno dos quais as montanhas coroadas de gelo ficam como sentinelas eternas.

Foi o último destes dois vales (Angrogna) que La Trinita ensaiou entrar primeiro. Ele marchou com 1200 homens para ela, as asas de seu exército se dispuseram sobre as alturas limítrofes de La Cotiere. Seus soldados foram opostos apenas por um pequeno corpo de valdenses, alguns dos quais estavam armados apenas com estilingue e bestas. Em escaramuças com o inimigo, os valdenses recuavam, lutando, até as partes mais altas. Quando anoiteceu nenhum dos lados poderia reivindicar uma vantagem decisiva. Cansados com as escaramuças, os dois exércitos se acamparam durante a noite - os valdenses no alto de Roccomaneot, e os piemonteses, com suas fogueiras acesas, sobre os montes mais baixos de La Cotiere.

De repente, o silêncio da noite foi surpreendido por uma mensagem irônica, que surgiu da hoste piemontês. O que tinha acontecido para evocar esses sons do desprezo? Eles tinham avistado, entre eles e o céu, nas alturas acima deles, as figuras dos valdenses encurvados. De joelhos, os guerreiros valdenses estavam suplicando ao Deus das batalhas. Mal tinha a zombaria dos piemonteses se desvanecido, quando foi ouvido um tambor bater em um vale lateral. Uma criança tinha pego o instrumento, e estava se divertindo com ele. Os soldados de La Trinita viram em sua imaginação um novo corpo de valdenses avançando deste vale lateral para os atacar. Eles tomaram suas armas em total desordem. Os valdenses, vendo o movimento do inimigo, tomaram as suas também, e correram morro abaixo, para antecipar o ataque. Os piemonteses jogaram fora suas armas e fugiram, perseguidos pelos valdenses, perdendo assim em meia hora o terreno que custou-lhes um dia de luta para ganhar. As

armas abandonadas pelos fugitivos se tornaram uma oferta muito necessária e muito oportuna para os valdenses. Como o resultado dos combates do dia, La Trinita tinha sessenta e sete homens mortos, dos valdenses, apenas três tinham caído [Carta de Scipio Lentullus. (Leger Livr. II., P. 25). Muston, p. 73-4].

Abrindo do lado esquerdo de La Trinita estava Vale de Lucerna vestido de milharais, vinhas e suas muralhas de montanhas, com suas torres, Villaro, Bobbio e outras formando o mais nobre dos Vales Valdenses. La Trinita agora ocupou este vale com seus soldados. Esta foi uma conquista relativamente fácil, pois quase todos os seus habitantes fugiram para Pra Del Tor. Aqueles que permaneceram eram em sua maioria romanistas, que naquele tempo, viviam misturados com a população valdense, e mesmo eles, confiaram suas esposas e filhas aos cuidados de seus vizinhos valdenses, os enviando para Pra Del Tor, a fim de escapar dos atentados brutais do exército do Papa. Nos dias seguintes La Trinita teve algumas pequenas batalhas com os valdenses, em todas foi repelido com abate considerável. A natureza árdua da tarefa que tinha em mãos agora começou pesar sobre ele.

Os montanhistas, ele viu, eram corajosos e determinados a morrer ao invés de submeter a sua consciência ao Papa, e suas famílias – esposas e filhas - aos desejos de seus soldados. Ele descobriu, além disso, que eles eram um povo simples e confiante, totalmente ignorante nos caminhos da intriga. Ele estava encantado de encontrar essas qualidades neles, pois achava em como poderia atraí-los para uma armadilha. Ele tinha as ferramentas com ele como astúcia e vilania como tinha em si mesmo - Jacomel, o inquisidor, e Gastand, seu secretário, o último fingiu amor ao Evangelho. Esses homens que ele tinha para sua obra. Quando tinham as palavras preparadas, ele reuniu os principais homens dos valdenses, e recitou-lhes algumas coisas lisonjeiras, que tinha ouvido, ou professava ter ouvido, que o Duque e a Duquesa fizeram uso em relação a eles; ele protestou que isso não era um negócio agradável para o que foi contratado, e que ele ficaria feliz em encerrá-lo; a paz, pensou ele, poderia facilmente ser arranjada, se eles apenas fizessem algumas pequenas concessões para mostrar que eles eram homens razoáveis; ele propôs que eles devessem depositar as suas armas na casa de um dos seus representantes, e permitir-lhe, pela mesma forma, ir com um pequeno comboio, e celebrar uma missa na Igreja de São Laurenzo, em Angrogna, e depois fazer uma visita a Pra Del Tor. A proposta de La Trinita provou a precisão da estima que se havia formado sobre os crentes dos vales. As pessoas passaram a noite inteira deliberando sobre a proposta do Conde e, ao contrário da opinião de seus pastores e alguns de seus leigos, concordou em aceitá-la [Leger, Livr. ii., p. 35. Monastier, p. 184-5].

O general do Papa citou sua missa na igreja. Depois disso, ele atravessou o desfiladeiro sombrio que leva à famosa Pra Del Tor, em cujas verdes encostas, com as suas muralhas

de neve, ele estava tão desejoso de ver com seus olhos, porém, é dito, ele mostrou evidente agitação quando passou pelo poço negro de Tompie, com suas memórias de retribuição. Tendo realizado esses feitos em segurança, ele voltou a vestir a máscara de um pouco antes.

Ele retomou os esforços em que professava ser tão disposto, sério e louvável, de realizar a paz. O Duque havia chegado mais perto, e estava vivendo em Vercelli, na planície do Piemonte, La Trinita pensou que os valdenses deveriam por todos os meios enviar para lá representantes. Isso reforçaria a sua súplica - de fato, mas para garantir seu sucesso - se eles arrecadassem uma soma de 20.000 coroas. Mediante o pagamento desse montante iria retirar o seu exército, e deixá-los praticar a sua religião em paz [Leger, Livr. ii., p. 35]. Os valdenses, incapazes de entender a dissimulação de La Trinita, fizeram concessão após concessão. Eles já haviam deposto as armas, eles já tinham enviado representantes ao Duque; a seguir, eles tributaram a si mesmos para subornar seus soldados, e por fim, e o pior de tudo, a demanda de La Trinita, eles mandaram embora seus pastores. Era terrível pensar em uma viagem através do Col Julien naquela época, ainda que tivessem que ter ido embora. Ao longo dos seus cumes nevados, onde a neve do inverno continuamente obstruía a passagem e empilhava coroas de flores, entre os Vales do Prali e San Martino, e sobre as montanhas de gelo, tinha esse triste grupo de pastores que seguiam seu caminho: encontrar refúgio entre os protestantes franceses no Vale de Pragelas. Este percurso difícil e perigoso foi imposto, pois o caminho mais direto, através do Vale do Perosa, estava fechado pelos saqueadores e assassinos que o infestavam, e especialmente por aqueles pagos pelos monges de Pinerolo.

O Conde acreditava que as pessoas pobres estavam, agora, totalmente em seu poder. Seus soldados fizeram suas barbaridades no Vale de Lucerna. Saquearam as casas abandonadas pelos valdenses. Os poucos habitantes que permaneceram, bem como aqueles que tinham retornado, pensando que durante as negociações de paz as hostilidades seriam suspensas, fugiram pela segunda vez, e procuraram refúgio nas matas e cavernas nas partes superiores dos vales. As atrocidades cometidas pelos bandidos a quem o Vale de Lucerna foi entregue agora eram de uma crueldade que quase não pode ser registrada aqui. Um homem indefeso, que viveu cento e três anos, foi colocado em uma caverna, e sua neta, uma menina de dezessete anos, foi deixada lá para cuidar dele. Os soldados descobriram seu esconderijo, o velho foi assassinado, e a sua neta seria a próxima. Ela fugiu da perseguição brutal dos soldados, pulou de um precipício e morreu. Em outro exemplo, um homem velho foi perseguido até a beira de um precipício por um dos soldados de La Trinita. O valdense não tinha alternativa senão lançar-se sobre o abismo ou morrer pela espada do seu perseguidor. Ele parou, virou-se e caiu de joelhos, como a suplicar por sua vida. O soldado estava levantando a espada para golpeá- lo, quando o valdense apertando-o firmemente em volta das pernas, e balançando-se para trás com toda sua força, rolou pelo precipício, levando o soldado com ele para o abismo.

Parte do montante acordado entre La Trinita e os valdenses já tinha sido pago a ele. Para levantar esse dinheiro as pessoas pobres não tinham outra saída a não ser vender seus rebanhos. O Conde já retirara o seu exército para quartéis de inverno em Cavour, um ponto tão próximo dos vales que uma marcha de algumas horas lhe permitiria voltar a introduzi-los a qualquer momento. O milho, azeite e vinho que não tinha sido capaz de levar embora, ele destruiu. Até mesmo os moinhos ele reduziu a escombros. Seu projeto parecia ser deixar aos valdenses somente a alternativa de submissão, ou de morrer de fome em suas montanhas. Para os afligir ainda mais, ele colocou guarnições em postos estratégicos nos vales, e, na extrema libertinagem da sua tirania, exigiu daqueles que sequer tinham pão para comer que devessem fornecer alimentos para seus soldados. Estes soldados estavam constantemente rondando em busca de vítimas para satisfazer a sua crueldade e desejo. Aqueles que tiveram a infelicidade indescritível de ser arrastado para algum covil teve de sofrer, se homens, tortura excruciante, se mulher, afrontoso estupro [Muston, p. 77. Monastier, p. 186-7]

Capítulo 9 - A Grande Campanha de 1561

Missa ou extermínio — Pacto nos Vales — Seu Solene Juramento — Como os valdenses abjuraram —Suas Energéticas Preparações — La Trinita avança seu Exército — Duas tentativas de entrar em Angrogna são repelidas — Uma Terceira Tentativa — Ataques em três pontos — Repelidas todas as Três — Destruído oVale do Rora — Recebem reforços da França e Espanha— Inicia a sua terceira campanha—Seis homens contra um exército— Derrota completa— Extinção das Hostes de La Trinita—Paz.

Estas punições terríveis a que os valdenses se submeteram, era na esperança de que os representantes que eles tinham enviado ao Duque trousessem de volta com eles uma paz honrosa. A impaciência com que esperavam seu retorno pode ser muito bem entendida. Finalmente, depois de seis semanas sem notícias, os representantes reapareceram nos vales, mas seus rostos desanimados, mesmo antes de terem dito uma palavra, mostravam que não tinham conseguido seu intento. Tinham sido enviados de volta com uma ordem: que os valdenses apresentassem incondicional submissão à Igreja de Roma sob a pena de serem exterminados. Para impor a ordem ao extremo, um exército mais numeroso estava nesse momento sendo preparado. A missa ou extermínio, eram essas as alternativas agora apresentadas a eles.

Então o espírito do povo acordou. Ao invés de envergonhar seus antepassados, pondo assim em perigo as suas próprias almas, e implicando em uma herança de escravidão aos seus filhos, que iriam morrer mil vezes, sua depressão foi embora, pois eles haviam despertado de um profundo sono, tinham encontrado as suas armas. Sua primeira preocupação foi chamar de volta os seus pastores, a segunda, seus próximos para levantar suas igrejas caídas, e sua terceira, retomar os cultos públicos nelas. Diariamente sua coragem crescia, e a alegria, mais uma vez iluminava os seus rostos.

Houve cartas de simpatia e promessas de ajuda de seus companheiros protestantes de Genebra, Dauphine, e da França. Nos dois últimos países a perseguição naquela hora impedia, mas os seus próprios perigos fizeram com que todos se mobilizassem para socorrer seus irmãos dos Vales. "Então", diz um historiador, "aconteceu uma daquelas cenas grandiosas e solenes, que, ao mesmo tempo heróica e religiosa, parecem adaptadas para um poema épico do que para um momento grave da história" [Muston, p. 78].

Os valdenses de Lucerna enviaram representantes através das montanhas, cobertas então com uma grande quantidade de neve, para propor uma aliança com os crentes do Vale de Pragelas, que estavam naquele momento sendo ameaçados pelo seu soberano, Francisco I. A aliança proposta foi alegremente aceita. Reunidos em um platô coberto de neve de fronte

a serra de Sestrieres, e a cadeia do Guinevert, os representantes juraram estar ao lado uns dos outros, e prestar apoio mútuo nas batalhas que estavam por vir [Monastier, p. 188. Muston, p. 78]. Foi acordado que este juramento de aliança deveria ser declarado publicamente com uma solenidade nos vales Valdenses.

Os representantes de Pragelas, atravessando o Monte Julien, chegaram a Bobbio em 21 de janeiro de 1561. Sua vinda foi singularmente oportuna. Na noite anterior, uma proclamação do ducado tinha sido publicada nos vales, ordenando aos valdenses, no prazo de 24 horas, comparecer a missa, ou arcar com as consequências - "espada, fogueira, forca: os três argumentos do catolicismo", diz Muston. Esta foi a primeira notícia com que os representantes de Pragelas encontraram em sua chegada. Com todo o entusiasmo eles renovaram o seu juramento. Subindo uma colina atrás de Bobbio, os representantes de Pragelas, e os de Lucerna, de pé no meio dos chefes de famílias reunidas, que ajoelharam-se ao redor, pronunciaram estas palavras:

"Em nome das Igrejas Valdenses dos Alpes, de Dauphine e do Piemonte, que sempre foram unidas, e das quais somos representantes, nós aqui prometemos, com as nossas mãos sobre nossas Bíblias, e na presença de Deus, que todos os nossos Vales devem corajosamente apoiar uns aos outros em matéria de religião, sem prejuízo da obediência devida a seus superiores legítimos. Comprometemo-nos a manter a Bíblia toda, e sem adulteração, de acordo com o uso da verdadeira Igreja Apostólica, perseverando nesta santa religião, apesar de estar em perigo de nossas vidas, a fim de que a possamos transmitir aos nossos filhos, intacta e pura, tal como nós a recebemos de nossos pais. Nós prometemos ajuda e socorro aos nossos irmãos perseguidos, não considerando nossos interesses individuais, mas a causa comum, e não dependendo de homem algum, mas de Deus" [Muston, p. 78-9].

A grandeza física do local onde se encontravam era de acordo com a sublimidade moral da transação. Imediatamente abaixo estava espalhada pelo seio verde do vale, aqui e ali, o orvalho como prata do Pelice brilhando entre vinhas e pomares de acácia. Preenchendo o horizonte por todos os lados salvo um, levanta-se um conjunto de magníficas montanhas, brancas com a neve do inverno. Destaca-se entre eles os grandes picos do Col de Malure e o Col de la Croix. Eles olhavam as testemunhas silenciosas e majestosas do juramento em que um povo heróico uniu-se para morrer em vez de permitir a contaminação de seus lares e a profanação de seus altares, pelas hordas de uma tirania idólatra. Foi desta forma grandiosa que os valdenses abriram uma das campanhas mais brilhantes já travadas por suas forças.

Na manhã seguinte, de acordo com a ordem do Duque, eles deviam escolher entre a missa e a pena anexada à recusa. Uma igreja da vizinhança – umas das que tinham sido tomadas

deles, estava pronta, com altar enfeitado e velas acesas, para os valdenses ouvirem sua primeira missa. Mal o dia amanheceu, e os penitentes já estavam na porta da igreja. Eles mostrariam ao Duque a forma de sua retratação. Eles entraram no prédio. Por um momento ficaram examinando a estranha transformação que sua igreja tinha sofrido, e então começaram a trabalhar. Apagaram as velas, derubaram as imagens, e varreram para a rua o rosário e o crucifixo, e todos os outros apetrechos do culto papista, mas foi trabalho de alguns minutos. O ministro, Humbert Artus, em seguida, subiu ao púlpito e leu o texto de Isaías xlv-xx: "Congregai-vos, e vinde; chegai-vos juntos, os que escapastes das nações; nada sabem os que conduzem em procissão as suas imagens de escultura, feitas de madeira, e rogam a um deus que não pode salvar"; pregou um sermão que atingiu o ponto chave da campanha depois da sua abertura.

Os habitantes das aldeias e chalés nas montanhas desceram, como as torrentes inverno, em Lucerna, e reforçaram o exército valdense, purificando o templo em Villaro. No caminho eles encontraram a guarnição do Piemonte. Eles os atacaram e os expulsaram; os monges, senhores feudais e magistrados, que tinham vindo receber a abjuração dos hereges, acompanharam as tropas em sua fuga vergonhosa. O bando inteiro de fugitivos, soldados, padres e juízes, encerraram-se na cidade de Villaro, que agora estava cercada pelos valdenses. Três vezes a guarnição de La Torre tentou levantar o cerco, três vezes e eles foram repelidos. Por fim, no décimo dia, a guarnição se rendeu, e tiveram suas vidas poupadas, dois pastores valdenses os acompanharam até La Torre, com os soldados expressando maior confiança neles do que em qualquer outro acompanhante.

O Conde La Trinita, vendo sua guarnição expulsa, deixou seu acampamento no Cavour, e deslocou seu exército para os vales. Ele novamente ensaiou semear a discórdia entre os valdenses para enredá-los nas negociações de paz, mas desta vez eles tinham aprendido muito bem o valor de suas promessas de dar a mínima atenção a elas, ou intermitente, fazer os preparativos para a defesa. Era agora o início de fevereiro de 1561.

Os valdenses trabalharam com o zelo de homens que sentem que sua causa é grande e justa, e estavam preparados para sacrificar tudo por ela. Eles ergueram barricadas, montaram emboscadas, criaram sinais, para telegrafar os movimentos do inimigo de posto a posto. "Cada casa", diz Muston, "tornou-se uma fabrica de lanças, balas e outras armas". Eles selecionaram os melhores atiradores que seus vales poderiam fornecer, e formaram a "Companhia Ligeira", cujo dever era correr até o ponto onde o perigo era mais iminente. Para cada corpo de combatentes eles acresciam dois pastores, para manter o moral de seu exército. Os pastores da manhã, tarde e noite, conduziam a devoção pública; rezavam com os soldados antes de ir para a batalha, quando a luta acabava, e quando os valdenses estavam perseguindo o inimigo nas suas grandes montanhas, e através de suas escuras

gargantas, eles exortavam para impedir a vitória de ser manchada por qualquer derramamento inútil de sangue.

La Trinita sabia muito bem que se ele subjugasse os Vales, e sua campanha fosse bem sucedida, ele deveria tornar-se senhor de Pra del Tor. Em meio a essa vasta fortaleza natural estavam agora reunidos o corpo principal do povo valdense. Seus rebanhos e provisões que permaneceram com eles tinham sido transportados para lá, também nesse local moinhos e fornos tinham sido construídos; também estabeleceu-se o seu concílio, e dirigiu todas as operações de defesa. Porém um duro golpe os atingiu e iria esmagar o coração dos valdenses, e converter o que os valdenses consideravam como seu castelo inexpugnável em seu túmulo.

Adiando o castigo dos outros vales, entretanto, La Trinita dirigiu todos os seus esforços contra Angrogna. Sua primeira tentativa de entrar com o seu exército foi feita 4 de fevereiro. Os combates duraram até a noite, e terminou em sua repulsa. Sua segunda tentativa, três dias depois, o levou de uma forma considerável a entrar em parte de Angrogna, queimando e devastando, mas seu sucesso parcial custou caro, e a área que havia conquistado veio a ser depois abandonada [Monastier, p.

190. Muston, p. 80].

O dia 14 de fevereiro teve a luta mais difícil. Empregando toda a sua estratégia para tornar-se senhor do muito cobiçado Pra del Tor, com tudo nele, La Trinita dividiu seu exército em três companhias, e avançou a partir de três pontos. Umas das tropas, marchando ao longo dos desfiladeiros do Angrogna, e atravessando o abismo estreito que leva até Pra, atacou-o no sul. Outra companhia, escalando as alturas de Pramol, e cruzando os flancos nevados de La Vechera, tentou forçar a entrada a leste, enquanto um terceiro, subindo de San Martino, e cruzando os cumes elevados que formam a parede do Pra no norte, descera sobre ele a partir desse parte. O conde estava confiante na expectativa de que se os seus homens não conseguissem forçar a entrada em um ponto, eles poderiam com certeza fazê-lo em outro.

Nenhum sentinela tinha dado aviso do que estava se aproximando. Enquanto três exércitos estavam marchando para atacá-los, os valdenses, em seu grande vale, com as suas muralhas de picos coroados de gelo, estavam envolvidos nas devoções matinais. De repente, os gritos dos fugitivos, e dos assaltantes, que saíam da fenda estreita no sul, rompeu aos seus ouvidos, junto com a fumaça da queima de suas aldeias. Dos três pontos de ataque, este foi o mais fácil de ser defendido. Seis corajosos jovens valdenses que caminhavam pelo vale pararam o avanço dos soldados de La Trinita. Foram seis contra um exército.

A estrada pela qual os soldados estavam avançando é longa e sombria, e coberta por grandes pedras, e tão estreita que só dois homens podem marchar lado a lado. Deste lado se ergue a montanha, do outro, no fundo, torrentes de águas como trovões, um ressalto na face íngreme do penhasco, correndo daqui para a escuridão, lá no sol, serve como um caminho. Isso leva ao que é chamado o portão de Pra. Essa passagem é formada por um ângulo da montanha, que se impõe sobre a borda estreita de um lado, enquanto uma enorme rocha sobe por outro lado, e torna ainda mais estreita o ponto de ingresso em Pra del Tor. Acessar a famosa Pra, do qual La Trinita estava agora se esforçando para tornar-se senhor, não havia como deste lado, salvo através desta estreita abertura, visto que na direita se ergue a montanha; na esquerda sai o abismo, no qual, se alguém pisa de lado, no mínimo, cai de cabeça. Para amigos e inimigos a entrada para o Pra del Tor, é apenas a do sul, por este portão natural. Foi aqui que os seis guerreiros valdenses tomaram sua posição [Monastier,

p. 191]. Imóveis, tais como os próprios Alpes, eles não só fizeram frente ao avanço do exército, mas levaram pânico em massa, o que fez os precipícios do desfiladeiro duplamente fatal.

Outros teriam se apressado em ajudar, se não houvesse subitamente um perigo se apresentando em outra parte. Nas alturas de La Vechera, atravessando a neve, foi vista uma tropa armada, fazendo sua entrada no vale, a leste. Antes que tivessem tempo de descer ela foi recebida pelos valdenses, que a dispersou e a fez fugir. Duas partes do ataque do Conde falharam; a terceira terá melhor sucesso?

Como os valdenses estavam perseguindo o inimigo em La Vechera, viram outra tropa armada, que havia cruzado as montanhas que separam o Vale de San Martino de Pra del Tor no norte, descendo sobre eles. Imediatamente o alarme foi dado.

Poucos homens puderam ir enfrentar os invasores. Estes leigos iriam emboscar na boca de um desfiladeiro através do qual os atacantes faziam o seu caminho para dentro de Pra. Emergindo do desfiladeiro, e olhando para o vale abaixo deles, exclamaram: "depressa, depressa! Angrogna é nosso". Os valdenses, porém, gritando: "Vocês é que são nossos", precipitando-se sobre eles de espadas na mão. Confiando em sua superioridade numérica, os soldados do Piemonte lutaram desesperadamente. Mas poucos minutos bastaram para os homens dos Vales se apressarem a partir dos pontos onde eles estavam agora vitoriosos, para ajudar seus irmãos. Os invasores, vendo-se atacados por todos os lados, viraram-se e fugiram pelas encostas que tinham acabado de descer. Muitos foram mortos, nem um homem deles cruzaria de volta as montanhas, mas para o pastor da Companhia Ligeira, erguendo a voz num tom maior, suplicou aos perseguidores para poupar as vidas daqueles que já não eram capazes de resistir. Entre os mortos estava Charles Truchet, que tão

cruelmente devastou a comunidade de Rioclaret alguns meses antes. Uma pedra de um bodoque o lançou prostrado no chão, e sua cabeça foi cortada com sua própria espada. Louis de Monteuil, outro perseguidor notável dos valdenses, morreu na mesma ação.

Furioso com a sua derrota, La Trinita voltou seu exército contra o quase indefeso Vale de Rora. Ele o devastou, queimando o seu pequeno povoado, e afugentando a população de oitenta famílias, que escapou sobre as neves das montanhas para Villaro, no Vale do Lucerna. Esse vale, ele entrou junto com seus soldados e, embora fosse no momento quase despovoado, o general papista recebeu uma recepção tão calorosa dos camponeses que ficaram que depois de ser repelido por três vezes, ele se viu forçado a retirar seus homens e se recolher para seu antigo quartel em Cavour, a pensar sobre seus infortúnios, e em novos estratagemas para seus planos de ataques, em que ele credulamente esperava recuperar a sua desgraça.

La Trinita passou um mês reforçando seu exército, muito enfraquecido pelas perdas que havia sofrido. O rei da França enviou dez companhias a pé, e alguns soldados escolhidos [Leger, Parte II., P. 36. Gilles, cap. 25.] Veio um regimento da Espanha e numerosos voluntários do Piemonte, incluindo muitos da nobreza. De 4000, o número original de seu exército, foi agora aumentado para 7000 [Ibid. Parte II,p. 37]. Ele se achou forte o suficiente para começar uma terceira campanha. Ele estava confiante que desta vez iria acabar com a desgraça que se abatera sobre seu exército e varrer da terra de uma vez e para sempre o grande escândalo dos valdenses. Ele novamente dirigiu todos os seus esforços contra Angrogna, o coração e o baluarte dos Vales.

Era domingo, 17 de março de 1561. Todos os valdenses reunidos em Pra del Tor tinham se encontrado na manhã daquele dia, logo depois da madrugada, como era seu costume, para se unirem na devoção pública. Os primeiros raios do sol nascente começavam a iluminar os montes brancos ao redor deles, e as cadências do seu último salmo da manhã foram sumindo nas encostas gramadas de Pra, quando um súbito alarme foi disparado. O inimigo estava se aproximando por três rotas. Sobre as cristas dos cumes orientais apareceu um grupo de homens armados, outra se deslocando até o abismo, e em poucos minutos, ia se espalhar, através do portal já descrito, em Pra, enquanto um terceiro foi escalando as rochas por um caminho intermediário entre os dois. Instantaneamente, o inimigo atingiu todos os pontos de abordagem. Um punhado de valdenses foi suficiente para empurrar de volta ao longo do estreito desfiladeiro a linha de homens com suas reluzentes armaduras. Em outros dois pontos, onde bastiões de rocha e terra que tinham sido erguidos, a luta foi intensa, e a quantidade de mortos era enorme, mas nesse dia, em ambos os locais foi contra os invasores.

Alguns dos mais capazes capitães estavam entre os mortos. O número de soldados mortos era tão grande que o conde de La Trinita é dito ter sentado e chorado quando viu as pilhas de mortos [Muston, p. 83]. Foi motivo de espanto quando os valdenses não perseguiram os invasores, pois podiam ter feito, sendo muito mais familiarizados com os caminhos da montanha, assim todo o exército não teria sido deixado vivo para anunciarem sua derrota aos moradores do Piemonte. Seus pastores conteram os vitoriosos valdenses, tendo estabelecido como uma máxima no início da campanha que usariam de moderação e clemência, qualquer vitória que o "Deus das batalhas" quisesse ter o prazer de dar-lhes, eles derramariam o sangue somente quando absolutamente necessário para prevenir seu próprio de ser derramado. O número de mortos do lado piemontês era desproporcional a qualquer número de quem caiu do outro lado, tanto assim, que atualmente, se diz que nas cidades do Piemonte que "Deus estava lutando pelos pastores" [Ibid. Monastier, p. 194].

Mais profundamente humilhado e desonrado do que nunca, La Trinita levou de volta os restos de seu exército para suas casernas. Teria sido melhor para ele se nunca tivesse posto os pés no território valdense, e não menos para muitos daqueles que o seguiam, incluindo alguns dos nobres do Piemonte, cujos ossos estavam agora clareando sobre as montanhas valdenses . Mas o general papista era lento para aprender a lição destes eventos. Mesmo assim, ele alimentou o projeto de voltar a atacar aquele vale fatal onde tinha perdido tantos louros, e enterrado tantos soldados, mas ele encobriu o seu propósito com astúcia. Negociações foram abertas entre os homens dos Vales e o Duque de Sabóia, e como elas estavam transcorrendo de forma satisfatória, os valdenses não tinham suspeitas de nenhum mal. Este foi o momento em que La Trinita escolheu para atacá-los. Ele apressadamente montou suas tropas, e durante a noite de 16 de abril, ele marchou contra Pra del Tor, esperando para entrar nele sem ter oposição, e dar os valdenses "como ovelhas para o matadouro".

A neve em todo o Pra estava começando a derreter pela luz da manhã, quando a atenção do povo, que tinha acabado de terminar sua adoração, foi atraída pelos sons incomuns que foram ouvidos do desfiladeiro que dava para o vale. No instante seis alpinistas corajosos correram para a porta que se abre a partir do desfiladeiro. A longa fila de soldados de La Trinita foi vista avançando dois lado a lado, os capacetes e couraças brilhando na luz. Os seis valdenses fizeram seus arranjos, com calma e esperaram até que o inimigo estivesse próximo. Os dois primeiros valdenses, segurando mosquetes carregados, ajoelharam-se. Os outros dois estavam de pé, prontos para disparar sobre as cabeças dos dois primeiros. Os outros dois ficaram para carregar as armas quando eram descarregadas. Os invasores se aproximaram. No que os dois primeiros inimigos chegaram ao seu alcande, foram abatidos pelos dois valdenses. Os dois próximos da força de ataque cairam na mesma maneira pelos tiros dos valdenses que estavam de pé. A terceira dupla de inimigos se apresentaram apenas

para tombarem ao lado dos seus camaradas. Em poucos minutos, uma pequena pilha de cadáveres bloqueava a passagem, o que inviabilizava o avanço do do inimigo no abismo.

Enquanto isso, outros valdenses escalaram as montanhas que dominam o desfiladeiro em que o exército do Piemonte estava preso. Empurrando as grandes pedras com os quais a encosta estava cheia, os valdenses as lançaram sobre os inimigos. Impossibilitados de avançar a partir da parede de mortos a frente, e incapazes de fugir por causa da aglomeração por detrás, os soldados foram esmagados pela queda de dezenas de rochas. O pânico se estabeleceu: e pânico em tal situação era terrível. Firmados em conjunto sobre a borda estreita, com uma chuva assassina de pedras sobre eles, sua luta para escapar era medonha. Eles empurraram um ao outro, e pisavam com os pés uns aos outros, enquanto que um grande número caiu no precipício e caíram por terra sobre as pedras ou afogados na torrente [Leger, Parte II., P. 37. Muston, p. 85]. Quando os que estavam na entrada do vale, assistindo o resultado, viram a torrente cristalina do Angrogna começar a ser transformadas em sangue, "Ah!" disseram, "o Pra del Tor foi tomado, La Trinita triunfou, lá vem o sangue dos valdeneses". E, de fato, o Conde no início da marcha, pela manhã, que se vangloriava que ao meio-dia a torrente do Angrogna iria mudar de cor, e assim, na verdade se fez. Em vez de um fluxo transparente, rolando sobre uma cama de cascalho branco, que é o seu aspecto habitual, na boca do vale, agora estava profundamente tingido pelo recente abate. Mas quando os poucos que tinham escapado da catástrofe voltaram para dizer o que tinha ocorrido naquele dia dentro dos desfiladeiros de Angrogna, observou-se que não era o sangue dos valdenses, mas o sangue de seus cruéis invasores, que tingiu as águas do Angrogna. O Conde se retirou na mesma noite com o seu exército, que não voltou mais para os vales.

As negociações foram novamente retomadas, desta vez não através de La Trinita, mas por meio de Filipe de Sabóia, Conde de Raconis, e foram rapidamente levadas a um fim satisfatório. O Duque de Sabóia, teve pequeno mérito em fazer a paz com os homens a quem ele descobriu que não poderia vencer. A capitulação foi assinada em 5 de junho de 1561 e sua cláusula primeira concedia uma indenização por todos os crimes. Interessante observar que essa indenização foi dada para aqueles que haviam sofrido, não para aqueles que cometeram os delitos e que consentiram com eles. Os artigos que se seguiram permitiram aos valdenses erguer igrejas em seus vales, com excepção de duas ou três das suas cidades, e realizar o culto público, em suma, celebrar todos os ofícios de sua religião. Todas as "antigas imunidades, isenções e privilégios, se concedidos por Sua Alteza, ou pelos antecessores da Alteza", foram prorrogadas, desde que fossem comprovados por documentos públicos [os artigos da capitulação são dadas na íntegra em: Leger, Parte II., p. 38-40].

O arranjo desse acordo encerrou a guerra de quinze meses. Os valdenses atribuíram em grande parte, à influência da bondosa Duquesa Margaret. O Papa chamou isso de "um exemplo pernicioso", pois ele temia que a ação de outros imitadores, pois naqueles momentos o amor de muitos pela Sé Romana poderia esfriar. O fato de os “hereges” terem sido premiados causava asco nos prelados e monges do Piemonte como mal cheiro entrando nas narinas. No entanto, o Duque Emanuel Filiberto manteve fidelidade as suas disposições, com a Duquesa ao seu lado para neutralizar qualquer pressão no sentido contrário. Esta paz, juntamente com o verão que agora chegara, começou lentamente a apagar as profundas cicatrizes da perseguição que haviam deixado nos vales, e o que ajudou a consolar e reanimar este povo valente, mas aflito, foi a simpatia e ajuda universalmente ofertadas pelos protestantes no estrangeiro, em particular através de Calvino e de Palatino, dirigindo uma carta ao Duque em nome de seus súditos perseguidos [Leger, Parte II., p. 41].

Nada era mais admirável do que o espírito de devoção que os valdenses exibiram durante todos estes terríveis conflitos. Seus vales ressoaram não menos com a voz de oração e louvor do que com o fragor das armas. Seus adversários vieram de orgias, blasfêmias, assassinatos, para entrar em batalha, os valdenses se levantaram de seus joelhos para desembainhar a espada e empunhá-la em uma causa que acreditavam ser a daquele a quem tinham se dobrado em súplica . Quando seu pequeno exército foi a campo seus pastores sempre os acompanhava, para animar os soldados por exortações apropriadas antes de se juntar a batalha, e moderar na hora da vitória de uma vingança que, no entanto desculpável, ainda teria manchado a glória do triunfo. Quando os guerreiros se apressavam para o bastião ou desfiladeiro, os pastores se refugiavam na encosta da montanha, ou no seu cume, e com as mãos erguidas suplicavam a ajuda do "Senhor, forte e poderoso, o Senhor poderoso na batalha". Quando a batalha cessava, e os inimigos estavam em fuga, e os vencedores tinham voltado de perseguir os invasores de seus vales, o pastor de cabelos grisalhos, o homem de coração de leão da batalha, a matrona, a moça, o rapaz, e a criança, se reuniam em Pra del Tor, e enquanto o sol estava descendo nas gloriosas montanhas de suas terras mais uma vez resgatados, eles levantam suas vozes juntos, e cantavam a velha canção de guerra de Judá, em esforço tão heróico que as grandes rochas à sua volta devolveriam o trovão do seu louvor no eco mais alto do que os da batalha, cujo tema triunfante eles estavam comemorando.

Capítulo 10 - Colônias valdenses na Calábria e Apúlia

Uma pousada em Turim – Dois jovens valdenses – Um estranho – Convites para a Calabria – Os valdenses buscam a terra – Se estabelecem nela – Suas colônias florescem – Constroem cidades – Cultivam a ciência Ouvem a respeito da Reforma – Petição para estabelecer um pastor – Jean Louis Paschale enviado a eles – Detido – Trazido acorrentado para Nápoles – Levado a Roma.

Um dia, por volta do ano 1340, dois jovens valdenses estavam sentados em uma pousada em Turim, envolvidos em uma conversa séria sobre as perspectivas de seu lar. Encerrados em seus vales, e cultivando com labuta suas montanhas um tanto estéreis, suspiravam por limites mais amplos e uma terra mais fértil. "Venham comigo", disse um estranho, que tinha estado escutando despercebido a conversa: "Venham comigo, e eu vos darei campos férteis para suas rochas estéreis." A pessoa que agora cordialmente se dirigia aos jovens, e cujos passos a Providência havia dirigido para o mesmo hotel com eles, era um cavalheiro da Calábria, no extremo sul da península italiana.

Em seu retorno aos vales os jovens relataram as palavras do desconhecido, e as esperanças lisonjeiras que ele lhes estendeu e se deviam estar dispostos a migrar para esta terra do sul, onde o céu era mais afável, e a terra mais fértil, iria recompensar seu trabalho com colheitas mais abundantes. Os anciãos do povo valdense ouviram com interesse. A população de seus vales tinha recentemente crescido em grande parte pelo aumento do número de refugiados albigenses, que haviam escapado do massacre de Inocêncio III na França, e os valdenses, sentindo-se abarrotados de gente, estavam preparados para receber qualquer plano que prometesse uma ampliação de seus limites. Mas antes de aderir à proposta do estranho, eles pensaram que seria conveniente enviar pessoas competentes para analisar esta notícia para eles e a terra desconhecida. Os exploradores valdenses voltaram com um relato lisonjeiro das condições e capacidades do lugar para onde tinha sido convidados a ocupar.

Comparado com suas próprias montanhas do norte, cujos cumes o inverno cobria completamente de neve durante todo o ano, cujas gargantas eram varridas por rajadas de ventos furiosos, e cujos lados eram despojados de seus milharais e vinhas por torrentes devastadoras, Calábria era uma terra prometida. "Há belas montanhas", diz o historiador Gilles, que descreve este assentamento como "vestido com todos os tipos de árvores de frutas brotando espontaneamente de acordo com sua época, nas planícies, vinhas e castanhas; no chão subindo, nozes e todas as árvores frutíferas. Em todo o lugar eram vistas ricas terras aráveis e poucos trabalhadores". Um conjunto considerável de emigrantes foram enviados para este novo lugar. Os jovens foram acompanhados até suas futuras casas

com suas esposas. Eles levaram consigo a Bíblia numa versão romanceada", na arca santa da Nova Aliança e da paz eterna".

As condições de sua emigração ofereceu uma segurança razoável para o exercício livre e regular de sua adoração. "Através de um convênio com os senhores locais, posteriormente ratificada pelo rei de Nápoles, Fernando II de Aragão, eles foram autorizados a governar seus próprios assuntos, civil e espiritual, por seus magistrados, e os seus próprios pastores" [Muston, p. 37]. Sua primeira povoação era perto da cidade de Montalto. Meio século depois levantou-se a cidade de San Sexto, que depois se tornou a capital da colônia. Outras cidades e vilas surgiram, a região, que antes tinha sido escassamente habitada e cultivada, logo foi transformada em um alegre jardim. As elevadas colinas, foram vestidas com árvores frutíferas, e as planícies com culturas luxuriantes. O Marquês de Spinello ficou tão impressionado com a prosperidade e a riqueza dos assentamentos, que se ofereceu para ceder terras em suas próprias fazendas vastas e ferteis, onde estes colonos pudessem construir cidades e plantar vinhas. Uma de suas cidades ele autorizou a cercar com um muro, daí o seu nome, La Guardia. Esta cidade, situada numa altura perto do mar, logo se tornou populosa e opulenta [Leger, parte 2, p. 333].

Para o fim do mesmo século, outro corpo de emigrantes valdenses chegaram de Provence, no sul da Itália. Os recém-chegados se estabeleceram em Apúlia, não muito longe de seus irmãos da Calábria. Vilas e cidades surgiram, e a região rapidamente pôs uma nova face no âmbito das melhorias e criação dos colonos. Suas alegres casas, junto a pomares de laranjas e murtas, seus montes cobertos com oliveiras e vinhas, os seus campos de milho e pastagem, foram a maravilha e a inveja de seus vizinhos.

Em 1500, chegou na Calábria ainda outra emigração dos Vales do Pragelas e Fraissinieres. Este terceiro corpo de colonos instalaram-se na Volturata, um rio que flui dos Apeninos para a Baía de Tarento. Com o aumento do seu número veio um aumento da prosperidade para os colonos. Seus vizinhos, que não sabiam o segredo dessa prosperidade, ficaram perdidos em espanto e admiração. Os atributos físicos da região ocupada pelos emigrantes não era diferente em nenhum sentido de suas próprias terras, ambos estavam sob o mesmo céu, mas quão diferente é o aspecto de uma em relação a outra! O solo, tocado pelo arado dos valdenses parecia sentir um fascínio que fazia abrir o seu peito e render um aumento de dez vezes. A vinha pendia nas mãos valdenses os mais ricos cachos, e esforçou-se em rivalidade generosa com o figo e a azeitona para superá-los em enriquecer com a sua produção as mesas valdenses. E como era maravilhoso o silêncio e a ordem de suas cidades, e um ar de felicidade no rosto das pessoas! E como era doce ouvir o balido das ovelhas nas colinas, o mugido do gado nos pastos, o canto do ceifador e do coletor de uva, e as vozes alegres de crianças brincando ao redor das aldeias e vilas! Por cerca de 200 anos essas colônias continuaram a florescer.

"É uma circunstância curiosa", diz o historiador M'Crie, "que o primeiro raio de luz, no renascimento das letras, brilhou nesse lugar remoto da Itália, onde os valdenses tinham encontrado um asilo. Petrarca primeiro adquiriu um conhecimento da língua grega de Barlaam, um monge da Calábria, e Boccaccio foi ensinado por Leôncio Pilatus, que era um ouvinte de Barlaam, se não era também natural do mesmo lugar "[M'Crie, Itália, 7,8 pp] . Muston diz que "as ciências floresceram entre eles" [Muston, Israel of the Alps, p. 38]. O dia da Renascença ainda não tinha rompido. O vôo dos estudiosos, que traziam consigo a semente da antiga aprendizagem para o Ocidente, ainda não tinha tido lugar, mas os valdenses da Calábria pareciam ter antecipado o grande renascimento literário. Trouxeram com eles as Escrituras numa versão romanceada. Eles possuíam, sem dúvida, o gosto e o talento onde nas nações os romances eram, então, famosos, e, além disso, em seu assentamento sulista eles podiam ter tido acesso a algum conhecimento das ciências que os sarracenos, então, tão assiduamente cultivavam, e assim provavelmente, com o seu lazer e riqueza, como estes valdenses devessem voltar sua atenção para as letras, bem como a seus afazeres, e fazer sua terra adotiva os vocais com as canções dessas cantorias com a qual Provence e Dauphine ressoava tão melodiosamente, até que sua música se apagou de uma vez e para sempre pelos assassinos de Simão de Montfort? Mas aqui nós só podemos conjecturar ambiguamente, pois os registros desse povo interessante são escassos e duvidosos.

Estes colonos manteveram sua ligação com a terra-mãe dos Vales, embora situada na extremidade oposta da Itália. Para manter viva a sua fé, que era o elo de ligação, os pastores foram enviados em revezamento de dois para ministrar nas igrejas da Calábria e Apúlia, e quando tinham cumprido seu mandato de dois anos, eram substituídos por outros dois. Os pastores, em seu caminho de volta para os vales, visitavam seus irmãos nas cidades italianas, pois naquela época eram poucas as cidades da península em que os valdenses não eram encontrados. O avô do historiador valdense, Gilles, numa dessas visitas pastorais a Veneza, foi assegurado pelos valdenses com quem conversara, que não havia menos de 6000 nessa cidade. O medo ainda não havia despertado suspeitas e nem acendido o ódio dos romanistas, pois a Reforma ainda não era chegada. Nem os valdenses se importavam de lançar as suas opiniões para a análise de seus vizinhos. Ainda assim, os sacerdotes não podiam deixar de observar que os modos desses colonos do norte eram, em muitas coisas, peculiares e estranhas. Eles evitavam se divertir e ir em festas, tinham suas crianças ensinadas por mestres estrangeiros, em suas igrejas não haviam nem imagens nem velas acesas, nunca iam em peregrinação, eles enterraram seus mortos sem acompanhamento dos sacerdotes, e nunca foram conhecidos por trazer um vela para o santuário da virgem, ou pagar uma missa para ajudar de seus parentes mortos.

Estas peculiaridades eram certamente surpreendentes, mas uma coisa os expiava - pagavam com absoluta pontualidade e fidelidade seus dízimos estipulados, e como o valor de suas terras ia aumentando anualmente, houve um aumento anual correspondente tanto nos dízimo devidos aos padres quanto as rendas a pagar ao senhorio, e nem um nem outro estava desejoso em perturbar um estado de coisas tão benéficos para si, e que foi se tornando cada dia mais vantajoso [Perrin, Histoire des Vaudois, p. 197. Monastier, p. 203-4].

Mas, em meados do século XVI, o vento do Protestantismo do norte começou a se mover sobre estas colônias. Os pastores que as visitaram disseram-lhes do sínodo, que tinha sido realizado em Angrogna em 1532, e que tinha sido como o "início do mês" para a antiga Igreja dos Vales. Mais notícias gloriosas ainda eles comunicaram aos cristãos da Calábria. Na Alemanha, França, Suíça e Dinamarca, o antigo Evangelho tinha resplandecido em uma forma até então desconhecida por muito tempo. A lâmpada dos Alpes já não era a única luz solitária no mundo: em torno dela havia um círculo de tochas poderosas, cujos raios, misturando-se com os da velha luminária, foram combinados para dissipar a noite da cristandade. Ao ouvir essas coisas estupendas seu espírito reviveu: sua conformidade passada pareceu-lhes como covardia, eles também, então tomariam parte na grande obra da emancipação das nações, fazendo confissão aberta da verdade. Não se contentando mais com a simples visita de um pastor, pediram a Igreja mãe para lhes enviar um que pudesse permanentemente estar entre eles e exercer o ofício sagrado*.

* Muston, p. 38, Monastier e M'Crie dizem que o pedido de um pastor foi feita para Genebra, e que Paschale foi enviado para a Calábria, acompanhado por um outro ministro e dois mestres. É provável que o pedido foi apresentado em Genebra com a intermediação da Igreja mãe.

Havia na época um jovem pastor em Genebra, um nativo da Itália, e nele a Igreja dos Vales confiou para o posto perigoso, mas honrado. Seu nome era Jean Louis Paschale, ele era um nativo de Coni, na planície do Piemonte. Católico de nascimento, sua primeira profissão foi no exército, mas de um cavaleiro da espada que ele havia se tornado, como Loyola, através de um sentimento verdadeiro, virou um cavaleiro da Cruz. Ele tinha acabado de completar seus estudos teológicos em Lausanne. Estava noivo de uma jovem do Piemonte, Camilla Guerina [M'Crie, p. 324]. "Ai de mim!" ela exclamou com tristeza, quando ele falou para ela de sua partida para a Calábria, "tão perto de Roma e tão longe de mim". Eles se separaram, para nunca mais se encontrarem na Terra.

O jovem pastor levava consigo para a Calábria o espírito energético de Genebra. Sua pregação era com poder, o zelo e coragem do rebanho da Calábria reviveu, e à luz anteriormente escondida debaixo do alqueire era agora abertamente exibida. Seu esplendor

atraiu a ignorância e despertou o fanatismo da região. Os sacerdotes, que toleravam uma heresia que havia se comportado de forma modesta, e pagava suas dívidas de modo pontual, não podia mais fazer vistas grossas. O Marquês de Spinello, que tinha sido o protetor dos colonizadores, até agora, tinha achado a sua bondade mais do que paga na condição de florescimento de suas terras, foi obrigado a agir contra eles. "Que coisa horrível, o luteranismo", ele disse, "tinha se rompido aqui, e logo destruíria todas as coisas".

O marquês chamou o pastor e seu rebanho diante dele. Depois de abordar alguns momentos a Paschale, o marquês mandou embora os membros da congregação com uma severa repreensão, mas o pastor lançou nas masmorras de Foscalda. O bispo da diocese próxima tomou o assunto em suas próprias mãos, e removeu Paschale para a prisão de Cosenza, onde ficou confinado por oito meses.

O Papa ouviu falar do caso, e delegou o Cardeal Alexandrini, Inquisidor-Geral, para extinguir a heresia no Reino de Nápoles [Monastier, p. 205]. Alexandrini ordenou que Paschale fosse removido do Castelo de Cosenza e conduzido a Nápoles. Na viagem, ele foi submetido a terríveis sofrimentos. Acorrentado a um bando de prisioneiros - as algemas erão tão apertadas que entraram na carne - ele passou nove dias na estrada, dormindo à noite sobre a terra nua, que foi trocado em sua chegada a Nápoles para uma masmorra profunda e úmida, cujo cheiro o sufocava [M'Crie, p. 325].

Em 16 de maio de 1560, Paschale foi levado acorrentado para Roma, e encarcerado na Torre di Nona, onde ele foi posto em uma cela não menos fétida do que a que ele ocupava, em Nápoles. Seu irmão, Bartolomeu, tendo obtido as cartas de recomendação, veio de Coni para obter, se possível, algum alívio de seu destino. A entrevista entre os dois irmãos, como dito por Bartolomeo, foi comovente. "Foi muito horrível vê-lo", diz ele, "com a cabeça descoberta, e suas mãos e braços dilacerados pelos cordões com a qual ele estava amordaçado, como alguém prestes a ser levado à forca. Ao me aproximar para abraçá-lo eu afundei no chão. "Meu irmão", disse ele, "se você é um cristão, por que você se angustia mesmo assim? Você sabe que uma folha não pode cair no chão, sem a vontade de Deus? Conforte-se em Cristo Jesus , pois os problemas atuais não são dignos de serem comparados com a glória que está por vir'."Seu irmão, que era um romanista, ofereceu- lhe metade da sua fortuna se ele se retratasse e salvasse sua vida. Mesmo este símbolo de afeição não podia movê-lo. "Oh, meu irmão!" disse ele, "o perigo em que está envolvido me dá mais angústia do que tudo o que sofro" [M'Crie, p. 325-7].

Ele escreveu à sua noiva prometida com uma caneta que, se suavizou a imagem de seus próprios grandes sofrimentos, expressou livremente o afeto que ele sentia por ela, que "crescia", diz ele, "com o que eu sinto por Deus". Tampouco estava desatento do seu rebanho, na Calábria. "Meu estado é esse", diz ele, numa carta dirigida para eles: "Eu sinto

minha alegria aumentar a cada dia, enquanto eu me aproximo mais perto da hora em que serei oferecido em um sacrifício de cheiro suave ao Senhor Jesus Cristo , meu fiel Salvador, sim, de modo inexprimível é a minha alegria que me parece a mim mesmo para ser livre do cativeiro, e estou preparado para morrer por Cristo, e não apenas uma, mas dez mil vezes, se fosse possível, no entanto, eu persevero implorando a ajuda divina através da oração, pois estou convencido de que o homem é uma criatura miserável quando entregue a si mesma, e não aprovada e nem dirigida por Deus "[Ibid., p. 326-7].

Capítulo 11 – Extincao dos Valdenses na Calabria

Chegada dos inquisidores na Calabria – Fuga dos Moradores de San Sexto – Perseguido e destruídos – La Guardia – Seus cidadãos presos – Suas torturas – Horrível Carnificina – A colônia calabresa exterminada – Louis Paschale – Sua condenação – O Castelo de Santo Ângelo – O Papa, cardeais, e os cidadãos – O Mártir – Suas últimas palavras – Sua execução – Seu túmulo.

Enquanto Paschale estava calmamente à espera da morte como um mártir em seu calabouço em Roma, como ele imaginava estar o seu rebanho na Calábria, sobre a qual a tempestade tinha estourado em uma violência terrível?

Quando se soube que os ministros protestantes tinham sido enviados de Genebra para a Igreja Valdense, na Calábria, o Inquisidor-Geral, como já mencionado, e dois monges dominicanos, Valerio Malvicino e Alfonso Urbino, foram enviados pelo Colégio Sagrado para submeter estas Igrejas a obediência à Sé papal, ou eliminá-las. Eles chegaram a San Sexto, e numa reunião com os moradores, garantiram que não pretendiam fazer mal nenhum, mas teriam que mandar embora seus professores e ir na missa. O sino estava tocando para a celebração do sacramento, mas os cidadãos em vez de irem na missa, deixaram a cidade em um só corpo, e retiraram-se para um bosque vizinho. Escondendo sua decepção, os inquisidores sairam de San Sexto e foram para La Guardia, trancando os portões atrás de si quando entraram, para evitar uma segunda fuga. Reunindo os habitantes, lhes disseram que seus correligionários de São Sexto renunciaram a seus erros, e obedientemente foram à missa, e os exortaram a seguirem o seu bom exemplo e retornar ao rebanho do pastor romano; advertindo-os, ao mesmo tempo, que em caso de recusa eles se exporiam como hereges e a perda dos bens e da vida. As pessoas pobres, apanhadas de surpresa, e acreditando no que foi dito a elas, consentiram em ir na missa, mas não antes da cerimônia terminar e as portas da cidade se abrirem, eles perceberam o engano que havia sido praticado contra eles. Indignados, e ao mesmo tempo envergonhados de sua própria fraqueza, eles resolveram deixar o local em um só corpo e se juntar a seus irmãos na floresta, mas foram impedidos da sua finalidade pela persuasão e pelas promessas do seu senhor feudal, Spinello.

O Inquisidor-Geral, Alexandrini, fez um pedido de duas companhias de homens armados, para capacitá-lo a executar sua missão. O auxílio necessário foi imediatamente dado, e os soldados foram enviados para a perseguição dos habitantes de San Sexto. Indo aos seus esconderijos, nas matas e cavernas das montanhas, mataram muitos deles, outros, que escaparam, foram perseguidos com cães de caça, como se fossem animais selvagens.

Alguns desses fugitivos escalaram os cumes íngremes dos Apeninos, e arremessavam pedras sobre os soldados que tentavam segui-los, obrigando-os a desistir da perseguição.

Alexandrini enviou um mensageiro para Nápoles pedindo mais tropas para reprimir o que chamou de a rebelião dos valdenses. O vice-rei aceitou o convite de vir em pessoa com um exército. Ele tentou tomar de assalto os fugitivos, agora fortemente entrincheirados em grandes montanhas, cujos cumes de pedra lascada, eleva-se acima das florestas de pinheiros que vestem os seus lados apresentou aos fugitivos um retiro quase inacessível. Os valdenses se ofereceram para emigrar, mas o vice-rei não quis ouvir nada deles, apenas o seu regresso para a Igreja de Roma. Eles estavam dispostos a entregar suas vidas ao invés de aceitar a paz em tais condições. O vice-rei ordenou a seus homens para avançar, mas a chuva de pedras que encontrou seu soldados na subida os atirou para o fundo, um grande grupo de ataque foi desbaratado, no qual mutilados e moribundos confusamente foram misturados com os cadáveres dos mortos.

O vice-rei, vendo a dificuldade da empresa, emitiu um decreto prometendo um perdão gratuito a todos os bandidos,marginais e outros criminosos que poderiam estar dispostos a assumir a tarefa de escalar as montanhas e atacar as fortalezas dos valdenses. Em obediência a esta convocação, ali reuniram uma multidão de bandidos, que estavam muito mais familiarizados com os caminhos secretos dos Apeninos. Abrindo caminho através da floresta, e de escalando as grandes rochas, esses assassinos correram por todos os lados das barricadas nos cumes e mataram todos os pobres valdenses. Assim foram os habitantes de San Sexto exterminados, alguns morrendo pela espada, alguns pelo fogo, enquanto outros foram rasgados por cães de caça ou morreram de fome [Leger, Parte II., P. 333. M'Crie, p. 303. Muston p. 41].

Enquanto os bandidos do vice-rei de Nápoles estavam ocupados nas montanhas, o Inquisidor-Geral e os seus monges estavam executando o seu trabalho de sangue em La Guardia. A força militar sob seu comando, não conseguindo tomar as medidas sumárias com os habitantes, tiveram de recorrer a um estratagema. Seduzindo os cidadãos fora dos portões, e colocando os soldados de emboscada, eles conseguiram submeter cerca de 1600 pessoas [Monastier, p. 206]. Destes, setenta foram enviados em cadeias para Montalto, e lá torturadas, na esperança de obrigá-las a confessarem a prática de crimes vergonhosos em suas assembléias religiosas. Sem a confissão, todavia, as torturas se tornaram mais prolongadas . "Stefano Carlino", diz M'Crie, "foi torturado até suas entranhas se derramarem", e um outro prisioneiro, chamado Verminel "foi mantido durante oito horas em um instrumento horrível chamado inferno, mas persistindo em negar a calúnia atroz" [M'Crie, p. 304]. Alguns foram jogados do alto das torres, ou precipitados sobre rochedos, outros foram torturados com chicotes de ferro e, finalmente, espancados até a morte com marcas de fogo; e outros, untados com breu, foram queimados vivos.

Mas estes pálidos horrores diante da sangrenta tragédia em Montalto, decretada pelo Marquês di Buccianici, cujo zelo foi vivificado, diz-se, pela promessa de um chapéu cardinalício para o seu irmão se ele limpasse a Calábria da heresia. Um sangue frio correu na leitura da escritura. Foi testemunhado por um servo de Ascânio Caraccioli, ele próprio um católico romano, e descrita por ele em uma carta, que foi publicado na Itália, junto com outras da horrível transação, e foi citado por M'Crie. "Mais ilustre senhor, eu tenho agora para informá-lo da justiça terrível que começou a ser executada contra estes protestantes no começo desta manhã, sendo 11 de junho. E, para dizer a verdade, eu posso compará-lo ao abate de muitas ovelhas. Estavam todos trancados em uma casa como em um aprisco. O carrasco foi, e trazendo uma delas, cobriu-lhe o rosto com um pano, e levou-o para fora num campo perto da casa, e levando-o a ajoelhar-se, cortou sua garganta com uma faca. Então, tirando o pano com sangue, ele foi e trouxe outro, a quem ele matou da mesma maneira.

Desta forma, o número total era de oitenta e oito homens, que foram chacinados. Lhe deixo figurar por si mesmo este espetáculo lamentável, pois eu dificilmente pude abster-me das lágrimas enquanto escrevo; nem havia qualquer pessoa, que depois de testemunhar a execução de um deles, poderia assistir a de outro. A mansidão e paciência com que eles foram para o martírio e morte são terríveis. Alguns deles, na sua morte se declararam da mesma fé que a nossa, mas a maior parte morreu em sua amaldiçoada obstinação. Todos os idosos ao se encontrarem com a morte expressavam alegria, mas os jovens apresentaram sintomas de medo. Eu ainda estremeço enquanto penso no carrasco com a faca ensanguentada em seus dentes, o pano pingando na sua mão, e os braços lambuzados de sangue, indo para a casa, e tomando uma vítima após outra, como um açougueiro que leva a ovelha para matar" [Pantaleão, Rerum em Eccles. Gest. Hist. Ss. 337-8. De Porta, tom. II, p. 309312 -. M'Crie ex, p. 305-6]. Seus corpos foram esquartejados, e fincados em estacas ao longo da estrada quevai de Montalto até Chateau-Vilar, a uma distância de 36 milhas.

Vários homens e mulheres foram queimados vivos, muitos foram levados para as galés espanholas, alguns se submeteram à Roma, e alguns, fugindo da cena destes horrores, chegaram, depois de infinita labuta, a seus vales nativos para dizer que a colônia outrora florescente e da Igreja Valdense, na Calábria já não mais existia, e que só haviam sido deixados vivos para anunciarem a seus irmãos de seu extermínio total.

Enquanto isso, os preparativos tinham sido feitos em Roma para o julgamento de Jean Louis Paschale. Em 8 de setembro de 1560, ele foi trazido de sua prisão, conduzido ao Convento Della Minerva, e citado perante o tribunal papal. Ele confessou seu Salvador, e,

com uma serenidade que era estranha aos olhos de seus juízes, ouviu a sentença de morte, o qual foi executada no dia seguinte.

Estando sobre o cume do monte Gianicolo, vastas multidões podiam testemunhar o espetáculo. Na frente, a Campagna espalha seu seio outrora glorioso, mas agora desolado, e serpenteando por ele como um fio de ouro é visto o rio Tiber, enquanto os Apeninos, varrendo em volta de grandes escarpas, se coloca como um enorme muro. Imediatamente abaixo, atrás de suas cúpulas e monumentos e palácios, com um ar que parece dizer: "Estou sentada como rainha", está a cidade de Roma. Além, afirmando supremacia em meio a outras construções da Cidade Eterna, está o ferido e dilacerado ainda titânico Coliseu, com suas manchas de sangue dos primeiros cristãos ainda não lavadas. Por este lado, o parceiro de sua culpa e castigo, fica o Palatino, uma vez o palácio do dominador do mundo, agora um monte de ruínas, com sua fileira de ciprestes melancólicos, o único pranto neste sítio da glória que se foi e do império caído. Mais perto, queimando ao sol do meio-dia, está a orgulhosa cúpula de São Pedro, ladeado por um lado, pelos edifícios da Inquisição, e, por outro, pelo enorme dique de Adriano, sob cujas muralhas sombrias rola o velho Tibre lento e triste. Mas o que é esta mensagem que ouvimos? Por que Roma fez feriado? Por que todos os seus sinos tocam? Veja! De cada rua e praça a multidão ansiosa diante da agitação, e se unindo em um fluxo enorme e desenfreado são vistos correndo pela ponte de Santo Ângelo, e pressionando as portas da antiga fortaleza, que são abertas para admitir essa massa de seres humanos.

Entrando no pátio do antigo castelo, uma visão imponente encontra as vistas. Que confluência de fileiras, dignidades e grandezas! No centro é colocada uma cadeira, o brazão nos diz que ele afirma ter autoridade e dignidade sobre o trono de reis. O pontífice, Pio IV já tomou o seu lugar nele, pois ele determinou estar presente na tragédia do dia. Atrás de sua cadeira, com vestes vermelhas, estão os seus cardeais e conselheiros, com muitos dignitários, além de mitras e capuzes, em círculos, de acordo com seu lugar no corpo papal. Atrás os eclesiásticos estão sentados, a linha no corredor, a nobreza ea luxúria de Roma. Ondas de plumas, brilhos como de estrelas, e parecem zombar das roupas dos clérigos reunidos perto deles, cujos portadores, no entanto, não trocariam estas peças de vestuário místico por toda a ousadia que arde em torno deles. A grande área do Tribunal de Justiça de Santo Ângelo é densamente ocupada. Seu piso é coberto amplamente de ponta a ponta com uma massa de cidadãos, que vieram ver o espetáculo. No centro da multidão, subindo um pouco sobre o mar de cabeças humanas, é visto um andaime, com uma estaca de ferro, e ao lado um feixe de lenha.

Um ligeiro movimento começa a ser perceptível no meio da multidão ao lado do portão. Alguém está entrando. No momento seguinte uma tempestade de assobios e execrações saúda os ouvidos. É claro que a pessoa que acaba de fazer a sua entrada é o objeto de

aversão universal. O tilintar dos ferros no chão de pedra do tribunal, à medida que ele caminha, conta como seus membros são fortemente carregados de grilhões. Ele ainda é jovem, mas seu rosto é pálido e abatido pelo sofrimento. Ele levanta os olhos, e com semblante impávido encara a vasta assembleia e o sombrio aparato que está no meio dela, esperando a sua vítima. Há uma coragem calma em sua fronte, uma luz serena de paz profunda e imperturbável emana de seus olhos. Ele sobe o andaime, e fica ao lado da estaca. Todos os olhos estão agora voltados para ele, não sobre o usuário da tiara papal, mas para o homem que está vestido com o sanbenito [N.T.: traje usado pelas pessoas condenadas pela inquisição]. "Boa gente", disse o mártir e toda a assembléia ficou em silêncio. "Eu vim aqui para morrer confessando a doutrina do meu Divino Mestre e Salvador, Jesus Cristo". Em seguida, voltando-se para Pio IV ele o denunciou como inimigo de Cristo, o perseguidor do seu povo, e o AntiCristo da Escritura, e concluiu com a convocação dele e de todos seus cardeais para responder por suas crueldades e assassinatos diante do trono do Cordeiro. "Em suas palavras", disse o historiador Crespin, "o povo estava profundamente comovido, e o Papa e os cardeais rangiam os dentes". *

* Crespin, Hist. Des Martyrs, p. 506-16. Leger, Parte I., p. 204, e parte II., P. 335.

Os inquisidores apressadamente deram o sinal. Os carrascos vieram em volta dele, e tendo o estrangulado, acenderam a lenha, e as chamas ardentes queimaram rapidamente seu corpo o reduzindo a cinzas. Pela primeira vez, o Papa havia realizado sua função. Com sua chave de fogo, que ele pode realmente alegar transportar, ele abriu as portas celestiais, e enviou seu pobre prisioneiro das masmorras escuras da Inquisição, para habitar no palácio do céu.

Assim morreu, ou melhor, passou para a vida eterna, Jean Louis Paschale, o missionário valdense e pastor do rebanho na Calábria. Suas cinzas foram recolhidas e jogados no rio Tibre, e pelo rio Tibre foram levadas para o Mediterrâneo. E esse foi o túmulo do mártir pregador, cuja nobre conduta e destemida coragem perante o próprio Papa deu valor acrescentado ao seu esplêndido testemunho para a causa do Evangelho. O tempo pode consumir o mármore, violência ou guerra pode arrastar para baixo a pilha monumental.

Mas o túmulo do distante mar ressoa o seu eco para onde as cinzas de Paschale foram lançadas, com uma exposição final de raiva impotente, foi um mausoléu mais nobre do que Roma jamais conseguiu levantar para qualquer um dos seus pontífices.

Capítulo 12 - O Ano da Praga

O Ano da Praga Paz - Reocupação de suas casas - Fome Parcial – Contribuições das Igrejas Estrangeiras – Castrocaro, Governador do Vales – Suas traições e opressões – Carta do Eleitor Palatino ao Duque – Uma voz se levanta pela tolerância – O Destino de Castrocaro – A praga – Terrível Assolação – Dez mil mortes – Somente dois Pastores Sobrevivem - Ministros vêm da Suíça e outros lugares – Adoração conduzida doravante em francês

Quase um século inteiro passou entre o fim da Igreja na Calábria, e a próxima grande perseguição desse venerável povo cuja trágica história estamos a registrar. Podemos tocar somente o mais proeminente dos eventos que preenchem o intervalo.

A guerra que La Trinita, de forma inglória travou contra os valdenses, terminou, como vimos, em um tratado de paz, que foi assinado em Cavour em cinco de junho de 1561, entre Filipe de Sabóia e os representantes dos Vales. Mas, embora a nuvem tenha passado, ela havia deixado numerosos e comoventes memoriais da desolação que tinha infligido. Os moradores desceram das montanhas para trocar as armas de guerra pela pá e a enchada. Com passos lentos e fracos os idosos e os doentes desceram para os vales, para se sentar mais uma vez ao meio-dia ou ao anoitecer sob a sombra das suas vinhas e castanheiros ancestrais. Mas, que pena! Quantas vezes as lágrimas de tristeza umedeceram os olhos ao marcar a desolação e ruína que deformou as cenas tão belas e sorridentes ultimamente! As árvores frutíferas cortadas; vinhas do campo e milharais estragados; aldeias queimadas; vilarejos, em alguns casos, um montão de ruínas, todos testemunhavam a raiva do inimigo que havia invadido suas terras. Anos devem passar antes que estas cicatrizes profundas possam ser apagadas e a beleza de seus vales restaurada. E ainda havia tristezas pesando sobre eles. Quantos que estavam ali que tinham vivido sob o mesmo teto de árvore com eles, e se juntavam na noite e na manhã do mesmo salmo, que nunca mais voltariam!

Angústia, com a cehgada da fome, começou a invadir os vales. Sete meses de luta incessante os tinham deixado sem tempo para cultivar os campos, e agora o estoque de provisões do ano passado, estava exaurido, e a fome olhava-os no rosto. Antes do tratado de paz ser assinado, a época de semeadura tinha passado, e quando o outono chegou não havia quase nada para colher. Sua penúria foi agravada pelos fugitivos da Calábria, que começaram nessa época a chegar nos vales. Escapando sem nada, apenas com suas vidas, eles chegavam famintos e quase nus. Seus irmãos abriram os braços para recebê-los, e apesar de suas próprias necessidades seremgrandes, compartilharam com eles o pouco que tinham.

O sofrimento que agora prevalecia nos Vales era conhecido em outros países, e evocou a simpatia de seus irmãos protestantes. Calvino, com prontidão e ardor característico, procurou ajudá-los. Por seu conselho mandou representantes para apresentar o seu caso nas Igrejas protestantes no exterior, e fazer coletas para eles, em Genebra, França, Suíça e Alemanha. As inscrições foram chefiadas pelo Eleitor Palatino, depois veio a do Duque de Wurtemburg, de Berna, a Igreja em Estrasburgo, e outros.

Mais tarde, o tempo de semear e colher foi restaurado nos Vales; chalés sorridentes começaram novamente a permear os lados de suas montanhas, e aumentar as margens de suas torrentes, e as misérias que a campanha de La Trinita tinha aplicado sobre deles estava passando para o esquecimento, quando os seus vexames foram renovados com a nomeação de um vice-governador de seus vales, Castrocaro, um toscano de nascimento.

Este homem tinha servido contra os valdenses como um coronel da milícia sob o comando de La Trinita, ele tinha sido feito prisioneiro em uma batalha com eles, mas foi honrosamente tratado, e enfim, generosamente liberado. Ele pagou aos valdenses o bem pelo mal. Sua nomeação como governador dos Vales se devia principalmente à sua familiaridade com a Duquesa Margaret, a protetora dos valdenses, em favor de quem ele insinuou professar uma afeição calorosa pelos homens dos Vales, e sua amizade com o Arcebispo de Turim, a quem ele havia se comprometido a fazer o seu melhor para converter os valdenses ao romanismo. Quando finalmente chegou nos Vales como governador, ele esqueceu suas considerações para com a duquesa, mas fielmente buscou cumprir a promessa que fizera ao arcebispo.

O novo governador começou a restringir as liberdades garantidas às Igrejas no tratado de paz; depois determinou a suspensão de certos pastores e congregações, quando se recusaram a cumprir, ele começou a multar e prender os insurgentes. Ele enviou relatórios falsos e caluniosos à corte do duque, e introduziu uma tropa de soldados na região, a pretexto de que os valdenses estavam irrompendo em rebelião. Ele construiu a fortaleza de Miraboue, no sopé do Col de la Croix, no desfiladeiro estreito que conduz a partir de Bobbio para a França, para fechar esta porta de saída do seu território, e intimidar o Vale de Lucerna. Ameaçou recomeçar a guerra do passado a menos que os valdenses cumprissem os seus desejos.

O que podia ser feito? Eles levaram suas queixas e protestos a Turim, mas, que lástima! Os ouvidos do duque e da duquesa tinha sido envenenados pela malícia e artífios do governador. Logo, mais uma vez, a velha alternativa seria apresentada a eles, a missa ou a morte [Muston, cap. 16. Monastier, cap. 21].

Eles então pediram a ajuda dos príncipes protestantes da Alemanha. O grito dos Alpes encontrou uma resposta nas planícies alemãs. Os grandes chefes protestantes da Pátria, em especial Frederico, Eleitor Palatino, viu nesses pobres pastores oprimidos e seus vinhateiros como irmãos, e com zelo e carinho abraçaram sua causa. Ele enviaram uma carta ao duque, distinguindo sua elevação de sentimentos, bem como a catolicidade da sua posição. Em uma nobre defesa dos direitos da consciência, e uma eloquente articulação em nome da tolerância.

"Deixe sua alteza", diz o eleitor, "sabemos que há um Deus no céu, que não somente contempla as ações, mas também prova os corações e reinos dos homens, e de quem nada está escondido. Sua alteza não tome decisão de voluntariamente fazer guerra contra Deus, e não persiga Cristo nos seus membros. ... Perseguição, aliás, nunca vai avançar a causa que pretende defender. As cinzas dos mártires é a semente da Igreja Cristã. Pois a igreja se assemelha com a folha da palmeira, cujo caule só atira para cima o maior peso que está pendurado sobre ele. Sua alteza considere que a religião cristã foi estabelecida pela persuasão e não pela violência; e como é certo que a religião não é outra coisa do que uma convicção firme e iluminada de Deus, e de sua vontade, como revelado em sua Palavra, e gravada nos corações dos fiéis por seu Santo Espírito, não pode, quando uma vez enraizadas, ser arrancadas por tortura" [Leger, Parte I., pp 41-5]. Então o Eleitor Palatino alerta o duque.

Estas são palavras notáveis quando pensamos que eles foram escritas em meados do século XVI. Nós questionamos se a nossa própria era poderia expressar-se mais justamente sobre o tema dos direitos da consciência, a espiritualidade da religião, e a má política, bem como a criminalidade, e perseguição. Às vezes pedimos desculpas pelos atos cruéis da Espanha e França, no terreno da intolerância e da cegueira daquela era. Mas seis anos antes do Massacre de São Bartolomeu, esta grande voz tinha sido levantada na cristandade pela tolerância.

O efeito que teve esta carta sobre o duque, certamente não sabemos, mas de Castrocaro sabemos que moderou sua violência, embora ele ainda continuasse em intervalos a aterrorizar o povo pobre que tão vilmente oprimia pelas ameaças mais atrozes. Com a morte de Emanuel Philibert, em 1580, a vilania do governador veio à luz. O jovem Duque Carlos Emanuel ordenou sua prisão, mas a sua execução era uma questão dificil, pois Castrocaro tinha se entrincheirado-se no Castelo de La Torre, e cercado-se de um bando de facínoras, que ele tinha aliciado, para sua maior defesa, ainda tinha um bando de ferozes cães de caça de tamanho incomum e força [Muston, p. 98]. Um capitão da sua guarda o traiu, e assim como ele alcançou seu posto por traição, dessa maneira, a traição foi o seu castigo no fim, ao alcançá-lo. Ele foi levado para Turim, onde morreu na prisão [Monastier, p. 222].

Fome, a perseguição, a guerra, todos os três, às vezes em sucessão e, por vezes juntos, tinham afligido a este povo tão duradouro, mas agora estavam a ser visitados pela peste. Por alguns anos eles tinham desfrutado de uma paz incomum, e essa paz foi mais notável na medida em que todas as suas montanhas ao redor da Europa estavam em combustão. Seus irmãos da Igreja Reformada da França, Espanha e Itália, estavam caindo no campo, perecendo pelo massacre, ou morrendo na fogueira, enquanto eles estavam guardados do mal. Mas agora uma nova calamidade trazia tristeza e luto aos seus vales. Na manhã do dia 23 de agosto de 1629, uma nuvem de escuridão incomum cobriu a cúpula do Cod Julien. Ela estourou em uma tromba d'água ou dilúvio. As torrentes rolaram montanha abaixo em ambos os lados, e as aldeias de Bobbio e Prali, situadas uma no sul e o outra no vale do norte, foram tomadas pela inundação súbita. Muitas das casas foram arrastadas, e os moradores tiveram pouco tempo para salvar suas vidas.

Em setembro do mesmo ano, veio um vento gelado, acompanhado por uma nuvem seca, que feriu seus vales e destruiu a cultura do castanheiro. Seguiu-se um segundo dilúvio de chuva, que arruinou totalmente a vindima. Estas calamidades foram mais graves na medida em que era um ano de fome parcial. Os pastores valdenses reunidos em sínodo solene, humilharam-se e levantaram suas vozes em oração a Deus. Mal podiam eles imaginar que, naquele momento, uma calamidade ainda mais pesada pairava sobre eles, e que esta era a última vez que eles se encontravam sobre a terra [Muston, p. 111]. Em 1630, um exército francês, sob comando do marechal Schomberg, repentinamente ocupou os vales.

Nesse exército estavam muitos voluntários, que tinham conseguido escapar de uma doença contagiosa que rebentava em França. O tempo estava quente, e as sementes da pestilência que o exército tinha trazido com ele rapidamente se desenvolveram. A praga se mostrou na primeira semana de maio, no Vale de Perosa, que logo eclodiu, no vale mais ao norte de San Martino, e logo se espalhou por todo os vales. Os pastores se reuniram para suplicar ao Todo-Poderoso, e tomar medidas práticas de concerto para verificar os estragos desta praga misteriosa e terrível. Eles compraram remédios e provisões recolhidas para os pobres [Monastier, p. 241]. Eles visitaram os doentes, consolaram os moribundos, e pregaram ao

ar livre para uma multidão, solene e ansiosa para ouvir.

Em julho e agosto o calor era excessivo, e a doença assola ainda mais furiosa. No mês de julho, quatro pastores foram levados pela praga, em agosto sete morreram, e no mês seguinte doze foram mortalmente feridos. Restavam agora apenas três pastores, e notou-se que eles pertenciam a três vales -Lucerna, Martino e Perosa. Os três sobreviventes reuniram-se nas alturas de Angrogna, para consultar com os representantes das várias aldeias sobre os meios de prover à celebração de culto. Eles escreveram para Genebra e Dauphine solicitando se pastores pudessem ser enviados para suprir o lugar daqueles a

quem a praga havia abatido, assim, a venerável Igreja dos Vales, que tinha sobrevivido a tantas calamidades, não poderia ser extinta. Eles também lembraram de Antoine Leger de Constantinopla [Muston, p. 112-3. Antoine Leger era tio do historiador. Ele havia sido professor durante muitos anos na família do embaixador da Holanda em Constantinopla].

A praga diminuiu durante o inverno, mas na Primavera (1631) levantou-se novamente com força renovada. Dos três pastores sobreviventes, um morreu, deixando, assim, apenas dois, Pierre Gilles de Lucerna, e Gross Valério de Martino. Com os calores de verão a peste aumentou em força. Exércitos, indo e vindo nos vales, sofriam igualmente com os habitantes. Cavaleiros eram vistos caindo da montaria sobre a estrada, tomados com doença súbita. Soldados e camponeses, golpeados no caminho, eram deixados ali infectando o ar com seus corpos. Em La Torre cinquenta famílias foram extintas. A estimativa mais moderada dos números da praga é de dez mil mortes, ou de metade a dois terços de toda a população dos Vales.

O milho em muitos locais permaneceu sem cortes, as uvas igualmente apodreceram no ramo, e os frutos caíram das árvores. Estrangeiros que tinham vindo a encontrar a saúde no ar puro da montanha conseguiram a partir do solo nada mas do que uma sepultura. Cidades e aldeias, que tinham há pouco os sons da sua atividades, estavam agora em silêncio. Pais estavam sem filhos e filhos sem pais. Patriarcas, que tinha se acostumado com orgulho e alegria de reunir em torno deles os seus netos numerosos, os viam adoecer e morrer, e agora estavam sozinhos. O venerável pastor Gilles perdeu seus quatro filhos mais velhos. Apesar de constantemente presente nas casas dos atingidos, e à beira do leito do moribundo, ele próprio foi poupado para compilar os monumentos de sua antiga Igreja, e narrar, entre outras desgraças que tinham acabado de passar pela sua terra natal, e "do que ele tinha sido".

Dos pastores valdenses agora apenas dois restaram, e aceleraram a vinda de ministros de Genebra e de outros lugares para os vales, para que a velha lâmpada não se apagasse. Os serviços da Igreja valdense que haviam sido realizados até agora na língua italiana, mas os novos pastores falavam apenas em francês. O culto foi realizado doravante nessa língua, mas os valdenses logo vieram a se lembrar da sua própria língua antiga, um dialeto entre o francês e o italiano. Outra mudança introduzida neste momento era a assimilação dos seus rituais para o de Genebra. E ainda, o nome primitivo e carinhoso de “barba” foi abandonado, e o título moderno substituído, “Monsieur le Ministre” [Monastier, cap. 18. Muston, p. 242-3].

Capítulo 13 - O Grande Massacre

Ataques Preliminares – A Propaganda Fide – Marquesa de Pianeza – A ordem de Gastaldo – Sua barbára execução – Maiores sofrimentos – Perfídia de Pianeza – Começa o Massacre – Seus horrores – Modos de Tortura – Mártires individuais – Leger recolhe evidências do local – Ele apela ao estados protestantes – Intervenção de Cromwell – Missão de Sir Samuel Morland – Monumento aos mártires

O primeiro trabalho dos valdenses, com o fim da praga, foi a reorganização da sua sociedade. Não havia uma casa em todos os seus vales, onde a morte não tinha ido, todos os laços tinham sido rompidos, as famílias estavam quase extintas, mas agora, o destruidor está longe, os habitantes dispersos começaram a trabalhar em conjunto, e juntar as mãos e os corações na restauração de igrejas em ruínas, levantando as habitações que caíram, e criando novas famílias e lares.

Outros eventos de natureza auspiciosa, que ocorreram nessa época, contribuiram para reavivar os espíritos dos valdenses, e para iluminar com um brilho de esperança o cenário da recente grande catástrofe. O exército partiu, após a paz ter sido assinada entre o monarca francês e o duque, e os vales voltaram mais uma vez ao domínio da Casa de Sabóia. Uma década e meia de relativa tranquilidade permitiu que a população criasse raiz em si, de novo, e os seus vales e lados das montanhas pudessem estar novamente sob plantio direto. Quinze anos, um curto espaço de tempo para respirar em meio a tempestades tão horríveis!

Esses quinze anos terminaram, mas agora é 1650, e os valdenses estão entrando na sombra de sua maior tragédia. O trono de Sabóia era ocupado neste época por Carlos Emmanuel II, um jovem de quinze anos. Ele era um príncipe de disposição moderada e humana, mas era aconselhado e governado por sua mãe, a duquesa Cristina, que tinha sido nomeada regente do reino durante a sua menoridade. A mãe era descendente de uma raça que sempre foi conhecida pela sua dissimulação, crueldade e devoção fanática à Roma. Ela era filha de Henrique IV e Maria de Médicis, e neta de Catarina de Médicis, cujo nome está tão visivelmente ligado a uma tragédia que recebeu, como merecido, a maldição da humanidade – O Massacre de São Bartolomeu. O temperamento feroz e superstição sombria da avó tinha passado para a neta. Em nenhum reinado as lágrimas e o sangue dos valdenses fluíram tão profusamente, um fato do qual não podemos explicar de forma satisfatória, a menos na suposição de que os sofrimentos que agora os sobrecarregam não vieram do príncipe que ocupa o trono, mas por causa da fria , cruel e sanguinária regente que governava o reino. Em suma, há razão para acreditar que não era fácil o espírito da Casa de Sabóia, mas o espírito astuto dos Médici, solicitado pelo Vaticano, que decretou essas cenas de carnificina que começamos agora a registar.

O golpe não desceu todo de uma vez; uma série de ataques menores anunciaram o maior e cabal. Maquinações, ardis e roubos legalizados pavimentaram o caminho para um extermínio que era para ser completo e definitivo. Primeiro vieram os monges. A pestilência, como vimos, visitou os Vales em 1630. Veio, entretanto, uma segunda praga, não desta vez a peste, mas um enxame de capuchinhos. Eles haviam sido enviados para converter os "hereges", e ansiosamente começaram a desafiar os pastores para a controvérsia, em que tinham certeza de triunfar. Algumas tentativas, porém, convenceu-os de que a vitória não seria tão fácil como tinham pensado. Os "hereges" fizeram "um Papa de sua Bíblia", e se queixaram, e como este foi um livro que não tinham estudado, eles não sabiam onde encontrar as passagens que tinham certeza que refutavam os pastores valdenses, eles poderiam silenciá-los apenas ao expulsá- los, e entre outros que eles enviaram para o exílio estava Antoine Leger, o tio do historiador. Assim foram as pessoas privadas de seus líderes naturais [Muston, p. 126]. Os valdenses foram proibidos, sob pena de confisco e morte de comprar terras agrícolas ou negociar fora do seu próprio estreito território. Algumas de suas igrejas foram fechadas.

Seu território foi transformado em uma prisão por uma ordem que os proíba de atravessar a fronteira até mesmo por algumas horas, salvo nos dia de feira. Todas as comunidades de Bobbio, Villaro, Angrogna e Rora foram ordenadas a manter uma missão dos capuchinhos, e estrangeiros cristãos foram proibidos de se estabelecer nos vales sob pena de morte e uma multa de mil coroas de ouro sobre as comunidades que os recebessem. Esta lei foi dirigida contra os seus pastores, que desde a peste, eram em sua maioria franceses ou suíços. Esperava-se que em poucos anos os valdenses ficassem sem ministros. Monts-de-Piete [N.T.: em português literal, montes da piedade. Eram instituições que tinham por finalidade fornecer crédito por meio do penhor] foram criadas para induzir os valdenses, a quem os confiscos, as más colheitas, e os alojamentos dos soldados tinham reduzido a grande dificuldade, para penhorar seus bens, e quando todos haviam sido colocados em penhor foi oferecido a restituição completa sob a condição de renunciar à sua fé. Dotes foram prometidos para jovens donzelas, nas mesmas condições [Muston, p. 129]. Estes vários artíficios tiveram um sucesso surpreendentemente pequeno. Algumas dezenas de pervertidos valdenses foram adicionados à igreja romana. Era claro que o "bom trabalho de proselitismo" estava procedendo muito lentamente. Medidas mais eficientes deveriam ser tomadas.

A "Congregação para a Propagação da Fé", instituída pelo Papa Gregório XV em 1622, já havia se espalhado pela Itália e França. O objeto desta congregação foi originalmente apresentar em palavras suficientemente simples e inocentes a "de Propaganda Fide" (para a Propagação da Fé). Desde a primeira instituição desta, contudo, o seu objetivo tinha sido objeto de alargamento, ou, se não seu objetivo, em todos os eventos de seu título. Sua

primeira denominação moderna foi suplementada pela expressão enfática, "et Extirpandis Haereticis" (e a extirpação dos hereges). A membresia dela tornou-se logo numerosa: incluiu tanto leigos quanto sacerdotes, todos os escalões, desde o nobre ao prelado ao camponês e o pobre, iam para inscrever-se nela, pelo incentivo de uma indulgência total a todos os que participassem no bom trabalho tão inequívoco indicado na cláusula em um breve e conciso "et Extirpandis Haereticis". As congregações nas cidades menores relatavam para as cidades metropolitanas, cidades metropolitanas para a capital, Roma, onde nas palavras de Leger: "estava sentada como uma grande aranha que segurava os fios dessa teia poderosa".

Em 1650 a "Congregação para a Propagação da Fé" foi estabelecida em Turim. Os chefes conselheiros de Estado, os grandes senhores do país, e os dignitários da Igreja, matricularam-se como um conselho de presidentes. Congregações de mulheres se formaram, sendo a líder a Marquesa de Pianeza. Ela era a primeira dama da corte, e como não tinha "a rosa branca de uma vida inocente", ela era mais zelosa possível nesta causa, na esperança de fazer expiação dos erros do passado. E tinha empenho extremo em promover o objetivo da congregação e seu próprio espírito impetuoso que infundiu em todos abaixo dela. "Os propagandistas da senhora", diz Leger [Leger, Parte II. Cap. 6, p. 72-3], "distribuídos nas cidades em distritos, e cada um visitando o distrito atribuído a eles duas vezes por semana, subornando meninas simples, servos e as crianças por seus encantos e promessas lisonjeiras e passando a serem ameaçadores se não fossem ouvidos.

Eles tinham seus espiões em toda parte, que, entre outras informações, verificavam se existiam famílias cristãs divergentes, e se houvesse seria ali onde os propagandistas iriam fazer mais forte pressão, estimulando a chama da discórdia, a fim de separar o marido, as crianças de seus pais; prometendo-lhes, e certamente conferindo-lhes, grandes vantagens, se eles consetissem em assistir à missa. Se eles ouviam de um comerciante cujo negócio estava mal, ou de um senhor que por causa de jogos de azar estava sem dinheiro, aquelas senhoras estendiam à mão com a sua dabo tibi (eu te darei), na condição de apostatar da fé, e o prisioneiro desta artimanha era da mesma forma aliviado de sua prisão, o que na verdade seria entregar-se a eles. Para fazer face às despesas muito pesadas desse proselitismo, para manter essa máquina funcionando, comprar as almas que se vendiam por pão, coletas regulares eram feitas nas capelas, nas famílias e particulares, nas lojas, nas estalagens, nas casas de jogos de azar, nas ruas, em todos os lugares estava o esmoleiro em operação. A Marquesa de Pianeza de si mesma, grande senhora como ela era, usava cada segundo ou terceiro dia para fazer um circuito em busca de adesões, até mesmo indo para as tabernas para esse propósito ...

Se qualquer pessoa de condição, que se acreditava capaz de contribuir com uma moeda, tivesse a chance de chegar a qualquer hotel da cidade, estas senhoras não deixariam de

esperar por ele, de bolsa na mão, e solicitar uma doação. Quando as pessoas conhecidas por pertencer à religião [reformada ou protestante] chegavam a Turim, não tinham escrúpulos de pedir dinheiro deles para a propagação da fé, e por causa da influência da Marquesa, ou medo de perder o seu serviço e arruinar seus negócios, muitas vezes induziam essa pessoa a obedecer".

Enquanto estava ocupada na execução dessas tramas, a Marquesa de Pianeza foi acometida de morte. Sentindo remorsos, e querendo fazer expiação, ela chamou seu senhor, de quem estava separada há muitos anos, à sua cabeceira, e ordenou-lhe, como valorizava o repouso de sua alma e da segurança de sua própria, para continuar "a boa obra", em que no coração dela tinha sido tão bem estabelecido, da conversão dos valdenses. Para estimular o seu zelo, ela deixou-lhe uma quantia em dinheiro, que, no entanto, ele não podia tocar até que tivesse cumprido a condição em que foi concedido. O marquês assumiu a tarefa com a maior boa vontade [Muston, p. 130]. Um fanático e um soldado, ele só conseguia pensar em uma maneira de converter os valdenses. Foi então que estourou a tempestade.

Em 25 de janeiro de 1655, veio a famosa ordem de Gastaldo. Este decreto ordenou que todos as famílias valdenses domiciliadas nas comunidades de Lucerna, Fenile, Bubiana, Bricherasio, San Giovanni e La Torre, em suma, todo esse rico distrito que separa a capital da planície do Piemonte, devessem sair de suas habitações no prazo de três dias e retirar-se para os vales de Bobbio, Angrogna e Rora. Isso eles deveriam fazer, sob pena de morte. Eles foram ainda obrigados a vender suas terras para romanistas no prazo de vinte dias. Aqueles que estavam dispostos a abdicar da fé cristã foram isentos do decreto.

Qualquer coisa mais desumana e bárbara sob as circunstâncias deste edital não seria fácil de imaginar. A intensidade de um inverno Alpino com terrores desconhecidos das regiões mais ao norte. Como poderia uma população, como aquela em que o decreto caiu, incluindo crianças e velhos, doentes e acamados, cegos e coxos, empreender uma viagem através dos rios cheios, de vales enterrados na neve, e sobre montanhas cobertas de gelo? Eles inevitavelmente pereceriam, e do edito que os expulsou nada mas era do que uma forma de condená-los a morrer de frio e de fome. "Orai", disse Cristo, quando alertou os seus discípulos a fugir, quando vissem os exércitos romanos em redor de Jerusalém, "Orai para que vossa fuga não aconteça no inverno". A propaganda romanista em Turim escolheu esta época para a fuga forçada dos valdenses. Os frios picos gelados olhavam para esta tropa miserável, que agora estavam cruzando as torrentes e escalando as trilhas das montanha, mas o coração do perseguidor era mais frio ainda. É verdade que uma alternativa foi oferecida a eles: ir à missa. Será que eles consideraram isto? O historiador Leger informa-nos que ele tinha uma congregação de quase duas mil pessoas, e que nenhum homem de todos eles aceitaram a alternativa.

"Eu posso muito bem suportar este testemunho deles", ele observa, "visto que foi seu pastor por onze anos, e eu conhecia cada um deles pelo nome; se eu não tinha motivo para chorar de alegria, bem como de tristeza, quando eu vi que toda a fúria desses lobos não foi capaz de influenciar um desses cordeiros, e que nenhuma vantagem terrena poderia abalar sua constância. E quando eu marquei os vestígios de seu sangue sobre a neve e o gelo sobre a qual eles tinham arrastado seus membros dilacerados, eu não tinha motivos para bendizer a Deus que eu tinha visto realizadas em seus pobres corpos o que restava da medida dos sofrimentos de Cristo, e especialmente quando eu vi essa cruz pesada suportada por eles com uma coragem tão nobre?" [Leger, parte ii. cap. 8, p. 94].

Os valdenses de outros vales receberam esses pobres exilados, e com alegria compartilharam com eles seus próprios pratos humildes e escassos. Eles espalharam a mesa para todos, e serviram polenta com castanhas assadas, leite e manteiga de suas mountanhas, e não se esqueceram de adicionar um copo de vinho tinto com que os seus vales produziam [Monastier, p. 265]. Seus inimigos ficaram espantados quando viram a comunidade inteira se levantar como um só homem e partir.

A grande desgraça vinha rápido sobre os cascos desta calamidade inicial. Uma única parte da nação valdense tinha sofrido sob o decreto cruel de Gastaldo, mas o objetivo da Propaganda era o desaparecimento de toda a raça, e o assunto já havia se passado para a perfídia consumada e crueldade deliberada. Desde os vales superiores, para onde haviam se retirado, os valdenses enviaram representações respeitosas ao tribunal de Turim. Eles descreveram seu estado deplorável em termos tão comoventes - e que teria sido difícil ter exagerado sobre isso - e rogaram o cumprimento de tratados em que a honra e a fidelidade da Casa de Sabóia foram prometidas, em linguagem tão moderada e justa, que alguém teria pensado que sua súplica devesse necessariamente prevalecer.Mas, não! Os ouvidos de seu príncipe tinham sido envenenados pela mentira. Até mesmo o acesso a ele foi negado. Como considerou a Propaganda, sua representação, embora acompanhada de lágrimas e gemidos, foram totalmente ignoradas. Os valdenses foram encantados por víboras surdas. Eles foram despachados com respostas ambíguas e ilusórias promessas até que o dia fatal de 17 de Abril chegasse, quando não era mais necessário dissimular e dar respostas mentirosas [Leger, Parte II., P. 95-6].

No dia acima citado, 17 de abril de 1655, o Marquês de Pianeza partiu secretamente à meia-noite de Turim, e apareceu diante dos Vales liderando um exército de quinze mil homens [Ibidem, parte iv., Pg. 108]. Representantes valdenses estavam batendo na porta do marquês, em Turim, enquanto ele estava na estrada de La Torre. Ele apareceu diante das muralhas daquela cidade, às oito horas na noite de sábado, do mesmo dia 17 de abril, com cerca de 300 homens; o corpo principal do seu exército ele tinha deixado acampado na planície. Este exército, secretamente preparado, era composto de piemonteses,

compreendendo um bom número de bandidos, que foi prometido o perdão e o espólio dos saques se eles fossem obedientes as ordens, algumas companhias de bávaros, seis regimentos franceses, cuja sede de sangue das guerras contra os huguenotes não foi capaz de saciar, e diversas companhias de católicos irlandeses, que banidos por Cromwell, chegaram no Piemonte aos poucos, vindos do massacre de seus companheiros protestantes na sua terra natal [Monastier, p. 267].
Os valdenses haviam construído às pressas uma barricada na entrada de La Torre. O marquês ordenou a seus soldados atacá-la; mas os sitiados resistiram tão corajosamente que, depois de lutar três horas, o inimigo percebeu que não tinha feito qualquer avanço. À uma hora da manhã de domingo, o conde Amadeu de Lucerna, que conhecia o local, fez um movimento de flanco ao longo das margens do Pelice, serpentiando silenciosamente através dos prados e pomares, e, avançando pela parte oposta, atacou os valdenses pela retaguarda. Olhando em volta, os valdenses furaram as fileiras dos seus agressores, e recuaram para as colinas, deixando La Torre nas mãos do inimigo. Os valdenses tinha perdido apenas três homens em todos os esses combates até então. Era agora entre duas horas e três horas da manhã de domingo, e embora fose cedo, os romanistas se dirigiram em um corpo para a igreja e cantaram o Te Deum [Muston, p. 135]. O dia era o domingo de ramos, e foi desta forma que a Igreja Romana, por seus soldados, celebrou esta grande festa de amor e boa vontade nos vales Valdenses.

Os valdenses estavam mais uma vez em suas montanhas. Suas famílias tinham sido previamente levadas para as suas fortalezas naturais. Sua sentinelas vigiavam dia e noite ao longo das alturas da fronteira. Eles podiam ver os movimentos do exército de Pianeza sobre as planícies abaixo. Eles viram os seus pomares, sendo derrubados, e as suas habitações sendo consumidas pelas tochas dos soldados. Na segunda-feira dia 19, e terça-feira dia 20, uma série de escaramuças tiveram lugar ao longo da linha de passagem de suas montanhas e fortes. Os valdenses, apesar de mal armados e em número bem menor, pois eles eram proporcionalmente, como um contra cem, eram vitoriosos em todos os pontos. Os soldados papistas caíam na derrota vergonhosa, levando relatos maravilhosos de coragem e heroísmo dos valdenses aos seus companheiros na planície, e infundindo pânico incipiente no acampamento [Leger, Parte II., P. 108-9].

A culpa é sempre da covardia. Pianeza agora começou a ter dúvidas. A lembrança que tinha outrora de poderosos exércitos que pereceram nessas montanhas o assombrava e o inquietava. Ele fez então uso de uma arma que os valdenses já foram menos capazes de lidar do que a espada. Na quarta-feira, dia 21, antes do amanhecer, ele anunciou, por meio do som da trombeta nas diferentes trincheiras valdenses, a sua disposição em receber e tratar os seus representantes para a paz. Representantes foram enviados ao seu acampamento, e na sua chegada ao quartel- general foram recebidos com a maior urbanidade e suntuosamente entretidos. Pianeza expressou grande pesar pelos excessos que

seus soldados haviam cometido, e que tinha sido feito, segundo ele, contrário as suas ordens. Ele protestou e disse que tinha entrado em seus vales apenas para prender alguns poucos fugitivos que haviam desobedecido a ordem de Gastaldo, que as comunidades maiores não tinham nada a temer, e que se eles permitissem um único regimento por poucos dias, em sinal de sua lealdade, tudo estaria terminado amigavelmente. A astúcia do homem conquistou os representantes, e apesar das advertências sobre a sua sagacidade, do pastor Leger em particular, os valdenses abriram as passagens os seus vales e as portas de suas casas para os soldados de Pianeza.

Ai deles! Essas pessoas pobres estavam para ser liquidadas. Elas haviam recebido sob o seu teto, os assassinos de si mesmas e de suas famílias. Os dois primeiros dias, a 22 e 23 de abril, foram passados em relativa paz, os soldados comiam na mesma mesa, dormiam sob o mesmo teto, e conversavam tranquilamente com suas vítimas. Esse intervalo era necessário para permitir toda a preparação a ser feita para o que viria a seguir. O inimigo agora ocupa as cidades, as vilas, as casas e as estradas ao longo dos vales. Eles ocuparam as alturas. Duas grandes passagens levavam para a França: uma sobre as neves dos altivos Col Julien, e a outra pelo Vale do Queyras em Dauphine. Mas, que pena! A fuga não era possível por qualquer passagem. Ninguém poderia atravessar a Col Julien nesta temporada e viver, e a fortaleza de Miraboue, que guardava o estreito desfiladeiro que dava para o Vale do Queyras, o inimigo tinha sido cuidadoso em o ocupar [Leger, Parte II., P. 110]. Os valdenses estavam presos, como numa rede, fechados como numa prisão.

Por fim, o golpe caiu como a queda repentina de um raio. As quatro horas da manhã de sábado de 24 de abril de 1655, foi dado o sinal da colina do castelo de La Torre. [É o que diz Leger, que foi uma testemunha ocular destes horrores]. Mas quem deveria ensaiar a tragédia que se seguiu? "É Caim uma segunda vez", diz Monastier, "derramando o sangue de seu irmão Abel" [Monastier,

p. 270]. Num instante milhares de assassinos começaram o trabalho de morte. Desmaios, terror, agonia, aflição, em um momento se espalharam pelos Vales de Lucerna e Angrogna. Embora os demônios tenham sido enviados a estes campos para se deleitarem em crimes e se divertirem com sangue, eles não conseguiram superar os soldados da Propaganda. Embora as vítimas subissem as montanhas, com a velocidade que podiam, os assassinos estavam em seu encalço.

As torrentes que rolaram para baixo das alturas logo começou a ser misturadas com sangue. Brilhos de luzes pálidas explodiam através da fumaça escura que estava rolando pelos vales, pois um sacerdote e um monge acompanhavam cada grupo de soldados, para incendiar as casas logo que os presos haviam sido expedidos. Ai de mim! Que sons são aqueles que atingem o ouvido repetidamente? Os gritos e gemidos dos moribundos são

repetidos e repercutidos nas rochas ao redor, e parecia que as montanhas tinham assumido um lamento pelo abate de seus filhos. "Nosso Vale de Lucerna", exclama Leger" que era como um Goshen, foi agora convertido num Monte Etna, arremessando cinzas e fogo e chamas. A terra se assemelhava a uma fornalha, e o ar se encheu de uma escuridão como o do Egito, que pode ser sentido, por causa da fumaça das cidades, vilas, templos, palácios, granjas e prédios, todos queimando nas chamas do Vaticano" [Leger, Parte II., p. 113].

Os soldados não estavam satisfeitos com a rápida execução pela espada; eles inventaram novos e até então inéditos modos de tortura e morte. Nenhum homem neste dia ousou escrever em palavras simples todos os atos repugnantes e horríveis desses homens; a sua maldade nunca pode ser todo conhecida, porque nunca pode ser dito tudo sobre isso.

Da terrível narração de Leger, selecionamos apenas alguns exemplos, mas, mesmo esses poucos, ainda que declarados moderamente, se tornam, sem nossa intenção, uma coleção de horrores. Filhinhos foram arrancados dos braços de suas mães e pegos pelos seus pequenos pés tiveram suas cabeças arremessadas contra as rochas; ou colocadas entre dois soldados e seus membros trêmulos arrancados pela força deles. Seus corpos mutilados foram jogados nas estradas ou nos campos, para serem devorados por feras.

Os doentes e os idosos foram queimados vivos em suas casas. Alguns tinham as mãos, braços e as pernas decepados e fogo aplicado nas partes cortadas para estancar o sangramento e prolongar o seu sofrimento. Alguns eram esfolados vivos, outros assados vivos, alguns estripados, ou amarrados em árvores de seus próprios pomares e tiveram seus corações arrancados. Alguns foram horrivelmente mutilados, e de outros, os cérebros foram cozidos e comidos por estes canibais. Alguns foram lançados nos sulcos de seus próprios campos, e arados no solo como adubo nele. Outros foram enterrados vivos. Pais foram levados à morte com as cabeças decapitadas de seus filhos suspensos ao pescoço. Pais foram obrigados a olhar para as suas crianças serem atacadas, então massacradas, antes de ser eles mesmos mortos. Mas devemos parar aqui. Não podemos mais continuar com a terrível narração de Leger. Lá houveram tantos atos vis, abomináveis e monstruosos, completamente e extremamente repugnantes, horríveis e perversos, que não nos atrevemos a transcrever. O coração dói, o cérebro começa a ter vertigens. "A minha mão treme", diz Leger, "de modo que eu mal posso segurar a caneta, e minhas lágrimas se misturam em torrentes com a minha tinta, enquanto eu descrevo as obras desses filhos das trevas – parecendo serem mais terríveis do que as do próprio príncipe das trevas" [Leger, Parte II., p. 111].

Nenhum relato geral, porém terrível, pode transmitir de modo correto uma idéia dos horrores da perseguição como a história de casos individuais; mas isso, estamos impedidos de dar. Poderíamos tomar esses mártires um por um - poderíamos descrever o destino

trágico de Pedro Simeão de Angrogna - a morte bárbara de Madalena, esposa de Pedro Pilon de Villaro - uma triste história - mas não, essa história não poderia ser contada - de Anne , filha de João Charbonier de La Torre - o martírio cruel de Paul Garnier de Rora, cujos olhos foram arrancados primeiro, que resistiu a outras horrível injúrias, e, por último, foi esfolado vivo, e sua pele, dividida em quatro partes , estendida nas grades das janelas das quatro principais casas de Lucerna - poderíamos descrever esses casos, com centenas de outros igualmente horríveis e terríveis, nossa narrativa iria se tornar tão angustiante que os nossos leitores, incapazes de prosseguir, abandonariam a página. Literalmente os valdenses sofreram todas as coisas das quais fala o apóstolo, como suportado pelos mártires da antiguidade, com outros tormentos então não inventados, ou que a raiva de um Nero encolheu infligir: "Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados. (Dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra". (Epístola aos Hebreus 11:37-38).

Estas crueldades formam uma cena que é incomparável e única na história de alguns países civilizados. Houve tragédias em que mais sangue foi derramado e mais vidas sacrificadas, mas nenhuma em que os atores estavam tão completamente desumanizados e as formas de sofrimento tão monstruosamente nojentos, tão indizivelmente cruéis e revoltantes. O massacre do Piemonte, neste contexto é único. Ele foi mais diabólico do que todas as atrocidades e assassinatos de antes ou depois, e Leger ainda pode avançar o seu desafio para "todos os viajantes, e todos os que estudaram a história dos pagãos antigos e modernos, quer entre os chineses, tártaros e turcos, eles nunca presenciaram ou ouviram falar de tais perfídias execráveis e barbaridades tais".

Os autores desses atos, pensando que talvez as suas atrocidades não fossem conhecidas pelo resto do mundo ou até mesmo que não se acreditassem na veracidade deles, tiveram a coragem de negar o que já tinha sido feito, mesmo antes do sangue secar nos vales. Pastor Leger tomou rápidos e efetivos meios para demonstrar a falsidade dessa negação, e prover provas evidentes, irrefutáveis e incontestáveis desses horríveis crimes para a posteridade. Ele viajou de comunidade em comunidade, logo após o massacre, com a presença de notários, que registraram os depoimentos e declarações de sobreviventes e testemunhas oculares desses fatos, na presença do Conselho e consistório do lugar [ii Leger, parte. , p. 112]. A partir das evidências dessas testemunhas ele compilou e deu ao mundo um livro, que o doutor Gilly caracterizou como um dos mais "terríveis" de todos os tempos. [O livro é de onde temos tão amplamente feito citações, intitulado Histoire Générale des Eglises Evangeliques des Vallees de Piemont ou Vaudoises. Par Jean Leger, Pasteur et des modérateur Eglises des Vallées, et depuis la violence de la Persecution, appele al'Eglise Wallonne de Leyde. A. Leyde, 1669.]. Os originais desses depoimentos Leger deu a Sir

Samuel Morland, que depositou-os, juntamente com outros documentos importantes relacionados com os valdenses, na Biblioteca da Universidade de Cambridge.

Dor incontrolável tomou conta dos corações dos sobreviventes à vista de seus irmãos mortos, da sua terra devastada, e de sua Igreja reduzida a escombros. "Oxalá a minha cabeça se tornasse em águas", exclama Leger", e os meus olhos numa fonte de lágrimas, que eu chorasse de dia e de noite os mortos da filha do meu povo! Veja se há dor igual a minha dor ". "Foi então", acrescenta ele, "que os fugitivos, que haviam sido arrebatados como tições do fogo, puderam se dirigir a Deus nas palavras do Salmo 79, que, literalmente e enfaticamente descreve o seu estado: "O Deus, os gentios vieram à tua herança; contaminaram o teu santo templo; reduziram Jerusalém a montões de pedras. Deram os corpos mortos dos teus servos por comida às aves dos céus, e a carne dos teus santos às feras da terra. Derramaram o sangue deles como a água ao redor de Jerusalém, e não houve quem os enterrasse" [Leger, Parte II., P. 113].

Quando a tempestade amainou, Leger reuniu os sobreviventes dispersos, a fim de se aconselhar com eles em relação as medidas a serem tomadas agora. Isso não nos surpreende ao descobrir que alguns tinham começado a cultivar a ideia de abandonar os Vales completamente. Leger fortemente os persuadiu contra o pensamento de abandonar sua antiga herança. Eles deviam, segundo ele, reconstruir sua Sião na fé, pois o Deus de seus pais não permitiria a Igreja dos Vales de ser por fim derrubada. Para incentivá-los, ele se comprometeu a estabelecer uma representação dos seus sofrimentos e condição de diante de seus irmãos de outros países, que, ele tinha certeza, apressariam a sua ajuda nesta grande crise. Estes conselhos prevaleceram.

"Nossas lágrimas já não são de água", assim escreveu o remanescente dos abatidos valdenses aos protestantes da Europa", elas são de sangue; pois elas não se limitam a obscurecer nossa visão, elas sufocam muito nossos corações. Nossas mãos tremem e as nossas cabeças doem pelos muitos golpes que recebemos. Nós não podemos conceber uma carta que responda adequadamente à intenção de nossas mentes, e a singularidade de nossa desolação. Oramos para que nos desculpem, e recolham em meio a nossos gemidos o significado daquilo que de bom grado expressamos". Após esta tocante introdução, eles começaram com uma representação de seu estado, manifestando-se em termos de moderação o que contrastava fortemente com a extensão de sua destruição. A Europa protestante ficou horrorizada quando ouviu falar do massacre.

Em nenhum lugar essa notícia terrível despertou uma profunda simpatia ou acendeu uma forte indignação do que na Inglaterra. Cromwell, que estava então à frente do Estado, proclamou um jejum, ordenou uma coleta para as vítimas, e escreveu a todos os príncipes protestantes, e ao rei da França, com a intenção de conquistar sua simpatia e auxílio em

nome dos valdenses. [O montante arrecadado na Inglaterra, em números redondos, 38.000 libras. Desse total, foram investidos 16.000, sobre a supervisão do Estado inglês aos pastores, mestres e alunos nos vales. Esta última quantia foi apropriada por Charles II, sob o pretexto de que ele não era obrigado a implementar os compromissos de um usurpador]. Uma das mais nobres, assim como mais sagrada das tarefas já realizadas pelo grande poeta, que então agiu como secretário Protetor dos Latinos, foi a escrita destas cartas. A pena de Milton não foi menos gloriosamente ocupada quando se escreve em nome desses sofredores venerados por causa da consciência, do que quando então escreveu o "Paraíso Perdido". Em sinal do profundo interesse que ele tomou neste caso, Cromwell enviou Sir Samuel Morland, com uma carta ao duque de Sabóia, expressando o espanto e tristeza que sentiu diante das barbaridades que foram cometidas contra aqueles que eram seus irmãos na fé .

O embaixador de Cromwell visitou os vales a caminho de Turim, e viu com seus próprios olhos o espetáculo medonho que a região ainda apresentava. "Se", disse ele, dirigisse ao duque, os horrores que ele tinha visto apenas para dar o ponto à sua eloquência, e acendesse sua simplicidade republicana em fervor puritano, "se os tiranos de todos os tempos e eras estivessem vivos novamente, eles sem dúvida se envergonhariam ao descobrir que nada, nem o mais bárbaro desumano, em comparação dessas obras, já tinha sido inventado por eles. Entretanto ", continuou ele," os anjos são atingidos com horror; homens ficam tontos de assombro, o céu parece espantado com os gritos dos moribundos, e a terra está vermelha com o sangue de tantas pessoas inocentes. Não Vinga-te, ó Deus, por tamanha maldade, esse massacre parricida! Deixe o sangue deles, ó Cristo, lavar esse sangue! " [The History of the Evangelical Churches of the Valleys of Piedmont: containing a most exact Geographical Description of the place, and a faithful Account of the Doctrine, Life, and Persecutions of the ancient Inhabitants, together with a most naked and punctual Relation of the late bloody Massacre, 1655. By Samuel Morland, Esq., His Highness' Commissioner Extraordinary for the Affairs of the said Valleys. London, 1658. A História das Igrejas Evangélicas dos Vales do Piemonte: contendo uma descrição geográfica mais precisa do lugar, e um relato fiel da doutrina, vida e perseguições dos antigos habitantes, juntamente com uma relação mais exposta e pontual do massacre sangrento, 1655. Por Samuel Morland, ao ilustríssimo senhor, Sua Alteza Comissário Extraordinário para os Assuntos dos referido Vales. Londres, 1658.]

Temos repetidamente salientado a Castelluzzo em nossa narrativa deste povo e os seus muitos martírios. Ela está intimamente ligada com o massacre de 1655, e como tal se tornou a inspiração de Milton. Ela fica na entrada dos Vales, os pés envoltos em penas de madeiras; acima, está uma massa de escombros e pedras caídas, que inúmeras tempestades juntaram em volta da sua cintura como em seu seio. De entre esta suprema coluna salta, como um pilar e parece tocar as nuvens brancas que estão flutuando ao passar no meio do

céu. Pode-se ver uma mancha escura na face do penhasco, logo abaixo das rochas do coroamento da cimeira. Ela parece tomar a forma da sombra de uma nuvem que passa sobre a montanha, se não fosse imóvel. Essa é a boca de uma caverna tão espaçosa que é dito ser capaz de conter algumas centenas de pessoas. Para esta câmara amigável os valdenses estavam acostumados a fugir quando o vale abaixo se tornou um pandemônio, brilhando com o aço, o vermelho com o crime, e reverberando com execrações e blasfêmias. Para essa caverna muitos valdenses fugiram na ocasião do grande massacre. Mas,ali o perseguidor os seguiu, e arrastando-os para fora lançaram abaixo, para o horrível precipício.

A lei que indissoluvelmente liga grandes crimes com o local onde foram perpetrados, escreveu o massacre de 1655 nesta montanha, e o mantém em memorial eterno em sua rocha. Não há outro monumento aos mártires em todo o mundo. Enquanto Castelluzzo permanecer, a memória deste terrível crime não pode morrer, através de todas as eras vai continuar a chorar, e esse nosso choro o poeta interpretou em seu sublime soneto:

“Vinga, Senhor, teu santos abatidos, cujos ossos
Se encontram espalhados nas frias montanhas alpinas.
Que foram as tuas ovelhas, que foram teu antigo rebanho,
Mortos pelos Piemonteses sanguinários, rolaram
Mães com seus filhos abaixo pelas rochas. Seus gemidos
Os vales ecoaram aos montes, e eles
Para o céu;
O seu sangue mártir e cinzas agora semeam
Todos os campos italianos, onde ainda permanecem sob
A tripla tirania; que a partir desses pode crescer
Cem vezes mais, ao ter aprendido o Teu caminho,
Podem fugir da desgraça da Babilônia. "

Capítulo 14 – Facanhas de Gianavello – Massacre e Pilhaem em Rora

Subida de La Combe – Beleza e grandeza do Vale de Rora – Gianavello – Seu caráter – Marquêsde Pianeza – Seu primeiro assalto – Brava Repulsa – Traição do Marquês – Sem misericórida com Hereges – O Bando de Gianavello – Repulsa do Segundo e Terceiro Ataques – Morte de um perseguidor – Um exército surge para invadir Rora – Massacre e pilhagem – Carta de Pianeza – Resposta de Gianavello – Gianavello renova a Guerra – 500 contra 15.000 – Sucesso dos valdenses – Horrores do Massacre – Intervenção da Inglaterra – Carta de Cromwell – Tratado de paz

O próximo episódio trágico na história dos valdenses nos leva ao Vale de Rora. A invasão e ultrajes de que este vale se tornou a cena foram contemporâneos com os horrores do grande massacre (descritos no capítulo anterior). Os feitos de heroísmo que estamos agora a relatar, estão misturados com sofrimento, e nós somos chamados a admirar a bravura de um patriota, bem como a paciência dos mártires.

O Vale de Rora fica à esquerda de quem entra em La Torre; é separado de Lucerna por uma barreira de montanhas. Rora tem duas entradas: uma por uma ravina lateral, que ramifica-se cerca de três quilômetros antes de chegar a La Torre, e outra cruzando o Vale de Lucerna e escalando as montanhas. Este último é digno de ser brevemente descrito. Nós começamos, vamos supor, a partir da cidade de La Torre, que sai de Castelluzzo à direita, cuja altura o ar pende nos precipícios, com suas muitas lembranças trágicas, acima de nós. A partir deste ponto, viramos à esquerda, descendo no vale, percorrendo seus prados brilhantes, aqui protegidos pelas videiras que estendem os seus braços em clássico modelo de árvore em árvore. Atravessamos a torrente do Pelice por uma pequena ponte, e continuamos nosso caminho até chegarmos ao pé das montanhas de La Combe, aquela parede no Vale de Rora. Começamos a subir por um caminho sinuoso. Pastagens e vinhas dão lugar aos castanheiros da floresta; elas estão ainda nos ramos, e como subimos ainda mais, nos encontramos em meio as bordas nuas da montanha, com seus córregos jorrando, margeados por musgos ou outras ervas alpinas.

Uma subida de duas horas nos leva até o cume da passagem. Temos aqui um pedestal, cerca de 4000 metros de altura, no meio de um estupendo anfiteatro dos Alpes, de onde exibe suas glórias. Quão profundo é o vale a partir do qual temos apenas subido! O Pelice é um fio de prata agora; um pedaço verde de algumas polegadas quadradas é agora o prado, o castanheiro é um mero ponto, dificilmente visíveis, e lá estão La Torre e o branco Villaro,

tão minúsculos que vistos assim podem ser embalados em uma caixa de brinquedo de criança.

Mas enquanto tudo isso tem diminuído, as montanhas parecem ter aumentado a sua massa e sua estatura. Acima de nós as torres da Cúpula da Castelluzzo; ainda mais acima se lavantam as massas do Vandalin, as encostas mais baixas das quais formam um vasto e magnífico jardim suspenso, pequenas em relação àquelas que estavam entre as maravilhas da Babilônia. E ao longe o olhar repousa sobre um mar tumultuoso de montanhas, aqui subindo em agulhas, lá correndo em longas cristas serrilhadas, e mais adiante em pé nos picos enormes de granitos nus, vestindo as roupas de inverno brilhante dos gigantes dos Alpes.

Vamos agora descer ao vale de Rora. Encontra-se em nossos pés, uma taça de verdura, umas sessenta milhas de circunferência, seus lados e fundo variadamente vestidos de campos de milho e pastagens, com vinhas e pomares, com a noz, a cereja, e todas as árvores frutíferas, e do seu meio espreitam numerosos chalés marrons. As grandes montanhas rodeiam o vale como uma parede, e entre eles, preeminente em glória, com sua estatura, ergue-se o monarca dos Alpes Cottian – o Monte Viso.

Como entre os judeus de outrora, assim entre os valdenses, Deus levantou, ao longo do tempo, homens valentes para libertar seu povo.

Um dos mais notáveis desses homens foi Gianavello, vulgarmente conhecido como Capitão Josué Gianavello, um nativo deste mesmo vale de Rora. Ele aparece nos relatos que chegaram até nós, e possuía todas as qualidades de um grande líder militar. Ele era um homem de coragem ousada, de propósito resoluto e empreendedorismo arrojado. Ele tinha a capacidade, tão essencial em um comandante, de ser hábil em suas ações. Ele era fértil em recursos e auto-controle em situações de emergência; ele era rápido para resolver, e pronto para executar. Sua devoção e energia foram os meios, sob Deus, de atenuar um pouco os horrores do massacre de 1655, e seu heroísmo enfim enfrentou a maré da grande calamidade, e fez voltar para seus autores. Foi na manhã do 24 de abril de 1655, o dia que viu a chacina começar que descrevemos acima. Nesse mesmo dia, 500 soldados foram enviados pelo Marquês Pianeza para o Vale de Rora, para massacrar os seus habitantes inofensivos e inocentes. Subindo o Vale do Pelice, eles ganharam a cúpula da passagem, e já estavam descendo sobre a cidade de Rora, furtiva e rapidamente, como uma manada de lobos descendo sobre um aprisco, ou como, diz Leger, "um bando de urubus descendo sobre uma revoada de inofensivas pombas".

Felizmente Gianavello, que sabia semanas antes que uma tempestade se reunia, embora não sobesse quando ou onde ela iria estourar, estava na expectativa. Ele viu a tropa, e

adivinhou a sua missão. Não havia tempo a perder; um pouco mais, e nenhum homem ficaria vivo em Rora para levar notícias de seu destino para a próxima comunidade. Mas Gianavello atacaria sozinho um exército de 500 homens? Ele tomou o pico das montanhas, abrigado nas rochas e árvores, e em seu caminho ele reuniu seis camponeses, homens corajosos como ele, para ajudá- lo a repelir os invasores. O bando heróico marchou até estarem perto da tropa, então, se escondendo no meio do mato, eles ficaram de tocaia ao lado do caminho. Os soldados vieram, sem suspeitar da armadilha em que estavam para cair. Gianavello e seus homens atiraram, e com a mira certeira sete homens da tropa inimiga cairam mortos. Em seguida, recarregando suas armas, e tendo destreza para mudar de posição, eles dispararam novamente com o mesmo efeito. O ataque foi inesperado, o inimigo era invisível, o medo na imaginação dos soldados Pianeza multiplicou por dez o número de seus assaltantes. Eles começaram a recuar. Mas Gianavello e os seus homens, saltando de abrigo em abrigo como se fossem muitos antílopes, executaram seus inimigos mortalmente com suas balas. Os invasores deixaram 54 mortos para trás, e assim estes sete camponeses perseguiram de seu Vale de Rora os 500 assassinos que tinha vindo para matar seus pacíficos habitantes [Leger, Parte II, cap.. 11, p. 186].

Naquela mesma tarde o povo de Rora, que nada sabia dos crimes terríveis que estavam naquele momento sendo executados nos vales de seus irmãos, reparou que o Marquês de Pianeza queixou-se do ataque. O marquês simulou ignorância de toda a questão. "Aqueles que invadiram o vale", disse ele. "Eram um conjunto de bandidos. Você fizeram certo em repeli-los. Voltem para suas famílias e nada temam; comprometo-me com a minha palavra e honra que nenhum mal se sucederá".

Estas palavras mentirosas não enganaram Gianavello. Ele tinha uma lembrança salutar da máxima aprovada pelo Concílio de Constança, e tantas vezes posta em prática nos vales, "Nenhuma misericórdia deve ser dada aos hereges". Pianeza, ele sabia, era o agente do "Conselho de Extirpação". Mal a manhã seguinte tinha começado quando o herói camponês estava no exterior, observando com olhos de águia os caminhos da montanha que levavam ao seu vale. Não demorou muito até que suas suspeitas fossem mais do que justificadas. Seiscentos homens armados, escolhidos com especial referência a este empreendimento difícil, foram vistos subindo a montanha Cassuleto, fazer o que os seus camaradas do dia anterior não tinham conseguido realizar. Gianavello já tinha reunido um grupo pequeno de dezoito homens, dos quais doze estavam armados com mosquetes e espadas, e seis apenas com estilingue. Estes ele dividiu em três partes, cada um composto de quatro mosqueteiros e dois lançadores, e os postou em um desfiladeiro, através do qual viu que os invasores deveriam passar.

Mal o inimigo entrou no local uma chuva de balas e pedras de mãos invisíveis os recebeu. Cada bala e pedra e fez o seu trabalho. A primeira descarga derrubou um oficial e doze

homens. Essa saraivada foi sucedida por outras igualmente fatais. O clamor surgiu, "Tudo está perdido, salvem-se!" A fuga foi o precipício, pois cada arbusto e rocha parecia vomitar diante deles mísseis mortais. Assim, um segundo recuo livrou o Vale de Rora desses assassinos.

Os moradores levaram suas queixas uma segunda vez para Pianeza. "Escondendo", como diz Leger, "a ferocidade do tigre sob a pele da raposa", assegurou aos representantes que o ataque tinha sido o resultado de um mal entendido, que certas acusações foram apresentadas contra eles, a falsidade já fora descoberta, e agora eles poderiam voltar para suas casas, pois não tinham nada a temer. Tão logo eles foram embora e Pianeza começou vigorosamente a se preparar para um terceiro ataque [Leger, Parte II., P. 186-7].

Ele organizou um batalhão de 800 a 900 homens. Na manhã seguinte, fez uma marcha rápida em Rora, aproveitando todas as vias que levam ao vale, e perseguindo os habitantes até as cavernas no Monte Friolante, ateando fogo às suas casas, tendo primeiro as saqueado. Capitão Josué Gianavello, à frente de sua pequena tropa, viu o inimigo entrar, mas seu número era tão grande que ele esperou um momento mais favorável para atacar. Os soldados estavam se retirando, carregado a sua presa, e se dirigindo para os animais dos camponeses. Gianavello ajoelhou-se diante do seu bando heróico, e dando graças a Deus, que por duas vezes a Sua mão salvou o seu povo, ele orou para que os corações e os braços de seus seguidores pudessem ser fortalecidos, para trabalhar ainda em outro livramento. Ele, então, atacou o inimigo. Os saqueadores fugiram morro acima, na esperança de escapar para o Vale do Pelice, jogando fora a sua presa em sua fuga. Quando eles chegaram na passagem e começou a sua descida, sua fuga tornou-se ainda mais desastrosa, grandes pedras, arrancadas e atiradas sobre eles, se misturaram com as balas e fizeram a execução mortal sobre eles, enquanto que os precipícios em que eles caíam em sua pressa consumaram a sua destruição. Os poucos que sobreviveram fugiram para Villaro [Leger, Parte II., P. 187. Muston, p. 146-7].

O Marquês de Pianeza, em vez de ver nesses eventos o dedo de Deus, apenas se inflamaou com mais raiva, e maior determinação ainda sobre a extirpação de todos os hereges do Vale de Rora. Ele reuniu todas as tropas reais, então sob o seu comando, ou que não participaram do massacre em que estavam ocupados em outros vales, a fim de cercar o pequeno território. Este era agora o quarto ataque na comunidade de Rora, mas os invasores foram destinados mais uma vez a debandada diante do choque de seus defensores heróicos. Cerca de oito mil homens foram reunidos, e estavam prontos para marchar contra Rora, mas a impaciência de um certo Capitão Mario, que tinha sinalizado o massacre de Bobbio, e queria ter toda a glória da empreitada, não esperou o movimento do corpo principal da tropa. Ele iniciou a marcha com duas horas de antecedência, com três companhias de tropas regulares, algumas das quais jamais retornaram. Seu líder feroz, movido pela pressa dos

seus soldados em pânico, se precipitou ao longo da borda rochosa no riacho, e foi ferido. Ele foi retirado e levado para Lucerna, onde morreu dois dias depois, sentindo dores terríveis pelo corpo todo, e ainda tormento maior de espírito. Das três companhias que liderou nesta expedição fatal, uma era composta por irlandeses, que haviam sido banidos por Cromwell, e que encontraram nesta terra distante, a morte que eles tinham infligido a outros em sua própria, deixando os seus cadáveres para encher os vales que deveriam ter sido eliminados da "heresia" [Leger, Parte II., p. 188. Muston, p. 148-9].

Esta série de acontecimentos estranhos agora estava chegando ao fim. A fúria da Pianeza não conhecia limites. Esta sua guerra, embora travada apenas com camponeses, trouxe-lhe nada além de desgraça e a perda de seus bravos soldados. Victor Amadeus observou certa vez que "a pele de cada valdense lhe custou quinze de seus melhores soldados do Piemonte". Pianeza tinha perdido algumas centenas de seus melhores soldados, e ainda nenhum da tropa de Gianavello, vivo ou morto, tinha caído em suas mãos. No entanto, ele resolveu continuar a luta, mas com um exército muito maior. Ele reuniu dez mil homens e atacou Rora em três lados de uma só vez. Enquanto Gianavello estava bravamente lutando com a primeira tropa de três mil, sobre o cume da passegem que dá entrada a partir do Vale do Pelice, uma segunda tropa de seis mil tinha entrado pela ravina ao pé do vale, e uma terceira de mil tinha cruzado as montanhas que dividem Bagnolo de Rora. Mas, quem descreveria os horrores que se seguiram à entrada desses assassinos? Sangue, fogo e pilhagem em um instante dominou a pequena comunidade. Nenhuma distinção foi feita de idade ou sexo. Nenhum deles tinha pena de suas tenras idades, nenhuma tinha respeito por seus cabelos grisalhos. Felizes os que foram mortos de uma só vez, e assim escaparam das horriveis atrocidades e torturas. Os poucos poupados da espada foram levados como prisioneiros, e entre estes estavam a esposa e as três filhas de Gianavello [Leger, Parte II., P. 189. Monastier, p. 277].

Agora nada mais havia no Vale de Rora para o qual o herói- patriota poderia fazer batalha. A luz do seu coração se apagou, sua aldeia era um amontoado de ruínas fumegantes, seus pais e irmãos haviam caído pela espada, mas diante dessas calamidades ele se levantou, marchou com sua pequena tropa sobre as montanhas, à espera na fronteira do seu país pelas oportunidades que a Providência ainda poderia abrir-lhe de empunhar a sua espada em defesa das antigas liberdades e gloriosa fé de seu povo.

Foi nessa momento que Pianeza, pretendendo dar o golpe final que deveria esmagar o herói de Rora, escreveu a Gianavello como segue: "Exorto a você pela última vez a renunciar a sua heresia. Esta é a única esperança de obter o perdão de seu príncipe, e de salvar a vida de sua esposa e filhas, agora meus prisioneiros, e que, se você continuar nessa obstinação, eu vou queimá-las vivas. Quanto a você, meus soldados deixarão de persegui-lo, mas vou definir um preço tão alto pela sua cabeça, como se você fosse próprio Belzebu, que você

deve tomar infalivelmente, e ter certeza de que, se você cair vivo nas minhas mãos, não há tormentos com os quais eu não vou punir sua rebelião". Para estas ameaças ferozes Gianavello pronta e magnanimamente e respondeu:

"Não há tormentos tão terríveis, nenhuma morte tão bárbara, que eu não escolheria ao invés de negar o meu Salvador. Suas ameaças não podem causar a renuncia de minha fé, antes fortalecem-me na mesma. Se o Marquês de Pianeza fizer a minha esposa e filhas passarem pelo fogo, ele pode as consumir, mas os seus corpos mortais; suas almas confio a Deus, confiando que Ele terá misericórdia delas, e no meu, deveria agradar-lhe que Eu caia nas mãos do Marquês "[Leger, Parte II., p. 189]. Não sabemos se Pianeza era capaz de ver que esta foi a derrota mais humilhante que ele ainda não tinha sofrido nas mãos do camponês de Rora, e que ele poderia muito bem travar guerra contra os Alpes se contra uma causa que poderia infundir um espírito como este em seus campeões. A resposta de Gianavello, observa Leger, "o certificou como um instrumento escolhido nas mãos de Deus para a recuperação de seu país aparentemente perdido".

Gianavello salvou da destruição de sua família, seu filho pequeno, e seu primeiro cuidado foi procurar um lugar seguro para ele. Colocando-o nos seus ombros, ele passou os Alpes congelados que separam o vale de Lucerna da França, e confiou o filho aos cuidados de um parente residente em Queyras, nos Vales dos irmãos franceses. Com a criança levou para lá a notícia do massacre terrível de seu povo. A indignação se levantou. Mas poucos estavam dispostos a participar de sua tropa, bravos espíritos como o dele, e assim ele retornou aos Alpes em poucas semanas, para começar sua segunda campanha e a mais bem sucedida. Em sua chegada nos vales ele foi acompanhado por Giaheri, sob os quais um grupo havia sido montado para vingar o massacre de seus irmãos.

Em Giaheri, Capitão Gianavello tinha encontrado um companheiro digno de si mesmo, e digno da causa pela qual ele estava agora em armas. Desse homem heróico Leger registrou que: "ainda que possuísse a coragem de um leão, ele era tão humilde como um cordeiro, dando sempre a Deus a glória de suas vitórias; bem versado nas Escrituras, e nas polêmicas, compreensivo e de grande beleza e natural talento". O massacre reduziu a raça valdense até quase o extermínio total, e cinquenta homens era tudo o que os dois líderes puderam reunir.

O exército inimigo, que neste tempo estava em seus vales, era de quinze a vinte mil homens, composto por soldados treinados e escolhidos. Nada além de um impulso do Deus das batalhas poderia ter movido estes dois homens, com tal punhado deles, a entrar em campo contra todas as probabilidades apresentadas. À vista de um herói comum, todos teriam perdido, mas a coragem destes dois guerreiros cristãos era baseada na fé. Eles acreditavam que Deus não permitiria que sua causa viesse a perecer, ou a luz dos Vales ser

extinta, e, apesar de serem poucos, eles sabiam que Deus era poderoso por sua humilde instrumentalidade salvar sua terra e sua Igreja. Nesta fé que desembainharam a espada, e tão corajosamente a usaram, que logo esta espada se tornou o terror dos exércitos do Piemonte. A antiga promessa foi cumprida: "o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e fará proezas" (Daniel 11:32).

Não podemos entrar em detalhes. Prodígios de bravura foram realizados por este pequeno bando. "Eu tinha sempre considerado os valdenses homens", disse Descombies, que se juntou a eles, "mas achei leões". Nada pode deter a fúria de seu ataque. Posto após posto e vila após vila foram arrancados das tropas do Piemonte. Logo, o inimigo foi expulso dos vales superiores. A guerra então passou para dentro da planície do Piemonte, e lá foi travada com o mesmo heroísmo e o mesmo sucesso. Após sitiar e tomar várias cidades, eles lutaram algumas batalhas campais, e nestas ações foram quase sempre vitoriosos, apesar de enfrentarem mais de dez vezes o seu número. Seu sucesso não poderia ser creditado, se não tivesse sido registrado por historiadores cuja veracidade está acima de qualquer suspeita, e da veracidade de cuja declarações foi atestada por testemunhas oculares. Não poucas vezes isso aconteceu no final de um dia de luta em que mil e quatrocentos piemonteses mortos cobriam o campo de batalha, enquanto que não mais de seis ou sete dos valdenses tinham caído. Tal sucesso pode muito bem ser chamado de milagre, e não só o fez parecer assim para os próprios valdenses, mas até mesmo aos seus inimigos, que não poderiam deixar de expressar a sua convicção de "que com certeza Deus estava do lado deles".

Enquanto os valdenses foram, assim, mantendo heroicamente a sua causa por meio das armas, e revertendo o castigo da guerra sobre as suas misérias de quem os havia trazido, notícias do que estavam passando viajavan para todos os Estados protestantes da Europa. Sempre que essas notícias apareciam um sentimento de horror era evocado, e a crueldade do Governo de Sabóia era universalmente execrado e em voz alta.

Todos confessaram que tal conto de aflição nunca tinham ouvido antes. Mas os Estados protestantes não se contentaram em simplesmente condenar essas ações, eles julgaram ser seu dever fazer algo em nome deste povo extremamente pobre e oprimido, e principalmente entre aqueles que eles mesmos honraram pela interposição em favor de um povo "levados para a morte e pronto a perecer", foi, como já foi dito, a Inglaterra, então sob o protetorado de Cromwell. No capítulo anterior, a menção foi feita à letra latina, a composição de Milton, que o Protetor dirigiu ao duque de Sabóia. Além disso, Cromwell escreveu a Luís XIV da França, solicitando sua mediação com o duque em favor dos valdenses. A carta é interessante, já que contém os sentimentos verdadeiramente nobres da Inglaterra e, em que a pena de seu grande poeta deu expressão a montagem:

"Sereníssimo e potente Rei, ... Depois de um massacre bárbaro de pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, um tratado de paz foi concluído, ou melhor, atos secretos de hostilidade foram autorizados na forma mais conveniente, sob o nome de uma pacificação. As condições do tratado foram determinados em sua cidade de Pinerolo: condições bastante difíceis, mas como essas pessoas pobres de bom grado concordaram, após os atentados horríveis a que foram expostas, provando que tinham sido fielmente observados. Mas não foram observados, o significado do tratado é fraude e violação, colocando uma falsa interpretação sobre alguns dos artigos, e por outras variantes. Muitos dos queixosos foram privados de seus patrimônios, e a muitos têm sido proibido o exercício da sua religião. Novos pagamentos foram exigidos, e uma nova fortaleza foi construída para mantê-los sob controle, de onde soldados desordeiros fazem incursões frequentes e saqueiam ou assassinam tudo o que encontram pela frente.

Além dessas coisas, contribuições de novas tropas são clandestinamente preparas para marchar contra eles, e entre aqueles que professam a religião católica romana foram aconselhados a se retirar o quanto antes, de modo a escapar do massacre como o que ocorreu anteriormente; assim eu faço, portanto, pedido e suplico a Vossa Majestade não se sujeitar a coisas tais, e não permitir (não vou dizer qualquer príncipe, pois a barbárie, certamente, nunca poderia entrar no coração de um príncipe, muito menos de um duque de tenra idade, ou na mente de sua mãe) aqueles malditos assassinos a entrar em tal ferocidade selvagem, que, enquanto eles professam ser servos e seguidores de Cristo, que veio ao mundo para salvar os pecadores, blasfemam do seu nome, e transgridem seus compassivos preceitos, pela matança de inocentes.

Oh , que Vossa Majestade, que tem o poder, e que deve estar inclinado a usá-lo, possa livrar tantos suplicantes das mãos de assassinos, que já estão embriagados com sangue, e com sede de novo, e que tem prazer em jogar o ódio de sua crueldade sobre os príncipes! Imploro a Sua Majestade a não sujeitar as fronteiras do seu reino a ser poluída por maldades tão monstruosas. Lembre-se que esta raça de pessoas lançou-se sobre a proteção do seu avô, o rei Henrique IV, que foi mais amigável e disposto para com os protestantes, quando o Duque de Lesdiguieres passou vitoriosamente pelo seu país, proporcionando a passagem mais cômoda para a Itália na época em que perseguiu ao duque de Sabóia, em seu retiro nos Alpes. O ato ou instrumento dessa submissão ainda existe entre os registros públicos do seu reino, no qual está previsto que os valdenses não devem ser transferidos para qualquer outro governo, mas sobre a mesma condição que eles foram recebidos sob a proteção de seu invencível avô. Como suplicantes de seu neto, por eles agora imploro o cumprimento deste pacto.

"Da nossa Corte em Westminster, 26 de maio de 1658."

O rei francês comprometeu-se a mediação, tal como solicitado pelos príncipes protestantes, mas apressou a uma conclusão antes de os embaixadores dos Estados protestantes chegarem. Os delegados dos cantões protestantes da Suíça estiveram presentes, mas eles foram autorizados a desempenhar o papel de espectadores apenas. O grande monarca tomou todo o assunto para si e em 18 de agosto de 1655, um tratado de paz foi concluído de um tipo muito desvantajoso. Os valdenses foram despojados de suas posses antigas na margem direita do Pelice, encontrando-se em direção à planície do Piemonte. Dentro da nova fronteira foram garantidos a liberdade de culto, uma anistia foi concedida para todos os crimes cometidos durante a guerra, os cativos seriam libertos quando solicitados, e estavam para ser isentos de todos os tributos por cinco anos, pelo fato de serem tão pobres que não podiam pagar nada.

Quando o tratado foi publicado foi encontrado duas cláusulas que surpreendeu o mundo protestante. No preâmbulo, os valdenses foram descritos como rebeldes, que tinham agradado seu príncipe graciosamente para receber de volta favores; e no corpo da escritura tinha um artigo, que ninguém lembrava de ter ouvido menção durante as negociações, que autoriza a França a construção de um forte acima de La Torre. Esta parecia ser uma preparação para renovar a guerra.

Por esse tratado, os Estados protestantes foram logrados; seus embaixadores foram enganados, e os pobres valdenses ficaram mais do que nunca no poder do duque de Sabóia e do Conselho para a Propagação da Fé e a extirpação dos hereges.

Capítulo 15 - O Exílio

Novos Problemas — Luis XIV e seu confessor — Edito contra os valdenses — Sua condição indefesa — Sua luta e vitória — Eles se entregam — Toda a nação lançada na prisão — Total desolação da terra — Horrores do cárcere — Sua libertação — Jornada pelos Alpes — Suas dificuldades — Chegada dos Exilados em Genebra — Recepção Hospitaleira

Após o grande massacre de 1655, a Igreja dos Vales teve descanso da perseguição por trinta anos. Este período, no entanto, pode ser denominado de descanso se contrastado com as tempestades terríveis que tinha convulsionado a época que imediatamente a precedeu. Os inimigos dos valdenses ainda encontravam inúmeras formas de os incomodarem e de os atormentarem. Incessantes intrigas continuamente davam novos alarmes, e os valdenses tinham que muitas vezes ir até os seus campos e podar as suas vinhas com as suas espingardas nos seus ombros. Muitos de seus principais líderes foram enviados para o exílio. Capitão Gianavello e Pastor Leger, cujos serviços ao seu povo foram relevantes, nunca foram perdoados, foram sentenciados a morte. A sentença de Leger era "ser estrangulado e depois, seu corpo suspenso por um pé em um cadafalso de quatro a 20 horas. E, finalmente, ter a cabeça cortada e exposta publicamente em San Giovanni. Seu nome foi inserido em uma lista de afamados bandidos e suas casas queimadas" [Leger, Parte II, p. 275]. Gianavello retirou-se para Genebra, onde continuou a observar com interesse inabalável a sorte de seu povo. Leger tornou-se pastor de uma congregação em Leyden, onde coroou uma vida cheia de trabalho e sofrimento pelo Evangelho, por um trabalho que colocou toda a cristandade em dívida com ele; nos referimos a sua História das Igrejas dos valdenses - um nobre monumento ao heroísmo de sua Igreja mártir e seu próprio patriotismo cristão.

Mal Leger desenrou diante do olhar atônito do mundo o registro da última tempestade terrível que feriu os Vales, quando as nuvens voltaram, e foram vistas rolando no escuro, massas estrondosas contra esta terra consagrada. As primeiras tempestades tinham os assaltado pelo sul, tendo se recolhido ao Vaticano; a tempestade que agora se aproxima teve sua primeira subida ao norte dos Alpes. Era o ano de 1685; Luis XIV estava próximo de morrer, e com a grande Auditoria em vista, que ele consultou o seu confessor pelo qual boas ações como um rei, ele poderia expiar seus muitos pecados como um homem. A resposta estava pronta. Foi-lhe dito que ele devia extirpar o protestantismo na França.

O grande monarca, como a idade o mostrava, inclinou-se com dificuldade diante do sacerdote, enquanto a Europa estava tremendo diante de seus exércitos. Luis XIV fez como lhe foi ordenado, revogou o Edito de Nantes. Este crime gigantesco infligiu não menos

miséria sobre os protestantes do que trouxe incontáveis desgraças sobre o trono da França e de toda a nação.

Mas é a nação dos valdenses, e a perseguição que o conselho de Père La Chaise trouxe sobre eles, que estamos aqui a relatar. Desejando companheirismo no trabalho sanguinário de purgar a França do protestantismo, Luís XIV enviou um embaixador para o Duque de Sabóia, com um pedido que ele devesse lidar com os valdenses como ele – o rei - estava lidando agora com os huguenotes. O jovem e naturalmente humano Victor Amadeus tinha naquele momento consideração amigável com seus súditos dos Vales. Eles tinham servido bravamente sob sua bandeira em sua guerra com os genoveses, e ele tinha escrito, recentemente uma carta de agradecimento. Como poderia ele desembainhar sua espada contra os homens cuja devoção e bravura tiveram tão grandemente contribuído para sua vitória? Victor Amadeus não se dignou responder ao embaixador francês. O pedido foi repetido e recebeu uma resposta evasiva, ainda uma terceira vez, acompanhado de uma sugestão do rei que, se não era conveniente para o duque purgar seus domínios, o rei da França faria isso por ele com um exército de 14000 homens, e manteria os vales sob seus domínios. Isso foi o suficiente. Um tratado foi imediatamente celebrado entre o duque e o rei francês, em que este prometeu uma força armada para levar os valdenses à obediência romana, ou exterminá-los [Monastier, p. 311]. Em 31 de janeiro de 1686, o edital a seguir foi promulgado nos Vales:

1. Os valdenses devem agora e para sempre cessar e suspender todos os exercícios de sua religião.

2. Eles estão proibidos de fazer reuniões religiosas, sob pena de morte e pena de confisco de todos os seus bens.

3. Todos os seus antigos privilégios estão abolidos.

4. Todas as suas igrejas, casas de oração e outros edifícios consagrados ao seu culto devem ser demolidos.

5. Todos os pastores e professores dos Vales são exigidos assumir o catolicismo ou abandonar o país dentro de quinze dias, sob pena de morte e confisco de bens.

6. Todas as crianças nascidas, ou de terem nascido, de pais valdenses serão obrigatoriamente educados como os católicos romanos. Toda criança ainda por nascer, deverá, dentro de uma semana após o seu nascimento, ser trazido para a cura da sua paróquia, e admitia na Igreja Católica Romana, sob pena, por parte da mãe, de ser publicamente chicoteada com varas, e da parte do pai, de trabalhar cinco anos nas galés.

7. Os pastores valdenses devem abjurar a doutrina que têm publicamente anunciado; devem receber um salário, mais de um terço do que anteriormente gozavam, e metade destes deve reverter para suas viúvas.

8. Todos os estrangeiros protestantes estabelecidos no Piemonte está ordenado tornarem-se católicos, ou abandonar o país no prazo de quinze dias.

9. Por um ato especial de sua clemência grande e paternal, o soberano permitirá que as pessoas vendam, nesse intervalo, a propriedade que possam ter adquirido no Piemonte, desde que a venda seja feita para compradores católicos".

Este edito monstruoso parecia soar como a sentença dos valdenses como sendo um povo protestante agora. Suas mais antigas tradições não continham um decreto tão cruel e injusto, nem aquele que os ameaçava com tão completa e sumária destruição como o que agora parecia pender sobre eles. O que podia ser feito? Seu primeiro passo foi enviar representantes para Turim, respeitosamente, para lembrar ao duque que os valdenses habitavam os vales desde tempos imemoriais, que eles levavam seus rebanhos pelas montanhas, antes da Casa de Sabóia assumir o trono do Piemonte, que tratados e juramentos, que se renovavam de reino para reino, tinham solenemente garantido- lhes a liberdade de culto e de outros direitos, e que a honra dos príncipes e a estabilidade dos Estados residia na fiel observância dos pactos em questão; e pediram-lhe para considerar o opróbrio do trono e do reino do Piemonte incorreria se ele se tornasse o carrasco daqueles de quem era o protetor natural. Os protestantes da Suíça se juntaram nas mediações à intercessão dos valdenses.

E quando esse quase inacreditável edito veio a ser conhecido na Alemanha e Holanda, estes países lançaram seus escudos sobre os vales, intercedendo junto ao duque para que ele não viesse causar um mal tão grande como os lançar de uma terra que era deles por irrevogáveis documentos, um povo cujo único crime era de que adoravam como seus pais haviam adorado, antes de passarem para o cetro do duque. Todos esses grupos invocaram em vão. Antigos documentos, tratados solenes, e juramentos, feitos aos olhos da Europa, e a longa lealdade e muitos serviços dos valdenses para com a Casa de Sabóia, não puderam impedir o duque, ou a execução do monstruosamente decreto penal. Em pouco tempo os exércitos da França e de Sabóia chegaram aos Vales.

Em nenhum período anterior de sua história, talvez, os valdenses estivessem tão inteiramente destituídos de auxílio humano como agora. Gianavello, cujo coração forte e corajoso os defendera antes, estava no exílio. Cromwell, cuja potente voz tinha se lavantado contra a fúria do grande massacre, estava morto. Um papista confesso ocupava o trono da Grã-Bretanha. O protestantismo estava indo mal, nesta época em todos os

lugares. Os presbitereanos da Escócia estavam escondidos nos pântanos, ou morrendo nos campos de Edimburgo. França, Piemonte e Itália cercavam os Vales; cada caminho vigiado, todos os seus socorros cortados, uma força avassaladora esperava o sinal para massacrá- los. Tão desesperadora era a sua situação que os enviados da Suíça, os aconselharam a "transportar para outro lugar da tocha do Evangelho, e não mantê-la aqui para ser extinta em sangue".

A proposta de abandonar a sua herança antiga, proveniente desses assustou os valdenses. Produziu, em primeiro lugar, uma divisão de opinião nos vales, mas finalmente eles se uniram em rejeitá-la. Lembraram-se das façanhas que seus pais haviam feito, e as maravilhas que Deus havia feito na passagem da montanha de Rora e nos desfiladeiros de Angrogna, e no campo Pra del Tor, e reavivaram a sua fé, eles resolveram, em depender do mesmo Braço Poderoso que havia sido estendido em seu nome, em épocas anteriores, para defender seus lares e altares. renovaram seu pacto, e no domingo de Páscoa os seus pastores fizeram a comunhão. Esta foi a última vez que os filhos dos Vales participavam da Ceia do Senhor antes de sua grande dispersão.

Victor Amadeus II tinha acampado na planície de San Gegonzo diante dos Alpes valdenses. Seu exército era composto por cinco regimentos de cavalaria e a pé. Ele estava acompanhado por auxiliares franceses que haviam cruzado os Alpes, com algumas dezenas de batalhões; a força reunida estava entre 15.000 e 20.000 homens. O sinal era para ser dado na segunda-feira, ao romper do dia, por três tiros de canhão, disparado da montanha Bricherasio. Naquela manhã, os Vales de Lucerna e San Martino, que formam os dois pontos extremos e opostos do território, foram atacados, a primeira pelas hostes piemonteses, e a outra pelos franceses, sob o comando do general Catinat, um destacado soldado . Em San Martino a luta durou dez horas, e terminou em uma completa repulsa dos franceses, que se se retiraram durante a noite com uma perda de mais de 500 mortos e feridos, enquanto os valdenses tinha perdido apenas dois [Monastier, p. 317. Muston, p. 199]. No dia seguinte, os franceses, enraivecidos pela derrota, enviaram um exército mais numeroso a San Martino, que varreu o vale, queimando, saqueando e massacrando, e tendo cruzado as montanhas desceu a Pramol, continuando o mesmo extermínio e indiscriminada vingança. Para a raiva da espada, foram adicionadas outras barbaridades e atrocidades chocantes demais para ser narradas [Muston, p. 200].

A questão do uso das armas para este fim parecia incerto, apesar da grande disparidade de força, a traição, em grande escala, era agora o recurso. Em qualquer lugar, ao longo dos vales, onde os valdenses eram encontrados fortemente postados e prontos para a batalha, eles eram informados de que seus irmãos nas comunidades vizinhas tinham sido dominados, e que era inútil para eles, isolados e sozinhos como agora estavam, continuar sua resistência. Quando eles enviaram representantes ao quartel-general para saber - e

passar livremente para esse propósito - eles estavam certos de que a rendição tinha sido universal, e que ninguém se salvaria agora pelas armas. Eles foram assegurados, além disso, que se seguissem o exemplo do resto da sua nação, todas as suas antigas liberdades seriam mantidas intactas [Muston, p. 202].

Este ardil foi praticado com sucesso em cada um dos postos valdenses em sucessão, até que finalmente todos os vales capitularam. Não podemos culpar os valdenses, que foram vítimas de um ato tão indigno e vil que mal pode ser crível; mas o erro, que pena! Foi algo fatal, e teve que ser expiado posteriormente pela resistência aos infortúnios cem vezes mais terríveis do que qualquer outro que teriam encontrado na rude campanha. A consequência imediata da rendição foi um massacre que se estendeu a todos os seus vales, e que foi semelhante em todos os seus horrores ao grande massacre de 1655. Nesse massacre mais de 3.000 morreram. O restante da nação, representado, segundo Arnaud, entre 12.000 e 15.000 pessoas, foram entregues às várias prisões e fortalezas do Piemonte [Monastier, p. 320].

Estamos agora diante destes famosos vales, pela primeira vez em sua história, vazios. A antiga lâmpada já não queima. A escola dos profetas em Pra del Tor foi arrasada. Nem fumaça é vista subindo da casa de campo, e nem é ouvido o salmo subindo da habitação ou santuário. Nenhum pastor leva o seu rebanho pelas montanhas, e nenhuma grupo de adoradores, obedecendo a convocação do sino, sobe os caminhos da montanha. A grande videira estende seus braços, mas nenhuma mão hábil está por perto para puxar sua ramagem e podar sua exuberância. A castanheira lança seus frutos, mas não há crianças alegres para pegá-los, e eles estão apodrecendo no chão. Os terraços nas colinas, que estavam acostumados a transbordar de flores e frutos, e que apresentavam aos olhos uma série de jardins suspensos, agora estão despedaçados e violados, atirados em uma massa de lixo de ruínas para baixo da encosta. Nada é visto além de fortes desmantelados e ruínas escuras de igrejas e aldeias. Um silêncio lúgubre cobre a terra, e as bestas do campo estranhamente se multiplicam. Alguns pastores, escondidos aqui e ali nas florestas e fendas das rochas, são agora os únicos habitantes. O Monte Viso, da sua abóbada silenciosa, olha com espanto a ausência da antiga raça sobre a qual, desde tempos imemoriais, ele tinha o costume de lançar suas glórias ao amanhecer, e deixar cair na tarde a sombra roxa das amplas dobras do seu manto amigável.

Não sabemos se alguma vez antes na história uma nação inteira esteve na prisão. No entanto, agora era assim. Todos da raça valdense que escaparam da espada de seus algozes foram lançados nas masmorras do Piemonte! O pastor e seu rebanho, o pai e sua família, o patriarca e o rapaz tinham passado, em uma grande procissão, e trocado os seus grandes vales com paredes de pedra, suas casas cobertas de folhas de árvores, e seus picos ensolarados, pela imundície, o ar sufocante e as paredes de uma prisão italiana semelhantes

ao tártaro. E como eles foram tratadas na prisão? Como o escravo africano foi tratado sobre a "passagem do meio". Eles tinham uma quantidade racionada de alimento, mas não tinham roupas de muda. O pão distribuído para eles era fétido. A água para beber era podre. Eles eram expostos ao sol durante o dia e ao frio da noite. Eles foram obrigados a dormir no chão nu, ou sobre a palha tão cheia de vermes, que o chão de pedra era preferível. Doenças surgiram nessas moradas horríveis, e a mortandade era o seu temor. "Quando eles entraram nessas masmorras", diz Henri Arnaud, "eles eram 14 mil saudáveis montanhistas, mas quando veio a intercessão dos representantes da Suíça, e as prisões foram abertas, 3.000 esqueléticas pessoas foram tiradas para fora". Estas poucas palavras retratam uma tragédia tão terrível que a imaginação recua da sua contemplação. No entanto, enfim, o perseguidor soltou suas cadeias, e abrindo as portas de sua prisão, ele envia esses cativos - o restante miserável de um povo valente. Mas para onde serão enviados? Para povoar novamente seus antigos vales? Para reacender o fogo em seus lares ancestrais? Para reconstruir "a casa santa e bela", no qual seus pais louvavam a Deus? Ah, não! Eles são tirados para fora da prisão apenas para serem mandados para o exílio – para um valdense, a morte em vida.

A barbárie de 1655 foi repetida. Foi em Dezembro (1686) que o decreto de libertação foi emitido em favor destes 3.000 que tinham escapado da espada e sobreviveram à epidemia não menos mortal da prisão. Nessa época, como todos sabem, a neve e o gelo estão empilhadas até uma profundidade temerosa sobre os Alpes, e tempestades ameaçam diariamente com a morte os viajantes aventureiros que também atravessam as suas cúpulas. Foi nessa época que esses pobres cativos, magros pela doença, enfraquecidos pela fome e tremendo de frio por terem roupas insuficientes, foi ordenado sair e cruzar as montanhas nevadas. Eles começaram sua viagem na tarde daquele mesmo dia em que a ordem chegou, pois seus inimigos não permitiram nenhum atraso. Cento e cinquenta deles morreram em seu primeiro dia de marcha. À noite eles pararam ao pé do Monte Cenis. Na manhã seguinte, quando examinaram os Alpes, viram sinais evidentes de uma tempestade se formando, e rogando ao oficial encarregado deles por causa dos seus doentes e os idosos, para permanecer onde estavam até que a tempestade passasse.

Com o coração mais duro do que as pedras que estavam a atravessar, o oficial ordenou que retomassem sua viagem. Essa tropa de pessoas esquálidas começou a subida, e logo estavam lutando com os desvios por causa da pouca visibilidade e turbilhões de neve da montanha. Oitenta e seis de seus membros, sucumbindo à tempestade, caíram pelo caminho. Onde eles caíam, morriam. Nenhum parente ou amigo foi autorizado a ficar para trás para ver seus últimos momentos ou socorrê-los. Aquela procissão cada vez menor movia-se sobre sobre os montes brancos, deixando a neve ser a sepultura aos seus companheiros que agonizavam pelo caminho. Quando a primavera abriu as passagens dos Alpes, memoriais medonhos estavam diante dos olhos do viajante horrorizado. Espalhados

ao longo do caminho estavam a agora os cadáveres descobertos desses pobres exilados, o corpo da criança envolta nos braços da mãe morta.

Mas por que devemos prolongar este conto horroroso? A primeira companhia desses miseráveis exilados chegou em Genebra, no dia de Natal de 1686, tendo levado três semanas de viagem. Eles foram seguidos por pequenos grupos, que cruzaram os Alpes um após o outro, sendo libertados da prisão em momentos diferentes. Não foi até o final de fevereiro de 1687, que o último grupo desses emigrantes chegaram aos hospitaleiros portões de Genebra. Mas em que situação! Desgastados, doentes, magros, fracos e famintos. De alguma maneira, as suas línguas estavam inchadas em suas bocas, e eles eram incapazes de falar; de outro os braços estavam feridos pela geada, de modo que não podiam alongá-los para aceitar a caridade que lhes eram oferecidas; e alguns houve que cairam e expiraram no limiar da cidade, "descobrindo", como se tem dito, "o fim da sua vida no início de sua liberdade". A recepção mais hospitaleira possível foi lhes dada pela cidade de Calvino. Uma delegação dos principais cidadãos de Genebra, chefiada pelo patriarca Gianavello, que ainda vivia, saiu para encontrá-los na fronteira, e levando-os às suas casas, competiam entre si, para mostrar-lhes a maior gentileza. Cidade generosa!

Se aquele que deve dar um copo de água fria a um discípulo, de modo algum perderá a sua recompensa, pois muito mais será retribuído segundo esta a tua benevolência para com os sofrimentos dos exilados e sofredores do Salvador! (Párafrase do Evangelho de Mateus 10:42).

Capitulo 16 - O Retorno aos Vales

Saudades de seus Vales – Pensamentos de Retorno – Sua reestruturação – Cruzam o Lago Leman – Começa a marcha – Os "oitocentos" – Cruzam o Monte Cenis – Grande Vitória no Vale de Dora – Primeira visão de suas montanhas – Adoração no topo da Montanha – Entrada em seus vales – Passam seu primeiro domingo em Prali – Adoração

Agora vamos abrir a página mais brilhante da história dos valdenses. Vimos cerca de 3000 exilados valdenses entrar pelos portões de Genebra, o debilitado remanescente de uma população de 14000 a 16000 pessoas. A cidade não pode conter todos eles, e os arranjos foram feitos para distribuir os valdenses expatriados entre os cantões reformados. A revogação do Edito de Nantes trouxe milhares de protestantes franceses para a Suíça, e agora a chegada dos refugiados valdenses trouxe consigo exigências ainda mais pesadas da caridade pública e privada dos cantões, mas a resposta do Helvetia protestante foi igualmente cordial no caso destes últimos como nos dos primeiros, e talvez até mais, vendo que suas misérias eram maiores. Nem os valdenses foram ingratos. "As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos", eles disseram aos seus benfeitores, "estamos em débito com vocês pela vida e liberdade".

Vários príncipes alemães abriram seus Estados a estes exilados, mas a influência de seu grande inimigo, Luis XIV, era, então, muito poderosa por estes lugares para autorizar a fixação de sua residência e ser totalmente segura. Constantemente vigiado por seus emissários, e falsos patronos, eles eram movidos de um lugar para outro. A questão do seu estabelecimento permanente no futuro estava começando a ser discutido com ansiedade. O projeto de levá-los através do mar nos navios da Holanda, e estabelecê-los no Cabo, foi ainda discutida. A ideia de separá-los para sempre de sua terra natal, no exílio, considerada melhor do que quando moravam na mesma, deu-lhes uma angústia insuportável. Não era possível reunir suas colônias dispersas, e marchar de volta para os seus vales e reavivar a sua antiga lâmpada neles? Esta era a pergunta que, após três anos de exílio, os valdenses começaram a fazer a si próprios. Enquanto andavam pelas margens do Reno, ou atravessavam as planícies alemãs, eles ocupavam sua imaginação com seus lares distantes. As castanhas sombreando suas moradas, vinhas se dobrando graciosamente sobre seus portais, e no prado em frente, a torrente de cristal mantida perpetuamente brilhante, e cujo murmúrio doce misturado com o salmo da noite, todos surgiam diante de seus olhos. Eles nunca se ajoelharam para orar, mas estavam com o rosto virado para as suas grandes montanhas, onde dormiam seus pais martirizados.

Tentativas foram feitas pelo Duque de Sabóia para repovoar seu território com uma raça mestiça, parte da Irlanda e parte do Piemonte, mas a terra não conhecia os estranhos, e se

recusou a ceder a sua força para eles. Os valdenses enviaram espiões para examinar a sua condição [Monastier, p. 336]; seus campos não cultivados, suas vinhas não podadas, nem tinham suas ruínas sido levantadas, estavam quase tão desoladas como no dia em que seus filhos tinham sido expulsos da mesma. Parecia-lhes que a terra estava esperando pelo seu retorno.

Finalmente o anseio do seu coração não podia mais ser reprimido. A marcha de volta aos seus vales é uma das façanhas mais maravilhosas que já foi realizada por qualquer povo. É famosa na história pelo nome de "La rentrée Glorieuse". O evento paralelo que vem à mente do estudioso, é claro, a retirada dos "dez mil gregos". O patriotismo e a bravura de ambos são admitidos, mas a comparação será sincera, pensamos, numa inclinação para atribuir a palma do heroísmo ao retorno dos "oitocentos".

O dia fixado para o início da sua expedição foi a 10 de junho de 1688. Abandonando seus vários acantonamentos na Suíça, e viajando por estradas, atravessaram o país, durante a noite, e se reuniram em Bex, uma pequena cidade no extremo sul do território de Berna. Sua marcha secreta logo chegou ao conhecimento dos Senados de Zurique, Berna e Genebra, e, prevendo que a partida dos exilados iria comprometê-los com as forças papistas, suas excelências tomaram medidas para impedi- la. Um navio carregado de armas para o seu uso foi apreendido no Lago de Genebra. Os habitantes de Vallais, em combinação com os Sabóias, ao primeiro alarme se apoderaram da ponte de São Maurício, a chave de acesso ao Vale de Rhone, e pararam a expedição. Assim, por este momento, foram obrigados a abandonar seu projeto.

Para acabar com todas as esperanças de seu regresso para os vales, eles foram novamente distribuídos pela Alemanha. Mas mal teve esta segunda dispersão efetuada, quando eclodiu a guerra; tropas francesas invadiram o Palatinado, e lá os valdenses que se estabeleceram, temendo, não sem razão, os soldados de Luís XIV se retiraram de diante deles e retomaram o caminho da Suíça. Os cantões protestantes, com pena desses pobres exilados, os lançavam de país em país, por convulsões políticas, os estabeleceram uma vez mais em seus primeiros assentamentos. Enquanto isso, as cenas estavam mudando rapidamente em todos os cantões de valdenses expatriados, e com os olhos alertas aguardavam a questão. Eles viram o seu protetor, William de Orange, ocupar o trono da Inglaterra. Eles viram o seu poderoso inimigo, Luis XIV ser atacado de uma só vez pelo imperador, e ser humilhado pelos holandeses. Eles viram seu próprio príncipe Victor Amadeus retirar seus soldados, vendo que precisava deles para defender o Piemonte. Pareceu-lhes que uma mão invisível estava abrindo seu caminho de volta para sua própria terra. Incentivados por estes sinais, eles começaram a se organizar uma segunda vez para a partida.

O local de encontro foi um bosque na margem norte do lago Leman, perto da cidade de Noyon. Por dias eles continuaram a convergir em grupos dispersos, e por marchas furtivas, para o ponto selecionado. Na noite decisiva, a 16 de agosto de 1689, uma reunião geral foi realizada ao abrigo da amigável floresta de Prangins. Tendo uma solene oração e apresentado sua empresa a Deus, eles embarcaram no lago, e atravessaram sob a luz das estrelas. Seus meios de transporte eram deficientes, o que poderia ser uma primeira ameaça em obstruir a sua expedição, mas que, dessa vez, acabou facilitando muito. Curiosamente a quantidade de pessoas nesta parte do lago, e os barcos eram os meios suficientes de evacuação dos valdenses.

Nesta crise, como em tantas anteriores, um distinto homem levantou-se para levá-los. Henri Arnaud, que estava na liderança de 800 homens de guerra, agora partiu para as suas posses nativas, ele era pastor, mas os problemas de sua nação o obrigou a deixar os vales; ele havia servido nos exércitos do Príncipe de Orange. De piedade decidida, ardente patriotismo, e de grande decisão e coragem, ele apresentou um belo exemplo da união do ofício pastoral e do caráter militar. É difícil dizer se seus soldados ouviram mais reverência para as exortações que ele às vezes que lhes fazia do púlpito, ou as ordens que lhes dava no campo de batalha.

Chegando à margem sul do lago, os 800 valdenses dobraram seus joelhos em oração, e então começaram a sua marcha através de um país cheio de inimigos. Diante deles, se erguem as grandes montanhas cobertas de neve sobre o qual eles estavam a lutar pelo seu caminho. Arnaud arranjou sua pequena tropa em três companhias, uma avançada, uma ao centro e uma na retaguarda. Capturando alguns dos principais líderes locais como reféns, eles atravessaram o Vale de Arve para Sallenches, e surgindo de suas perigosas passagens exatamente no lugar onde seus inimigos haviam completado seus preparativos para lhes resistir. Escaramuças os esperavam, mas a maior parte de sua marcha não teve oposição, pois o terror de Deus caiu sobre os habitantes de Sabóia. Mantendo seu caminho, subiram a Haut Luce Alp, e depois o Bon Homme, vizinhos ao Mont Blane, afundando-se, por vezes, na neve. Precipícios e geleiras traiçoeiras eram por eles vencidos ao custo de trabalho e perigo.

[O Haut Luce Alp foi assim chamado pelo autor da Rentree, da aldeia que fica ao seu pé, mas que sem dúvida, diz Monastier (p. 349), "tanto é o Joli Col (2206 metros de altura) ou o Col de La Fenêtre, ou Portetta, como era chamado o Sr. Brockedon, que visitou esses países, e seguiu o mesmo caminho dos valdenses"] Eles estavam completamente molhados pela chuva, que nessa época cai torrencialmente. Suas provisões estavam ficando escassas, mas foram ajudados pelos pastores das montanhas, que lhes trouxeram pão e queijo, enquanto que à noite lhes serviam nas suas cabanas. Eles trocavam seus reféns em todos os estágios da marcha; às vezes eles os "engaiolavam" – para usar as suas próprias frases –

um monge capuchinho, e em outras vezes um proprietário influente, mas todos foram tratados igualmente com bondade.

Tendo atravessado o Bon Homme, que divide a bacia do Arve de Isere, desceram, na quarta-feira, no quinto dia de sua marcha, para o vale do último córrego. Eles olharam para o que ainda haviam de passar nesta viagem com grandes reservas, pois a numerosa população do vale de Isere era conhecida por ser bem armada e decididamente hostil, e poderia ser esperado que se opusessem a sua marcha, mas o inimigo ainda era "como uma pedra" até que o povo passasse por ela. Em seguida, eles atravessaram o Monte Iseran, e o ainda mais impressionante Monte Cenis, e finalmente desceram ao Vale de Dora. Foi aqui, no sábado, 24 de agosto, que encontraram pela primeira vez um corpo considerável de tropas regulares.

À medida que atravessavam o vale, encontraram um camponês, e perguntaram se poderiam conseguiriam provisões e pagar por elas. "Vamos por este caminho", disse o homem, num tom de voz que tinha um leve toque de triunfo, "vocês vão encontrar tudo o que quiserem, estão preparando uma ceia excelente para vocês" [Monastier, p. 352]. Eles foram levados para o desfiladeiro de Salabertrand, onde o Col d'Albin fecha-se sobre o córrego de Dora, e quando lá chegaram se depararam com o exército francês, cujas fogueiras para a noite iluminavam longe, de encosta a encosta. A retirada era impossível. Os franceses eram 2500 homens, flanqueados pela guarnição de exilados e apoiados por uma horda de seguidores de diversas armadas.

Sob a favor das trevas, avançaram assim mesmo até a ponte que cruzava Dora, na margem oposta a que os franceses estavam acampados. Diante da pergunta da sentinela: "Quem vem lá?" Os valdenses responderam "amigos". A resposta imediata foi gritar: "mate-os, mate-os!". Seguido por uma enorme chuva de fogo, que foi mantida por um quarto de hora. Mas não lhes fez mal, entretanto. Arnaud tinha ordenado a seus soldados deitarem com os rostos em terra, e deixar que a chuva mortal passasse sobre eles. Mas agora a divisão francesa apareceu em sua retaguarda, colocando-os entre duas linhas de fogos. Alguém entre os valdenses, vendo que todos estavam em risco, gritou: "Coragem! A ponte está ganha!" Com essas palavras os valdenses começaram a correr para a ponte, todos de espada na mão, e jogando-se com a impetuosidade de uma tempestade sobre as trincheiras do inimigo. Confundidos com a rapidez do ataque, os franceses só podiam usar as extremidades de seus mosquetes para aparar os golpes. A luta durou duas horas e terminou com a derrota total da França. Seu líder, o marquês de Larrey, após uma tentative infrutífera de reagrupar seus soldados, ferido, fugiu para Briancon, exclamando: "É possível que eu tenha perdido a batalha e minha honra?".

Logo depois, a lua se levantou e mostrou o campo de batalha para os vencedores. Nele, estavam estendidos 600 corpos de soldados franceses, além de oficiais; e espalhados indiscriminadamente, em todo o campo, estavam armas, equipamentos militares e provisões. Assim de repente, se abriu um arsenal para os homens que estavam muito necessitados, tanto de armas quanto de alimentos. Depois de se alimentarem, eles juntaram o que não podiam levar em uma pilha, e atearam fogo. Os ruídos altos e variados formados pela explosão da pólvora, o som das trombetas e os gritos dos capitães, que, jogando seus chapéus no ar, exclamavam: "Louvado seja o Senhor dos exércitos, que nos deu a vitória", ecoou como um trovão do céu, e reverberando de monte em monte, formou uma cena extraordinária e emocionante, como raramente foi testemunhado no meio destas montanhas geralmente calmas. Esta grande vitória custou aos valdenses apenas quinze mortos e doze feridos.

Seu cansaço era grande, mas temiam descansar no campo de batalha, e assim, acordando aqueles que já haviam caído no sono, eles começaram a subir o imponente Monte Sci. O dia estava rompendo quando chegaram ao cume. Era domingo, e Henri Arnaud, parando até que todos estivessem juntos, apontou para adiante, para onde estavam a tornar-se visíveis pela luz da manhã, os topos das montanhas da sua terra natal. Uma espécie de boas-vindas à vista dos desejos de seus olhos! Banhado pelo esplendor do sol nascente parecia para eles, que cada pico nevado começava a queimar um após o outro, que as montanhas estavam ardendo em alegria com o retorno de seus filhos há muito ausentes. Esse exército de soldados resolveu fazer uma congregação de adoradores, e o cume do Mont Sci tornou-se a sua igreja. Ajoelhados no topo da montanha, o campo de batalha abaixo deles, e os solenes e sagrados picos do Col du Pis, o Col de la Vechera, e a gloriosa pirâmide do Monte Viso olhando para eles, em silêncio reverente, se humilharam perante o Deus Eterno, confessando os seus pecados, e dando graças por seus muitos livramentos. Raramente uma adoração mais sincera ou mais extasiada fora oferecida do que esta que hoje subiu desta congregação de guerreiros adoradores reunidos sob a abóbada da cúpula como a que subiu sobre eles.

Revigorados pelo seu culto do domingo, e empolgados com a vitória do dia anterior, o heróico bando agora se lançou para tomar posse de sua herança, da qual somente o Vale de Clusone os separava. Fazia três anos e meio desde que haviam cruzado os Alpes, uma multidão de exilados, pessoas esqueléticas pelas doenças e confinamento, e agora eles estavam voltando, uma hoste guerreira, vitoriosa sobre o exército da França, e pronta para encontrar o Piemonte. Eles atravessaram o Clusone, uma planície de cerca de duas milhas de largura, regada pelas amplas, claras, águas da Garmagnasca, e limitada por colinas, que oferecem aos olhos uma sucessão de terraços, vestidas com as mais ricas vinhas, misturada com a castanha e a macieira. Eles entraram no estreito desfiladeiro de Pis, onde um destacamento de soldados do Piemonte tinha sido lançado para guardar a passagem, mas

que debandaram diante da aproximação dos valdenses, abrindo-lhes a porta de um dos mais grandiosos de seus vales, San Martino. No décimo segundo dia após a preparação feitas nas margens do Lago Leman, atravessaram a fronteira, e ficaram mais uma vez, dentro dos limites de sua herança. Quando se reuniram em Balsiglia, a primeira aldeia valdense que entraram no extremo oeste de San Martino, viram que o cansaço, deserção, e a batalha tinham reduzido o seu número de 800 para 700.

O primeiro domingo após o seu regresso foi na aldeia de Prali. De todos os seus santuários, somente a igreja de Prali permaneceu de pé; das outras, apenas as ruínas eram vistas. Eles resolveram dar início neste dia o seu culto antigo e bíblico. Purgando a igreja de seus ornamentos papistas, metade do pequeno exército, deixou as armas na porta e entrou no edifício, enquanto a outra metade ficou de fora; a igreja ficou muito pequena para conter todos. Henri Arnaud, o soldado-pastor, montando uma mesa que foi colocada na varanda, pregou para eles. Eles começaram a sua adoração cantando o Salmo 74 "Ó Deus, por que nos rejeitaste para sempre? Por que se acende a tua ira contra as ovelhas do teu pasto?". O pregador, em seguida, tomou como seu o texto base Salmos 129: "Muitas vezes me angustiaram desde a minha mocidade, diga agora Israel;". A maravilhosa história de seu povo que viveu antes deles, por assim dizer, e da reconquista de suas terras igualmente, deve ter chamado a realizações gloriosas de seus pais, provocando a emulação generosa de seus filhos. O culto foi encerrado com os 700 guerreiros cantando em coro o magnífico salmo de que seu líder havia pregado.

Para muitos parecia significativo que aqui o retorno dos exilados deveria passar seu primeiro domingo, e retomar os cultos do seu santuário. Lembraram-se como esta mesma aldeia de Prali tinha sido palco de terríveis ultrajes na época de seu êxodo. O Pastor de Prali, M. Leidet, um homem singularmente devoto, tinha sido descoberto pelos soldados quando estava orando sob uma rocha, e sendo arrastado por diante, foi torturado e mutilado, entregando seu espírito. "Foi certamente o caso, depois do silêncio de três anos e meio, durante a qual a fúria do perseguidor tinha proibido a pregação do evangelho da glória, que a sua reabertura deveria ter lugar no púlpito do mártir Leidet.

Capítulo 17 - Restabelecimento Final nos Vales

Travessia do Col Julien – Tomada de Bobbio – Juramento de Sibaud – Marcha para Villaro – Guerra de guerrilha – Retiro para La Balsiglia – Sua força – Beleza e Grandeza de San Martino – Acampamento em Balsiglia – Cercados – Inimigo repelido – Partida para o inverno – Retorno do exército francês e do Piemonte na Primavera – Balsiglia Atacada – Ataque do inimigo repelido – Ataque final com canhões – Maravilhoso livramento dos valdenses – Tratado de paz

Os valdenses tinham entrado na terra, mas ainda não tinham tomado posse dela. Eles eram um mero punhado, e teriam que enfrentar o grande e bem equipado exército do Piemonte, ajudado pelos franceses. Mas o grande líder de sua coragem acrescentou fé. A "nuvem" que os havia guiado pelas grandes montanhas, com suas neves e abismos, iria cobrir o seu arraial, e os levaria para batalhar, e os traria com a vitória. Não foi certamente para morrer na terra que tinham sido capazes de fazer tão maravilhosa marcha de volta para ela. Cheios de esperanças esses corajosos "setecentos" agora se dirigiram para a sua grande tarefa.

Eles começaram a escalar o Col Julien, que separa Prali do vale central e fértil dos valdenses, de Lucerna. Como eles se esforçaram e agora estavam perto do cume da passagem, os soldados do Piemonte, que haviam sido postados lá, gritaram: "Venham, que na guarda da passagem há três mil de nós!" Eles então vieram. Forçar as trincheiras e por em fuga a guarnição foi questão de alguns momentos. No campo evacuado os valdenses encontraram um estoque de munições e provisões, o que para eles era uma presa mais que oportuna. Descendo rapidamente as encostas e precipícios da grande montanha, eles surpreenderam e tomaram a cidade de Bobbio, que se aninha ao seu pé. Expulsando os habitantes papistas que tinham se estabelecido ao longo da terra, eles tomaram posse de suas antigas moradias, e pararam um pouco para descansar depois da marcha e dos conflitos do dia anterior. Aqui eles passaram o seu segundo domingo e o culto público novamente foi celebrado com a congregação cantando seus salmos para o embate de armas. No dia seguinte, reparando a "Rocha de Sibaud", onde seus pais haviam confessado a sua fé a Deus e uns aos outros, eles renovaram no mesmo local sagrado o juramento antigo, jurando com as mãos erguidas para cumprir firmemente a profissão do Evangelho, e uns para com os outros, e nunca depor as armas até que se restabelecessem a si mesmos e seus irmãos naqueles vales que eles acreditavam ter realmente sido dado a eles pelo Deus do céu como a Palestina tinha sido para os judeus.

Sua marcha seguinte foi para Villaro, que se situa a meio caminho entre Bobbio e La Torre, na entrada do vale. Esta cidade eles atacaram e tomaram, afugentando os novos habitantes. Mas aqui a sua carreira de conquista de repente foi interrompida. No dia seguinte, um forte

reforço de tropas regulares chegou; os valdenses estavam sob a necessidade de abandonar Villaro, e saindo, voltaram para Bobbio [Monastier, p. 356]. O exército valdense agora se dividiu em dois, e por muitas semanas teve que travar uma espécie de guerra de guerrilhas nas montanhas. Da França por um lado e do Piemonte por outro, afluíram soldados, na esperança de exterminar esse punhado de guerreiros. As privações e sofrimentos que suportavam eram tão grandes como as vitórias que conquistavam em suas escaramuças diárias. Mas apesar de estarem conquistando, suas fileiras estavam rapidamente diminuindo. Ainda que uma centena de inimigos tenha sido morta por um único valdense que caiu. Os piemonteses podiam recrutar novos soldados, os valdenses não. Eles não tinham agora nem munições nem provisões, salvo o que tiraram de seus inimigos, e, para aumentar as suas perplexidades, o inverno estava próximo, e enterraria suas montanhas nas suas neves, e os deixaria sem comida ou abrigo. Um conselho de guerra foi feito, e foi finalmente resolvido se refugiar no Vale de San Martino, e entrincheirar-se em La Balsiglia.

Isso nos leva à última posição heróica dos exilados que voltaram. Mas antes vamos esboçar a força natural e grandiosidade do local em que essa posição foi feita. Balsiglia está situado na extremidade ocidental de San Martino, cujo ponto rende algumas coisas grandiosas nos Alpes valdenses. Tem cerca de cinco quilômetros de comprimento por cerca de dois de largura, tendo como piso o mais rico prado da terra, e para as paredes, montanhas magnificamente decoradas com terraços, repleto de flores e frutos, e acima protegido com falésias lascadas e picos escuros. É fechado na extremidade ocidental pela face nua de uma montanha perpendicular, até que o Germagnasca é visto como um traço de uma enxurrada de prata. Os prados e bosques que vestem o seio do vale são cravados por uma ampla linha de cor branca, formado pela torrente, a cama do qual está cheia de rochas tantas que se assemelha a um rio contínuo de espuma.

Que as vestes das montanhas que formam as paredes limítrofes desse vale em nada poderiam ser mais esplêndidas. À direita, como que avançando para cima, ergue-se uma sucessão de terraços de vinhas, finamente diversificadas com plantações de milho e colinas de pedra, que são coroados com casas ou aldeias, olhando por entre as suas ricas coberturas do castanheiro e da macieira. Acima desta zona de árvores frutíferas estão as serras verdejantes, o recanto dos pastores, que por sua vez, dão lugar aos cumes rochosos que, em linhas onduladas e serradas, correm para os cumes mais elevados, que desaparecem entre as nuvens.

O lado esquerdo da parede da montanha é mais íngreme, mas igualmente rico em sua roupagem. Embrulhando seus pés está um tapete de pasto delicioso. Árvores, em um vasto perímetro, cobrindo em parte, com seus galhos mais abrangentes, a luz do sol. Mais acima estão campos de milho e florestas de castanheiros, e ainda mais acima é visto a bétula, com

seu tronco prateado e tranças graciosas. Junto às pedras lascadas acima corre uma linha de abetos eriçados, formando um poderoso obstáculo natural.

Se voltando para a parte superior do vale, perto do vasto precipício perpendicular já mencionado, que o fecha no oeste, é vista uma assembléia gloriosa de montanhas. Um cone poderoso eleva-se acima e atrás outro, até que o último e mais elevado enterra seu topo nas massas de nuvens, que são vistos normalmente pendurados como um dossel acima desta parte do vale. Estes nobres picos, em número de quatro, se erguem emplumados com pinheiros, e lembram um dos pináculos ornados de alguma catedral colossal. Esta é La Balsiglia. Foi nos terraços desta montanha que Henri Arnaud, com seus guerreiros, acampou, em meio às escuras tempestades de inverno, e ainda as tempestades mais escuras de um fanatismo furioso e armado. La Balsiglia lança suas pirâmides gigantescas para o céu, como se orgulhosamente estivesse consciente de ter sido o local de repouso da arca dos valdenses. Não é nenhum castelo erguido pelo homem, teve por seu construtor o Todo-Poderoso como seu próprio arquiteto.

Resta, para completar o quadro de um local tão famoso nas guerras de liberdade e de consciência, dizer que por trás do Balsiglia no oeste, ergue-se o imponente Col du Pis. É raro que esta montanha permita ao espectador uma visão completa de sua estatura, pois seu lado oculto corre para cima e enterra-se nas nuvens. Frente a frente com o Col du Pis, fica no outro lado do vale o ainda mais nobre Monte Guinevert, com, mais comumente, um véu de nuvens em torno dele, como se ele também não estivesse disposto a permitir aos olhos do visitante uma visão de suas proporções majestosas. Assim que esses dois Alpes, como gigantes gêmeos, guardam esse famoso vale.

Foi no terraço inferior desta montanha piramidal, La Balsiglia, que Henri Arnaud, o seu exército, agora, infelizmente reduzido a 400 - sentou-se. Visto a partir do nível do vale, o pico parece terminar em um ponto, mas ascendendo, o topo se expande em um planalto gramado. Íngreme e liso como uma fortaleza escarpada, é intransponível por todos os lados salvo por onde um fluxo de água corre passando pelas montanhas. A habilidade de Arnaud lhe permitiu aumentar a força natural da posição das defesas valdenses. Eles encerraram-se dentro das paredes de barro e valas; construíram trilhas secretas, cavaram algumas cavernas na rocha, guardaram provisões, e construíram cabanas como abrigos temporários. Três nascentes que jorravam da rocha forneceu-lhes água. Construíram trincheiras semelhantes em cada um dos três picos que se erguiam acima deles, de modo que se a primeira fosse tomada podiam ascender para a segunda, e assim por diante até a quarta. Na mais alta cúpula de La Balsiglia, que domina todo o vale, eles colocaram uma sentinela, para observar os movimentos do inimigo.

Apenas três dias transcorreram até que quatro batalhões do exército francês chegaram, e cercaram La Balsiglia por todos os lados. Em 29 de outubro, um ataque foi feito sobre a posição valdense, que foi repelido com grande matança do inimigo, e nenhuma perda para os defensores. As primeiras neves do inverno começaram a cair, e o general francês achou melhor adiar a missão de capturar La Balsiglia ainda na primavera. Destruindo todo o milho que os valdenses tinham recolhido e armazenado nas aldeias, começou a sua retirada de San Martino, e, tendo uma despedida lacônica dos valdenses, ele dissera que teria paciência até à Páscoa, quando voltaria a visitá-los [Monastier , p. 304-5].

Durante todo o inverno de 1689-1690, os valdenses permaneceram em suas fortalezas nas montanhas, descansando após as marchas, batalhas e cercos dos meses anteriores, e se preparando para o prometido retorno dos franceses. Quando Henri Arnaud mudava seu arraial, também se erguia um altar, e se do topo da montanha era dado o grito de batalha, dele também subia, de manhã e à noite, a oração e o salmo. Além das devoções diárias, Henri Arnaud pregava dois sermões semanais, um no domingo e outro na quinta-feira. Às vezes, ele ministrava a Ceia do Senhor. Nem a intendência foi esquecida. Traziam da ceifa uvas, castanhas, maçãs, e outros frutos, que o outono, agora próximo, os tinha amadurecido totalmente. Um forte destacamento fez uma incursão no vale francês de Pragelas e Queyras, e retornou com sal, manteiga, algumas centenas de cabeças de ovelhas e uns poucos bois.

O inimigo, antes de partir, destruiu seus estoques de grãos e, como os campos desde então estavam há longo tempo colhidos, eles perderam as esperanças de serem capazes de reparar suas perdas. E ainda assim o pão não faltou para eles durante todo o inverno; foi provido de uma forma tão maravilhosa que os convenceu de que Aquele que os alimentara o fez como as aves do céu. Amplos estoques de grãos estavam em torno de seu acampamento, apesar de desconhecidos para eles. A neve naquele ano começou a cair mais cedo do que o habitual, e encobriu o milho amadurecido, que os habitantes papistas não tiveram tempo de colher, quando a aproximação dos valdenses os obrigou a fugir. Deste inesperado depósito a guarnição tomou o que tinha necessidade. Mal sabiam os camponeses papistas que ao plantarem a semente na primavera as mãos valdenses colheriam a safra.

O milho tinha sido provido para eles, e, aos olhos dos valdenses, quase que miraculosamente foi como o maná para os israelitas, mas onde encontrariam os meios de beneficiá-lo para consumo? Quase ao pé do Balsiglia, no fluxo do Germagnasca, está um pequeno moinho. O proprietário, M. Tron Poulat, três anos antes, quando saía para o exílio com seus irmãos, atirou a pedra de moinho no rio, "pois", disse ele, "ela ainda pode ser necessária". Foi necessária agora, e sendo feita a busca, foi descoberta, retirada do córrego, e o moinho voltou a operar . Havia um outro e mais distante moinho, na entrada do vale, em que a guarnição recorreu quando os arredores junto ao La Balsiglia foram ocupados pelo inimigo, e os moinhos mais próximos não estavam disponíveis. Estes moinhos existem

até hoje; os seus telhados de cor castanha podem ser visto pelo visitante, olhando- se através da folhagem luxuriante do vale, a grande roda, e a torrente que o faz girar à toa passado em uma saraivada de água.

Com o retorno da primavera, o exército da França e do Piemonte reapareceu. La Balsiglia agora estava completamente investida, a força combinada era de 22.000 no total - 10 000 franceses e 12 000 piemonteses. As tropas foram comandadas pelo célebre De Catinat, tenente-general dos exércitos da França. Os "quatrocentos" valdenses olharam para baixo, de seu "acampamento de rocha" para o vale abaixo deles, e viram que reluzia como aço durante o dia e brilhava com fogueiras à noite. Catinat não tinha dúvidas que um único dia de luta lhe permitiria capturar o lugar, e que a vitória, que ele via como já ganha, poderia ser prontamente comemorada, ordenou que quatrocentas cordas fossem enviadas junto com o exército, a fim de amarrar cada um dos quatrocentos valdenses, e aos habitantes de Pinerolo preparar uma celebração de agradecimento pelo seu retorno da campanha. O quartel-general dos franceses estava na Grande Passagem, assim chamada em oposição à pequena passagem, situada a uma milha inferior do vale. A Grande Passagem conta cerca de trinta moradias, e está colocada sobre uma imensa laje de pedra que se projeta para fora do pé do Monte Guinevert, cerca de 800 metros acima do córrego, e em frente ao La Balsiglia. Nos flancos desta borda rochosa ainda podem ser vistos os sulcos feitos pelos canhões e carroças de bagagem do exército francês. Não pode haver dúvida de que estas marcas são os memoriais do cerco, pois nenhum outro veículo de rodas jamais foi visto no meio destas montanhas.*

* O autor foi conduzido ao local, e tinha todos os memoriais do cerco apontados por ele por dois guias confiáveis e inteligentes

-M. Turim , então pastor de Macel, cujos antepassados estavam entre aqueles do "retorno glorioso", e o falecido Sr. Tron, Síndico da comunidade. Os antepassados de M. Tron voltaram com Henri Arnaud, e recuperaram suas terras no Vale de San Martino, e aqui tinha a família de M. Tron vivido desde então, e os pontos específicos onde os acontecimentos mais marcantes da guerra tinham tomado lugar haviam sido transmitidos de pai para filho.

Tendo inspecionado a tropa, Catinat ordenou o ataque (1º de maio de 1690). Somente nesse lado de La Balsiglia onde um córrego escorre das montanhas, e que oferece uma inclinação gradual, em vez de uma parede de pedra como em todos os outros lugares, o ataque poderia ser feito com alguma chance de sucesso. Mas nesse ponto Henri Arnaud teve o cuidado de fortificar com uma paliçada. Quinhentos homens escolhidos, apoiados por sete mil mosqueteiros, avançaram para invadir a fortaleza [Monastier,

p. 369,370]. Eles avançaram com grande ímpeto; se jogaram em cima da paliçada, mas descobriram que era impossível derrubá-la, pois era formada por grandes troncos, presas por poderosas pedras. Reunidos por trás da defesa estavam os valdenses, os homens mais jovens carregando os mosquetes, e os veteranos atirando, enquanto os sitiantes estavam caindo em dezenas a cada salva de tiros. Os atacantes começaram a vacilar, e os valdenses fizeram um feroz ataque, espadas na mão, e cortaram em pedaços aqueles cujos mosquetes estavam na reserva. Das cinco centenas de soldados escolhidos apenas alguns sobreviveram para se juntar ao corpo principal que tinham sido espectadores de sua derrota total. Por incrível que pareça, não estamos certos de que seja um fato, que nenhum valdense foi morto ou ferido: nenhuma bala tinha tocado um deles. Os fogos de artifício que Catinat tinha sido tão providente quanto à oferta aos homens de Pinerolo para a preparação para celebrar a sua vitória não eram mais necessários naquela noite.

Desesperados em destruir a fortaleza por outros meios, os franceses trouxeram canhões, e não foi até o dia 14 de maio que tudo estava pronto, e que o último e grande ataque foi feito. Do outro lado da ravina em que o conflito que acabamos de descrever teve lugar, um imenso outeiro se projeta para fora, no mesmo nível de igualdade com as trincheiras mais baixas dos valdenses. Para esta rocha os canhões foram içados para atingirem a fortaleza. [Balas de canhão são ocasionalmente, encontradas nos arredores de Balsiglia. Em 1857, o autor mostrou uma no Presbitério de Pomaretto, que havia sido desenterrado um pouco antes.] Nunca antes havia o som de artilharia abalado as rochas de San Martino. Era a manhã de Pentecostes, domingo, e os valdenses estavam se preparando para celebrar a Ceia do Senhor, quando o primeiro tiro da bateria do inimigo se abateu sobre os seus ouvidos [Monastier, p. 371]. Por todo o dia os canhões continuaram, e os seus barulhos terríveis, ecoavam de rocha em rocha, e iam para cima das cúpulas do Col du Pis e do Guinevert, foi ainda mais intensificada por milhares de mosqueteiros que estavam estacionados em volta de todo o La Balsiglia. Quando a noite caiu as muralhas dos valdenses estavam em ruínas, e foi visto que não seria mais possível manter a defesa. O que poderia ser feito? O bombardeio tinha cessado por um momento, mas certamente a madrugada iria ver o ataque de novo.

Nunca antes a destruição parecia pairar tão inevitavelmente sobre os valdenses. Permanecer onde estavam era morte certa, mas para onde eles poderiam fugir? Atrás deles se levantavam os precipícios inescapáveis do Col du Pis, e abaixo deles ficava o vale cheio de inimigos. Se eles esperassem até a manhã romper seria impossível passar do inimigo sem ser visto; e mesmo agora, embora sendo noite, as inúmeras fogueiras que ardiam sob eles tornava o lugar quase tão claro como o dia. Mas a hora da sua extrema angustia foi o tempo da oportunidade de Deus. Muitas vezes antes foi visto ser assim, mas talvez não tão surpreendente quanto agora. Enquanto eles olhavam este e aquele caminho, e quando descobriram que não havia nenhum escape da rede que os cercava, a névoa começou a se

reunir nos cumes das montanhas ao redor deles. Eles sabiam que era o velho manto que foi lançado em torno de seus pais na hora do perigo. E rastejou para baixo e ainda mais abaixo nas grandes montanhas. Agora tocou o pico supremo de La Balsiglia.

Será que vai zombar suas esperanças? Será que só vai tocar, mas não cobrir o seu acampamento nas montanhas? Mais uma vez ele está em movimento; rolando abaixo suas ondas felpudas brancas, e agora ele paira em apriscos abrigados envolta de fortalezas de guerra e seu punhado de heróicos defensores. Eles não ousaram ainda tentar escapar, pois ainda as fogueiras queimavam no vale. Mas foi só por alguns minutos mais. A neblina manteve o seu curso descendente, e agora tudo estava escuro. Uma escuridão semelhante ao tártaro encheu desfiladeiro de San Martino.

Neste momento, em que a guarnição estava muda, ponderando sobre estas coisas que estavam a acontecer, o capitão Poulat, um nativo destas regiões, quebrou o silêncio. Pediu-lhes que tivessem bom ânimo, pois ele conhecia os caminhos, e iria conduzi-los além das linhas francesas e piemontesas, por uma trilha que só ele conhecia. Rastejando com as mãos e joelhos, e passando perto das sentinelas francesas, ainda escondidos deles pela neblina, desceram pelos assustadores precipícios, e fizeram a sua fuga. "Quem não viu esses caminhos", diz Arnaud em sua Rentrée Glorieuse, "não pode conceber o perigo deles, e será inclinado a considerar o meu relato da marcha uma mera ficção. Mas é rigorosamente verdade. E devo acrescentar, o lugar é tão terrível que mesmo alguns dos valdenses ficaram aterrorizados quando viram pela luz do dia a natureza do lugar que tinham passado na escuridão". Quando o dia amanheceu, todos os olhos na planície estavam voltados para La Balsiglia. Naquele dia, tanto as quatrocentas cordas que Catinat tinha trazido quanto a celebração em Pinerolo estavam prontas. Qual foi sua surpresa ao encontrar La Balsiglia abandonada! Os valdenses haviam escapado e se foram, e podiam ser visto sobre as montanhas distantes, subindo a neve longe do alcance dos seus captores. Bem, agora eles podiam cantar —

"Nossa alma escapou como um pássaro do laço dos passarinheiros.

O laço foi rompido, e nós escapamos"

Seguiram-se vários dias, durante o qual vagaram de monte em monte, ou se escondeu nas florestas, sofrendo grandes privações e enfrentando vários perigos. Por fim, eles conseguiram chegar a Pra del Tor. Para seu espanto e alegria, ao chegar a este celebrado e santificado ponto, eles encontraram os representantes de seu príncipe, o duque de Sabóia, esperando-os com um tratado de paz. Aos valdenses parecia um sonho. Um tratado de paz! Como isso? Uma coalizão de países, incluindo Alemanha, Inglaterra, Holanda e Espanha, havia sido formada para verificar a ambição da França, e três dias tinham sido dados a

Victor Amadeus para dizer de que lado ele iria juntar-se, a esta Liga ou a Luis XIV. Ele resolveu romper com Luis e tomar parte com a coalizão. Neste caso, a quem ele poderia muito bem confiar as chaves dos Alpes senão aos seus fiéis valdenses? Daí o acordo que os esperava em Pra del Tor. Sempre prontos para se reunir em torno do trono de seu príncipe, o momento em que a mão da perseguição foi retirada, os valdenses aceitaram a paz oferecida. Suas cidades e terras foram restauradas; suas igrejas foram reabertas para o culto; seus irmãos, ainda na prisão em Turim, foram libertados, e os seus conterrâneos na Alemanha receberam passaportes para retornar aos seus lares; e assim, após um triste intervalo de três anos e meio, os vales foram novamente povoados com a sua antiga raça, e ressoava com suas antigas canções. Então, se encerrou o famoso período de sua história, que, em relação as maravilhas, podemos dizer aos milagres, que os acompanhavam, podemos comparar apenas com a marcha do povo eleito através do deserto para a Terra Prometida.

Capítulo 18 - Condições dos valdenses desde 1690

Aborrecimentos — Encargos — Contribuições dos Estrangeiros — Revolução francesa — Avivamento Espiritual— Felix Neff — Dr. Gilly — General Beckwith — Condições oprimidas anteriores a 1840 — Edital de Carlos Alberto — Liberdade de Consciência — A Igreja valdense, a porta por onde a Liberdade Religiosa entrou na Itália — A lâmpada acesa em Roma

Com este segundo plantio dos valdenses em seus vales, o período de suas grandes perseguições pode ser dito ter chegado ao fim. Sua segurança não era completa, nem a medida da sua liberdade era total. Eles ainda estavam sujeitos a algumas opressões; os inimigos sempre estavam a criar boatos para prejudicá-los; pequenos grupos de jesuítas de vez em quando apareciam em seus vales, os precursores, como geralmente eram chamados, com algum novo e hostil edital; eles viviam em constante apreensão de ter os poucos privilégios que tinham sido concedidos cancelados; e em uma ocasião, eles estavam realmente ameaçados de uma segunda expatriação. Eles sabiam, além disso, que Roma, o verdadeiro autor de todos os seus males e aflições, ainda planejava seu extermínio, e que ela havia feito um protesto formal contra a sua reabilitação, e dado ao duque claramente a entender que ser amigo dos valdenses era ser inimigo do Papa. [Monastier, p. 389. Declaração do Papa Inocêncio XII. (19 de agosto de 1694); o edital do duque, que restabeleceu os valdenses era considerado nulo e sem efeito, e intimou seus inquisidores a não prestar atenção a ele em sua perseguição aos hereges]. Não obstante, a sua condição era tolerável em comparação com as terríveis tempestades que tinha escurecido seu céu em épocas anteriores.

Os valdenses tinham tudo para começar de novo. Sua população fora dizimada, pois foram abatidos pela pobreza; mas tinham grande poder de recuperação; e seus irmãos na Inglaterra e na Alemanha apressaram-se a ajudá-los a reorganizar a sua Igreja, bem como toda a organização civil e eclesiástica que o "exílio" havia tão rudemente feito em pedaços. William III da Inglaterra incorporou um regimento de valdenses as suas próprias custas, o qual colocou a serviço do duque, e foi devido a este regimento principalmente que o duque não foi totalmente derrotado em suas guerras com o seu antigo aliado, Luis XIV. Em um determinado momento da campanha, quando pressionado, Victor Amadeus teve que apelar pela proteção dos valdenses, quase no local exato onde os representantes de Gianavello haviam implorado a ele para a paz, mas haviam implorado em vão.

Em 1692, havia doze igrejas nos vales; mas o povo não tinha condições de manter um pastor em cada uma delas. Eles estavam sendo pesadamente taxados por tributos militares. Além disso, uma exigência imperativa foi feita sobre eles, para pagamento das dívidas de

impostos que haviam se acumulado em relação às suas terras durante os três anos em que estiveram ausentes e quando eles não haviam nem semeado ou colhido. Qualquer coisa mais extorsiva não poderia ser imaginada. Em sua dificuldade extrema, Maria da Inglaterra, consorte de William III, concedeu-lhes uma "subvenção real", para prover pastores e professores, e este subsídio foi ainda maior com o aumento do número de igrejas, até que alcançou o montante anual de 550 libras. Uma coleta que foi feita na Grã-Bretanha no período subsequente (1770) permitiu um aumento dos salários dos pastores. Este fundo tinha o nome de "subvenção nacional", para distingui-lo do primeiro, a "subvenção real". Os Estados Gerais da Holanda seguiram o caminho do soberano Inglês, e fizeram coletas para os salários dos professores, gratificações aos pastores aposentados, e para a fundação de uma escola de latim. Também não podemos deixar de citar os protestantes da Suíça que concederam bolsas a estudantes dos Vales em suas academias — uma na Basiléia, cinco em Lausanne, e duas em Genebra [Muston, p. 220-1. Monastier, p. 388-9].

A política da Corte de Turim para com os valdenses mudou junto com a grande corrente política européia. Em um momento desfavorável, quando a influência do Vaticano estava em ascensão, Henri Arnaud, que tão gloriosamente os levou de volta ao Israel dos Alpes, à sua antiga herança, foi banido dos vales, junto com outros, seus companheiros de patriotismo e virtude, para o exílio. Na Inglaterra, através de William, tentou chamar o herói à sua terra, mas Arnaud retirou-se para Schoenberg, onde passou seus últimos anos no exercício humilde e carinhoso dos deveres de um pastor entre os seus compatriotas expatriados, cujos passos ele guiou para as moradas celestiais, como tinha feito os seus irmãos à sua pátria terrestre. Ele morreu em 1721, aos quarenta anos de idade.

O século se passou sem que nenhum acontecimento muito notável ocorresse. A condição espiritual dos valdenses definhou. O ano de 1789 trouxe com ele mudanças impressionantes. A Revolução Francesa soou no sino dos velhos tempos, e introduziu terremotos que abalaram as nações, e derrubaram tronos e altares que estavam no poder por uma nova era política. Os valdenses, mais uma vez passaram para o domínio da França. Seguiu-se um aumento de seus direitos civis, e uma melhoria de sua condição social, mas, infelizmente, com a amizade da França veio o veneno de sua literatura, e o voltairianismo [N.T.: corrente de pensamento do filósofo francês Voltaire] ameaçou causar ferimentos mais mortais para a Igreja dos Alpes do que todas as perseguições dos séculos anteriores. Na restauração os valdenses foram devolvidos aos seus antigos soberanos, e com seu retorno à Casa de Sabóia, eles voltaram para suas antigas restrições, embora a mão da perseguição sangrenta não pudesse ser mais estendida.

O tempo estava se aproximando agora para esse povo venerável obter a emancipação final. Esse grande livramento que se levantou sobre eles, como o dia sobre a terra, foi em lentas etapas. A visita feita a eles por Felix Neff, em 1808, foi o primeiro amanhecer de seu novo

dia. Com ele, um sopro do céu, sentiu-se, e passou ao longo dos ossos secos. A próxima etapa da sua ressurreição foi a visita do Dr. Stephen William Gilly, em 1828. Ele lembrando, nos diz, que a convicção de que "este é o local de onde é provável que o grande semeador voltará a lançar a sua semente, quando for do seu agrado permitir que a Igreja pura de Cristo retome o seu lugar nesses estados italianos de onde as intrigas do Pontificado o desalojou"[Waldensian Researches, by William Stephen Gilly, M.A., Prebendary of Durham; p. 158; Lond., 1831]. O resultado da visita do Dr. Gilly foi a construção de um colégio em La Torre, para a instrução dos jovens e a formação de ministros, e um hospital para os doentes; além de despertar um grande interesse em seu nome, na Inglaterra. [Era tão grande a ignorância em relação a este povo, que Sharon Turner, falando dos valdenses, em sua História da Inglaterra, colocou-os como habitantes das margens do Lago Leman, confundindo os Vales dos valdenses com este local].

Depois do Dr. Gilly, levantou-se outro amigo para ajudar os valdenses, e prepará-los para o seu dia de libertação. A carreira do general Beckwith é como um romance não muito diferente daquele que pertence à vida de Inácio de Loyola. Beckwith era um jovem soldado, e era bravo, cavalheiresco, ambicioso de glória como Loyola. Ele tinha passado ileso por batalhas e cercos. Ele lutou na Batalha de Waterloo até o inimigo debandar e o sol se por. Mas um soldado em fuga descarregou seu mosquete ao acaso, e a perna do jovem oficial foi atingida pela bala. Beckwith, como Loyola, passou meses sobre um leito de dor, durante o qual ele tirou de sua mala a Bíblia negligenciada, e começou a ler e estudar. Ele tinha se deitado, como Loyola, um cavaleiro da espada, e como ele, levantou-se um cavaleiro da cruz, mas num sentido verdadeiro.

Um dia, em 1827 ele fez uma visita a Apsley House, e enquanto esperava o duque, pegou um volume que estava sobre a mesa. Era a narrativa do Dr. Gilly de sua visita aos valdenses. Beckwith sentiu-se atraído irresistivelmente por um povo cuja história maravilhosa este livro o fez conhecer pela primeira vez.

A partir desse momento a sua vida foi consagrada a eles. Ele viveu entre eles como um pai. Ele dedicou sua fortuna para eles. Ele construiu escolas, igrejas e casas pastorais. Ele proporcionou mais livros escolares, e sugeriu melhores métodos de condições de ensino. Ele se esforçou, acima de tudo em tornar mais profunda a sua vida espiritual. Ele ensinou-os a como responder às exigências dos tempos modernos. Ele incutia neles especialmente que o campo era maior do que os seus vales; e que um dia eles seriam chamados para se levantar e caminhar através da Itália, no comprimento e na largura da mesma. Ele foi o seu advogado na Corte de Turim; e quando ele tinha obtido para eles a posse de um cemitério, fora de seus vales, ele exclamou: "Agora eles têm a investidura do Piemonte, como fizeram os patriarcas de Canaã, e logo toda a terra será deles". [O autor pode ser autorizado a dar o seu testemunho pessoal em relação aos trabalhos do general Beckwith em prol dos

valdenses, e através deles para a evangelização da Itália. Na ocasião de sua primeira visita aos vales em 1851, ele passou uma semana na maior parte do tempo na companhia do general, e teve detalhes de sua própria boca dos métodos que estava seguindo para a elevação da Igreja dos valdenses. Por todos os vales ele era reverenciado como um pai. Sua denominação comum entre eles era "o benfeitor dos valdenses"].

Mas apesar dos esforços de Gilly e Beckwith, e do crescente espírito de tolerância, os valdenses continuaram a gemer sob uma carga de incapacidades políticas e sociais. Eles ainda eram uma raça proscrita.

Os amplos limites que seus vales outrora tinham, nos últimos tempos, foram grandemente reduzidos, e como a célula de ferro na história, seu território foi anualmente quase apertado como um círculo em volta deles. Eles não podiam ter propriedade, ou mesmo fazenda, uma porção de terra, ou praticar qualquer negócio, além de sua própria fronteira. Eles não podiam enterrar seus mortos senão nos vales, e quando por acaso qualquer um de seus cidadãos morria em Turim ou em outros lugares, seus corpos tinham que ser levados por todo o caminho aos seus próprios cemitérios. Eles não tinham permissão para erigir uma lápide de seus mortos, ou mesmo incluir em sua sepultura um muro. Eles eram excluídos de todas as profissões liberais e graduadas — eles não podiam ser banqueiros, médicos ou advogados. Nenhuma ocupação era permitida a eles senão cuidar de seus rebanhos e poda das suas vinhas. Quando algum deles emigrava para Turim, ou outra cidade do Piemonte, não era permitido exercer outra atividade senão de empregados domésticos. Não havia nenhuma máquina de impressão em seus vales — eram proibidos de ter uma; e os poucos livros que possuíam, na maior parte Bíblias, catecismos e hinários, foram impressos no exterior, principalmente na Grã-Bretanha, e quando chegavam em La Torre; o moderador tinha que assinar diante do revisor chefe um termo de compromisso de que esses livros não devessem ser vendidos, ou mesmo emprestados, para um católico romano [General Beckwith: his Life and Labours, &c. By J.P. Meille, Pastor of the Waldensian Church at Turin. P. 26. Lond., 1873].

Eles foram proibidos de evangelizar ou fazer conversões. Mas, apesar de algemados por um lado, eles não estavam protegidos por outro, pois os padres tinham plena liberdade para entrar nos seus vales, e fazer prosélitos; e se um menino de doze anos ou uma menina de dez professasse desejo de entrar na igreja romana, eles podiam ser tirados de seus pais, para poderem, com mais liberdade exercer a sua intenção. Eles não podiam se casar salvo com os de seu próprio povo. Eles não podiam erguer um templo salvo no solo do seu próprio território. Eles não podiam ter nenhum grau de instrução em qualquer das faculdades do Piemonte. Em suma, os deveres, direitos e privilégios que constituem a vida lhes foram negados. Eles foram reduzidos tanto quanto foi possível a uma simples existência, com esta

única grande exceção — a qual foi concedida não como um direito, mas como um favor— ou seja, a liberdade de culto dentro de seus limites territoriais.

A Revolução de 1848, com o repique da trombeta, soou a derrubada de todas essas restrições. Elas caíram em um dia. O objetivo final da Providência em preservar esse povo durante longos séculos de tenebrosas perseguições agora passou a ser visto. A Igreja Valdense tornou-se a porta pela qual a liberdade de consciência entrou na Itália. Quando chegou a hora de elaborar uma nova constituição para o Piemonte, verificou-se necessário dar espaço permanente nessa constituição para os valdenses, e isso exigiu a introdução no edital do grande princípio da liberdade de culto como um direito. Os valdenses tinham batalhado por esse princípio por séculos — o tinham mantido e defendido pelo seu sofrimento e martírio; e por isso foi necessário a demanda, e o governo do Piemonte concedeu esse grande princípio. Foi a única das muitas novas constituições moldadas para a Itália na mesma época em que a liberdade de consciência foi promulgada. Agora ele teria encontrado um lugar na constituição do Piemonte, mas para a circunstância de que aqui estavam os valdenses, e que o seu grande princípio distintivo exigia o reconhecimento legal, caso contrário, ficaria de fora da Constituição. Os valdenses haviam lutado sozinhos a batalha, mas todos os seus conterrâneos compartilharam com eles os frutos da grande vitória. Quando a notícia do Statuto de Carlos Alberto chegou a La Torre havia saudações nas ruas, salmos nas igrejas, e fogueiras em chamas durante a noite no cume dos Alpes nevados.

Na porta de seus vales, com a lâmpada na mão, o óleo que não se acaba e sua luz que não se extingue, é vista, na época de 1848, a Igreja dos Alpes, preparada para obedecer à convocação de seu Rei celestial, que já passou por terremotos e tufões, derrubando os tronos antigos que a oprimiram, e abrindo as portas de sua antiga prisão. Ela agora vai adiante para ser "A Luz de toda a Itália" ["Totius Italiae lumen"], como o Dr. Gilly, trinta anos antes, havia predito que ela um dia iria se tornar. Felizmente nem toda a Itália ainda, mas somente o Piemonte, foi aberto para ela. Dirigiu-se com zelo ao trabalho de construir igrejas e formar congregações em Turim e em outras cidades do Piemonte. Por muito tempo estranho ao trabalho evangelístico, para a Igreja valdense havia tempo e oportunidade, portanto, de adquirir a coragem e hábitos mentais práticos necessários nas novas circunstâncias em que ela foi agora colocada. Ela preparou evangelistas, juntou fundos, organizou faculdades e congregações, e de várias outras formas aperfeiçoou sua estrutura em antecipação ao campo mais vasto que a Providência estava prestes a abrir para ela.

É agora o ano de 1859, e o drama que tinha parado desde 1849, mais uma vez começa a avançar. Nesse ano, a França declarou guerra contra a ocupação da Áustria na península italiana. A tempestade da batalha passou das margens do Po às do Adige, ao longo da planície da Lombardia, rápida, terrível e decisiva como as nuvens de trovão dos Alpes, e o

recuo austríaco diante do exército vitorioso dos franceses. O sangue das três grandes batalhas da campanha estava quase seco e a Lombardia austríaca, Modena, Parma, Toscana, e parte dos Estados Pontifícios, tinham sido anexados ao Piemonte, e seus habitantes se tornaram concidadãos dos valdenses. Com apenas uma pausa seguiu-se a brilhante campanha de Garibaldi na Sicília e Nápoles, e esses territórios ricos e amplos, também foram adicionados ao reino agora magnífico de Victor Emmanuel.

Toda a Itália, dos Alpes até o Etna, exceto os "Estados da Igreja", agora se tornou o campo da Igreja valdense. Nem era esse campo no final do drama. Mais dez anos passaram e a França novamente enviou seus exércitos para a batalha, acreditando que poderia alcançar a vitória como dantes. O resultado da breve, mas terrível campanha de 1870, em que o império francês desapareceu e o alemão surgiu, foi a abertura das portas de Roma. E observemos — pois neste incidente ouvimos a voz de dez séculos — na primeira fila dos soldados, cujo tiro de canhão explodiu nos velhos portais, entrou um colportor valdense com um feixe de Bíblias. Os valdenses agora acenderam a sua lâmpada em Roma, e o objetivo de todos os tempos é revelado!

LUX LUCET IN TENEBRIS